

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO
ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL
DE SANTO CRISTO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rocheli Andréia Diel

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO

Rocheli Andréia Diel

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Área de concentração em Arquitetura e Patrimônio Material da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a. Denise de Souza Saad

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado

**O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL
DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO**

Elaborada por

Rocheli Andréia Diel

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Denise de Souza Saad, Dr^a
(Presidente/Orientadora – UFSM)

Giane de Campos Grigoletti, Dr^a. (UFSM)

Roberta Krahe Edelweiss, Dr^a. (Unisinós)

Santa Maria, 03 de Julho de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me conduzido com muita luz, disposição e força nesta etapa e em toda a minha vida.

A Universidade Federal de Santa Maria, que foi desde a graduação, no curso de Arquitetura e Urbanismo a base sólida na busca de conhecimentos e para minha formação profissional.

À minha orientadora Prof. Denise de Souza Saad, pelo auxílio, pela orientação, pelo suporte no desenvolvimento do trabalho. Aos demais professores do Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, que me incentivaram na busca de novas pesquisas e possibilitaram maiores conhecimentos. Um agradecimento especial aos colegas pelos bons momentos compartilhados.

Aos colegas arquitetos e urbanistas, mestres em Patrimônio Cultural, Camila Preissler, Pedro Couto Moreira e Michelle Morais pelo grande auxílio e troca de experiências durante a realização da dissertação.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela compreensão de minha ausência e limitações e pela grande ajuda nos trabalhos de campo.

Ao meu irmão Diego, cunhada Camila e afilhado Bernardo pelo grande exemplo e incentivo e mesmo estando muito longe sempre souberam o sentido dos sentimentos verdadeiros.

Ao meu irmão Gabriel, por ter me acolhido em seu apartamento em Santa Maria e por ter me incentivado para concluir este trabalho até o último detalhe.

As minhas para sempre amigas Camila, Caroline, Claudia, Danielle, Giceli, Letícia, Michelle e Thaís que fizeram das minhas idas para Santa Maria motivos de reencontro e de muita alegria.

Às minhas queridas amigas de Santo Cristo pelo permanente incentivo, pelo grande apoio na etapa final deste trabalho, pela compreensão de meus momentos de ansiedade, nervosismo e ausência.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram e me apoiaram durante este percurso.

“Os edifícios se distinguem dos demais produtos humanos por sua durabilidade: enquanto os demais instrumentos desaparecem no decorrer de uma vida, os prédios atravessam muitas gerações. (...) É esse contraste entre a aparência dos edifícios e a fugacidade dos utensílios que explica o fascínio da arquitetura (...). Esse fato esclarece porque sentimos prazer ao contemplar uma casa modesta erguida a séculos atrás, que na época de sua construção não despertava o menor sentimento estético. Essa casa não era bela para seus contemporâneos, mas se tornou bela para nós, por ter sobrevivido ao tempo. Sua época desapareceu, mas o edifício ficou: ela é bela porque está impregnada de eternidade.”

Maurício Puls, do livro *Arquitetura e filosofia*, 2006.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO

AUTOR: ROCHELI ANDRÉIA DIEL
ORIENTADORA: Dr^a. DENISE DE SOUZA SAAD
Santa Maria, 03 de Julho de 2015.

O patrimônio arquitetônico possibilita a uma comunidade o conhecimento de seu passado, pois ele conserva a sua história, já que a paisagem urbana é uma das representações físicas da identidade da cidade e de seus habitantes. A arquitetura é uma das principais manifestações para a análise e entendimento da história das cidades, pois as edificações são meios importantes de reconhecimento e referência urbana. A edificação, categoria do patrimônio arquitetônico, se encontra muito presente na vida diária de uma comunidade, trata-se de um importante meio de valorização cultural ao longo das gerações. Ressalta-se que antes de qualquer ação preservacionista é fundamental identificar e coletar todas as informações pertinentes dos bens patrimoniais a serem protegidos. O inventário se destaca como um meio eficaz de preservação, pois além da documentação, é capaz de conservar a memória coletiva, proporcionando o respeito e a valorização dos bens. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é o desenvolvimento do Inventário do Patrimônio Arquitetônico Enxaimel da área rural de Santo Cristo, através do levantamento de edificações relacionadas com a formação do município e que se caracterizem pelo uso da técnica do enxaimel. Para a catalogação das edificações foram utilizadas as fichas de inventário utilizadas pelo IPHAE e os critérios de seleção foram além do recorte temporal (1910 a 1960), as suas relevâncias Histórico-Culturais e Morfológico-Arquitetônicas. Foram inventariadas doze edificações da área rural do município de Santo Cristo, através do levantamento físico das edificações, registro de suas particularidades, características construtivas, análise técnica e fotográfica. A partir destas análises foi confeccionado o Jogo da Memória Patrimonial que visa a divulgação e valorização do patrimônio. Como conclusão, pretende-se colaborar para a construção do conhecimento e divulgação junto a comunidade deste patrimônio que está passando despercebido, resgatando desta forma as memórias urbana e rural, contribuindo para o desenvolvimento de novas políticas públicas.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Arquitetura. Enxaimel. Inventário.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Professional Post Graduation Program in Cultural Patrimony
Federal University of Santa Maria, RS State, Brazil

THE INVENTORY OF THE ENXAIMEL ARCHITECTURAL HERITAGE IN THE CONTRYSIDE OF SANTO CRISTO

AUTHOR: ROCHELI ANDRÉIA DIEL
ADVISOR: Dr^a. DENISE DE SOUZA SAAD
Santa Maria, July, 03th 2015.

The architectural heritage provides the community the knowledge about its past as it retains its history, once that the urban landscape is one of the physical representations of the city's identity and its inhabitants. The architecture is a main manifestation for the cities' history analysis and understanding, because the buildings are important means of recognition and urban reference. The building, an architectural heritage category, is very present in the daily life of a community, it is an important means of cultural appreciation over the generations. It is emphasized that before any preservationist action it is essential to identify and collect all relevant information of the heritage assets to be protected. The inventory stands as an effective means of preservation, because besides the documentation, it is able to keep the collective memory, providing the heritage assets' respect and appreciation. So, the general objective of this survey is to develop the inventory of the Enxaimel architectural heritage in the countryside of Santo Cristo, by searching buildings related the city formation and which are characterized by the use of the enxaimel technique. In order to catalog the buildings, the inventory records used by IPHAE have been used and the selection criteria were beyond the time frame (1910-1960), its Cultural-Historical and Architectural-Morphological relevance. There have been inventoried twelve buildings in the countryside of Santo Cristo, based on the physical buildings survey, their particularities records, constructive characteristics, technical photographic analyses. From these analyzes the Patrimonial Memory Game was made the aimed at the heritage spreading and appreciation. As a conclusion, it is intended to contribute to the knowledge building and the heritage dissemination to the community as it is being unnoticed, as a consequence rescuing the urban and rural memories, contributing to the development of new public policies.

Key words: Cultural heritage. Architecture. Enxaimel. Inventory

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da colonização alemã a partir de 1850.....	27
Figura 02 – Esquema de uma aldeia alemã, aldeia monte ou ponto.....	28
Figura 03 – Construção em blocausse.....	28
Figura 04 – Enxaimel na Baixa-Alemanha (vestfalianos e pomeranos).....	29
Figura 05 – Enxaimel na Média-Alemanha (renanos).....	29
Figura 06 – Enxaimel na Alta-Alemanha (bávaros e regiões limítrofes).....	29
Figura 07 – Contraventamento e homem selvagem.....	31
Figura 08 – Mulher suaba e homem.....	31
Figura 09 – Escora e Cruz-de-Santo-André.....	31
Figura 10 – Elementos do sistema construtivo enxaimel.....	32
Figura 11 - Planta baixa típica alemã no século XVIII.....	33
Figura 12 – Casa de colonos pioneiros no Vale do Rio dos Sinos, RS.....	34
Figura 13 – Conjunto casa e cozinha – Residência Weber, Santo Cristo.....	37
Figura 14 – Planta baixa típica do imigrante alemão no Brasil.....	37
Figura 15 – Casa da família Ghel.....	38
Figura 16 – Mapa do RS: Localização de Santo Cristo.....	40
Figura 17 – Mapa de Santo Cristo com seus limites e localidades.....	40
Figura 18 – Acampamento dos primeiros colonizadores na Linha Salto em 1912.....	43
Figura 19 – Construção da primeira escola paroquial de Santo Cristo.....	44
Figura 20 – Mapa da cidade de Santo Cristo.....	45
Figura 21 – Mapa com a localização das edificações inventariadas.....	57
Figura 22 – Fundação de pedra – Residência Kreutz I.....	108
Figura 23 – Pilares de tijolos maciços substituem os antigos pilares de madeira na fundação – Residência Theisen.....	109
Figura 24 – Fundação de alvenaria de tijolos maciços e porão semi-enterrado – Residência Assmann.....	109
Figura 25 – Peças de madeira aparentes e pintadas com cor mais escura – Residência Schommer.....	110
Figura 26 – Alvenaria e estrutura de madeira pintados da mesma cor –	

Residência Angst.....	110
Figura 27 – Paredes externas da edificação em madeira – Residência Jung.....	111
Figura 28 – Cobertura da residência com quatro águas e telhas metálicas – Residência Sander.....	112
Figura 29 – Cobertura da residência com duas águas e telhas cerâmicas francesas – Residência Ghiel.....	112
Figura 30 – Cozinha em edificação anexa ao corpo principal da casa – Residência Weber.....	113
Figura 31 – Cozinha integrada ao corpo principal da casa – Residência Assmann...113	
Figura 32 – Planta baixa Residência Schummacher.....	114
Figura 33 – Planta baixa Residência Kreutz II.....	114
Figura 34 – Planta baixa Residência Jung.....	115
Figura 35 – Planta baixa Residência Schommer.....	115
Figura 36 – Planta baixa Residência Freisleben.....	116
Figura 37 – Planta baixa Residência Sander.....	116
Figura 38 – Planta baixa Residência Assmann.....	117
Figura 39 – Fachada Residência Angst.....	117
Figura 40 – Fachada Residência Ghiel.....	118
Figura 41 – Peça integrante do Jogo da Memória Patrimonial.....	120
Figura 42 – Cartas do Jogo da Memória Patrimonial.....	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Variantes do sistema construtivo enxaimel.....	29
Quadro 02 – Elementos do sistema construtivo enxaimel.....	31
Quadro 03 – Formação administrativa do município de Santo Cristo.....	42
Quadro 04 – Localização e ano de construção das residências inventariadas.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CIAM	Congresso Internacional da Arquitetura Moderna
CPHAE	Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ICOMOS	Conselho Internacional de monumentos e sítios.
IPAC – MG	Inventário de proteção ao patrimônio cultural de Minas
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
RS	Rio Grande do Sul
SPAN	Serviço do Patrimônio Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 A preservação do patrimônio cultural	15
2.2 O inventário do patrimônio arquitetônico como etapa para a preservação	21
2.3 Definição dos valores das edificações inventariadas	23
2.4 A imigração alemã no Brasil e no Rio Grande do Sul	24
2.4.1 Evolução da arquitetura rural alemã	27
2.4.2 Organização da propriedade rural e a arquitetura enxaimel no Rio Grande do Sul.....	33
2.5 A história e o desenvolvimento do município de Santo Cristo	38
3. MATERIAIS E MÉTODOS	47
3.1 Modelo de ficha a ser preenchida para o inventário do Patrimônio Arquitetônico enxaimel de Santo Cristo	52
3.2 Critérios de seleção das edificações inventariadas	54
4. INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO	58
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	107
5.1 Jogo da Memória Patrimonial.....	119
6. CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	129
ANEXO A – Ficha de inventário do IPHAN	129
ANEXO B – Valores de seleção estabelecidos aos bens inventariados, segundo o Sistema de Rastreamento Cultural - IPHAE	131

1. INTRODUÇÃO

A memória apresenta-se como uma ligação entre o passado e o presente, através dela pode-se conectar história, identidade e espaço. O resgate da memória é imprescindível, pois permite a construção da identidade de indivíduos e de grupos. A memória relaciona-se diretamente com o passado e se manifesta através dos acontecimentos do presente, ativando o passado e até mesmo o reconstruindo, a partir de novas necessidades e questionamentos.

A preservação tem por objetivo manter a identidade cultural de uma sociedade, de sua história e modos de vida. As transformações que acontecem nas cidades, de maneira cada vez mais rápida, imprimem importância social e cultural à preservação. Diante disso, é necessário que medidas sejam tomadas a fim de contribuir para que o patrimônio seja preservado, pois este expressa e simboliza a identidade das cidades, e, além disso, requer reflexões sobre sua salvaguarda como arquitetura, paisagem e espaço urbano.

A memória social tem como suporte o patrimônio cultural edificado, pois as áreas urbanas e as edificações que sejam dotadas de valor patrimonial podem ser base para a construção da mesma, servindo de estímulo para reativar a memória coletiva em uma formação sócio-territorial.

O estudo do patrimônio arquitetônico enxaimel de Santo Cristo, através de um inventário, é o objetivo desta pesquisa, que tem como proposta constatar os atributos de valor – histórico, artístico e arquitetônico – das obras identificadas, representantes de um momento importante de formação do município.

O patrimônio carrega-se de sentimentos, pois tanto as edificações como os objetos e costumes, transmitem uma grande bagagem de informações, acontecimentos e a própria história. Uma das mais antigas formas de preservação do patrimônio, em nível internacional, é o inventário, que consiste em uma forma de conservação da memória, possibilitando a manutenção da história, da imagem e o simbolismo do patrimônio edificado.

O patrimônio histórico ou o patrimônio arquitetônico estão relacionados com o cotidiano das pessoas, já que as igrejas, prédios públicos e casas antigas são em geral chamados de patrimônio histórico. O inventário, com a pretensão de contribuir para a história da cidade e preservar testemunhos do passado, deverá se tornar público e ser utilizado como instrumento para o desenvolvimento de educação patrimonial garantindo, desta forma, a valorização dos bens pela comunidade.

O presente trabalho tem como tema o Inventário do Patrimônio Arquitetônico Enxaimel da área rural de Santo Cristo, e consiste no levantamento de edificações construídas com a técnica enxaimel, por meio de pesquisa das características e particularidades, adotando-se fundamentação de natureza arquitetônica, histórica e cultural para sua execução. O município de Santo Cristo conta com exemplares importantes por estarem vinculados à memória, por isso, despertar o sentimento de preservação na população, torna-se fundamental.

O problema da pesquisa volta-se para a averiguação e o reconhecimento das edificações que possam ser consideradas patrimônio arquitetônico enxaimel do município. Faz-se necessário a documentação destes exemplares para que se possa preservar de modo adequado e divulgar o valor destes bens. A produção arquitetônica será reconhecida através do registro dos bens e do inventário.

O **OBJETIVO GERAL** da investigação é o desenvolvimento do Inventário do Patrimônio Arquitetônico Enxaimel da área rural de Santo Cristo, através do levantamento de edificações relacionadas com a formação do município e que se caracterizem pelo uso da técnica do enxaimel.

Os **OBJETIVOS ESPECÍFICOS** propostos pela pesquisa são listados abaixo:

- analisar os exemplares identificados buscando os atributos de valor arquitetônico, histórico e cultural que permitem sua valorização como patrimônio cultural;
- promover iniciativas em prol de estudos, registros, educação patrimonial e ações preservacionistas a fim de que o patrimônio arquitetônico se destaque na memória e nas manifestações populares como herança cultural, técnica e estética de tempos passados. Para isso, será elaborado, como produto da dissertação, um Jogo da Memória Patrimonial.
- intensificar o trabalho de conscientização junto à população sobre a importância do patrimônio arquitetônico enxaimel do município, sugerindo medidas para a promoção e o desenvolvimento da educação patrimonial.

A fim de proporcionar uma evolução teórica do conhecimento adquirido bem como uma explanação sistemática da pesquisa, a mesma foi dividida em cinco capítulos que estão descritos, de forma que:

No primeiro capítulo, **INTRODUÇÃO**, são apresentados a importância do tema, o problema da pesquisa e a relevância do projeto, além de seus objetivos geral e específicos.

O embasamento teórico necessário, de toda conjunção em que o tema se insere na história será abordado no segundo capítulo, **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**, que apresenta

conceitos e definições acerca da preservação do patrimônio cultural e descreve o processo de inventário como instrumento de preservação. Será apresentado o panorama sobre o processo de colonização alemã ocorrida no Brasil, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul bem como o desenvolvimento da arquitetura enxaimel na Alemanha e as adaptações que ocorreram no desenvolvimento da mesma no Rio Grande do Sul. Além disso, será apresentado um estudo sobre o processo de ocupação e de urbanização do município de Santo Cristo.

No terceiro capítulo, **MATERIAIS E MÉTODOS**, são definidos os parâmetros de seleção dos exemplares pesquisados, a metodologia de coleta de dados, o processo de elaboração das fichas e os materiais utilizados.

No quarto capítulo, apresenta-se como resultado da pesquisa o **INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO**, onde estão identificados e registrados os exemplares construídos com a técnica enxaimel e o detalhamento de seus aspectos arquitetônicos, históricos e construtivos.

No quinto capítulo, **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**, encontram-se os limites da pesquisa, sua aplicabilidade e o debate acerca de novos desafios. Também, demonstram-se as discussões e reflexões, que aparecem ao longo do trabalho, a partir do que foi proposto enquanto objeto de pesquisa. Nesse capítulo, foram propostas sugestões que auxiliem na proteção do patrimônio e foi apresentado o produto confeccionado a partir da dissertação, o Jogo da Memória Patrimonial.

No sexto capítulo, **CONCLUSÃO**, demonstram-se as discussões e conclusões geradas ao longo do desenvolvimento do trabalho, a partir do que foi proposto enquanto objeto da pesquisa.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A conservação do patrimônio de determinado município, requer estudos acerca do conhecimento das políticas públicas de preservação, dos conceitos de patrimônio cultural e das raízes históricas do surgimento dos instrumentos de proteção do patrimônio, evidenciando o Inventário, tema central deste estudo.

Também neste capítulo, será apresentado um breve panorama sobre o processo de colonização alemã ocorrida no Brasil, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul. Será caracterizada a arquitetura da imigração alemã, tanto a concebida na Alemanha, quanto a reproduzida e modificada no Rio Grande do Sul. Além disso, será apresentado um estudo do processo de ocupação e de urbanização do município de Santo Cristo.

2.1 A preservação do patrimônio cultural

Quando se fala em patrimônio cultural, está-se referindo direta ou indiretamente ao passado, sendo este, sempre construído a partir do presente. O patrimônio diz respeito ao sentimento de pertencimento, principalmente, quando se consagra coletivamente. Segundo Oliven (2009), o termo patrimônio, em inglês, *heritage*, refere-se a algo que é herdado e que, por conseguinte, deve ser protegido. O patrimônio cultural precisa ser conservado, numa operação, no sentido de guardar algo que corre o risco de ser destruído. O patrimônio cultural é tudo aquilo que se considera digno de conservação, independente de seu interesse utilitário.

Em se tratando da etimologia da palavra patrimônio, de acordo com Choay (2006):

Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito "nômade", ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante. (CHOAY, 2006, p. 11).

Segundo Lemos (2004), a preocupação com a proteção do patrimônio histórico e cultural remonta à Idade Antiga, quando, no século III, o Império Bizantino já possuía um código de posturas que visava a conservação da imagem da cidade e estabelecia multas para quem adquirisse uma edificação com a finalidade de demoli-la. Essa preocupação transmitiu-

se ao Império Bizantino que, ao final do século IV, possuía medidas que proibiam a desfiguração das fachadas e dos seus ornamentos. No período do Renascimento Italiano, no início da Idade Moderna, instituem-se leis por iniciativa da Igreja visando à conservação de edificações e documentos.

Os pensamentos modernos sobre patrimônio surgem a partir da Revolução Francesa, com o romantismo. Este movimento representa uma reação de irracionalidade e excesso contra a razão e os cânones ilustrados, do indivíduo contra o estado, do liberalismo contra o despotismo esclarecido. Desenvolve-se a concepção de bem comum e ainda, de que alguns bens formam a riqueza material e moral do conjunto da nação (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

Segundo Moreira (2014), o início do século XX é marcado por uma série de conferências que tinham por objetivo identificar diretrizes aplicáveis internacionalmente em um conceito comum de cidade. Em outubro de 1933 ocorreu o marco acerca das discussões sobre patrimônio e direito a propriedade, e as conclusões deste IV Congresso Internacional da Arquitetura Moderna – CIAM originaram a Carta de Atenas.

Entre os congressos realizados ao longo dos anos, destaca-se pela sua importância na preservação do patrimônio cultural, o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Históricos em maio de 1964, na cidade de Veneza, Itália. Esse evento regularizou os procedimentos de preservação em todas as partes do mundo. O documento elaborado neste congresso serviu de base para as ações de cada país relacionadas ao patrimônio cultural, ficou conhecido como Carta de Veneza. Aborda a preocupação com o monumento e seu meio envolvente, como parte integrante deste, para além da necessidade de documentar todo o processo de conservação ou de estudo do monumento para eventuais futuras intervenções (LEMOS, 2010).

O patrimônio nacional passa a ser tratado com maior ênfase, entre os anos de 1940 e 1945, quando o nacionalismo começa a se fortalecer no panorama mundial. Com o objetivo de contribuir para a paz e a segurança no mundo, foi criada em 16 de novembro de 1945 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A UNESCO tem sua origem ainda no tempo da Liga das Nações que criou uma comissão em 21 de setembro de 1921 para estudar a questão da educação e cultura (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

Em novembro de 1972, a UNESCO juntamente com o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), desenvolveu uma convenção chamada “Convenção sobre a salvaguarda do patrimônio mundial, cultural e natural”, que tinha como proposta preservar, classificar e catalogar locais de importância cultural ou natural, como patrimônio comum da humanidade. Segundo Choay (2006):

A mundialização dos valores e das referências ocidentais contribuiu para a expansão ecumênica das práticas patrimoniais. Essa expansão pode ser simbolizada pela Convenção relativa à proteção do patrimônio mundial cultural e natural, adotada em 1972 pela Assembléia Geral da Unesco. Esse texto baseava o conceito de patrimônio cultural universal no de monumento histórico – monumentos, conjuntos de edifícios, sítios arqueológicos ou de conjuntos que apresentam “um valor excepcional do ponto de vista da história da arte ou da ciência”. Estava assim proclamada a universalidade do sistema ocidental de pensamento e de valores quanto a esse tema. Para os países dispostos a reconhecer sua validade, a Convenção criava um conjunto de obrigações relativas à “identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão do patrimônio cultural às futuras gerações”. (CHOAY, 2006, p. 207).

Em maio de 1981, na cidade de Florença, o comitê Internacional de Jardins Históricos e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), decidiram elaborar uma carta relativa a proteção dos jardins históricos, que levaria o nome da cidade de Florença. A carta foi redigida pelo comitê e registrada pelo ICOMOS em 1982, visando complementar a Carta de Veneza neste domínio em particular (IPHAN, 1981).

Internacionalmente esta abordagem se estendeu até a segunda metade do século XX, acentuando os parâmetros de análise da preservação do patrimônio, especialmente em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Destas discussões internacionais surgiram instituições como a ONU, a UNESCO, o ICOMOS, entre outras organizações que promoveram eventos e encontros entre as nações, cujas discussões resultaram nas Cartas Patrimoniais. A análise destes documentos contribui de forma significativa para o desenvolvimento do Inventário do Patrimônio Arquitetônico Enxaimel da área rural de Santo Cristo, pois dentre outras recomendações indicam códigos de postura internacionais e orientam a conduta dos profissionais atuantes na área da conservação e restauração, além de ampliarem as noções de patrimônio e de bem cultural.

As discussões internacionais influenciaram as iniciativas de preservação do patrimônio na América Latina e para a construção da política preservacionista nacional brasileira. Fonseca (1997) destaca que:

No século XIX se consolidaram dois modelos de políticas de preservação: o modelo anglo-saxônico, com o apoio de associações civis, voltado ao culto ao passado e para a valoração ético-estética dos monumentos, e o modelo francês, estatal e centralizador, que se desenvolveu em torno da noção de patrimônio, de forma planejada e regulamentada, visando ao atendimento de interesses políticos do Estado. Esse último modelo predominou entre os países europeus, e foi exportado, na primeira metade do século XX, para países da América Latina, como o Brasil e a Argentina, e, após a Segunda Guerra Mundial, para as ex-colônias francesas. (FONSECA, 1997, p. 62-63).

As primeiras notícias que se tem de alguma iniciativa visando a preservação de monumentos históricos no Brasil, segundo dados do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), são de meados do século XVIII, quando o vice-rei do estado do Brasil (1735-1749) demonstra preocupação em relação as edificações deixadas pelos holandeses em Pernambuco. A partir de 1920 surgem os primeiros projetos de lei a esse respeito, com registros de iniciativas locais e estaduais. Aflora neste período um sentimento de patriotismo e busca de identidade nacional, em vista dos acontecimentos sociais e políticos ocorridos em todo o mundo (SPHAN, 1980).

A primeira iniciativa de proteção ao patrimônio em nível federal foi o Decreto nº 22.928 de 12 de julho de 1933, que elevou à cidade de Ouro Preto-MG a categoria de Patrimônio Nacional, em reconhecimento a seu rico passado histórico como principal cidade do Ciclo do Ouro nas Minas Gerais e seu notável patrimônio edificado. Embora de alcance restrito pelo seu objetivo, teve grande significação por haver assinalado a decisão dos poderes públicos nacionais de iniciarem uma política nova (SPHAN, 1980).

Lemos (2010) elucida que somente no ano de 1936 é confeccionado um projeto de lei para a proteção do patrimônio nacional “digno de elogios”. Este projeto foi elaborado pelo escritor paulista Mário de Andrade, a pedido do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, o qual descrevia a diversidade de categorias do patrimônio cultural que deveriam ser salvaguardadas, incluindo toda forma de expressão histórica e cultural presente no país e que serviria de base para a futura legislação do patrimônio nacional. Ainda segundo Lemos (2010) em 1937, foi promulgado pelo Presidente Getúlio Vargas, assessorado pelo Ministro Capanema e Rodrigo de Melo Franco de Andrade, o Decreto-lei nº25 de 30 de novembro, criando o SPHAN, Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, organizando, desta forma, a preservação do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

O SPHAN foi a mais antiga entidade oficial de preservação dos bens culturais na América Latina, alcançando grande prestígio no exterior. Seu primeiro diretor Rodrigo Melo Franco de Andrade esteve à frente da instituição até 1967 e contou com a colaboração de outros artistas e intelectuais ilustres como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Sérgio Buarque de Holanda, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade (LEMOS, 2010).

A partir do Decreto-lei nº25 de 1937, o tombamento foi definido como um instrumento organizador e catalogador, passando a ser uma forma legal de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional com o direito de propriedade. O art. 4º, §1º, do

Decreto-lei nº25, define que os bens só eram “considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo”, sendo estes apresentados em seu Art. 4º como Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Livro do Tombo Histórico, Livro do Tombo das Belas-Artes e Livro do Tombo das Artes Aplicadas (DECRETO Nº25, 1937, art. 4º).

Com o passar do tempo, este órgão de preservação do patrimônio, sofreu diversas modificações na sua estrutura e nomenclatura, sendo que em 1946 passou a se chamar Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). No artigo 14 do Decreto-lei nº 66.976, de 27 de julho de 1970, a Diretoria foi transformada em Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A partir da Portaria nº 230 de 26 de março de 1976 que aprovou o regimento interno do Instituto, modificou a estrutura organizacional, descentralizando o poder e dividindo a responsabilidade pela preservação, proteção e tombamento dos bens em organizações regionais (BRASIL, 1980).

A partir do Decreto-lei nº 84.198 de 13 de novembro de 1979, sob a estrutura do Ministério da Educação e Cultura, o órgão se tornou a Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esse sistema é utilizado até os dias atuais, mas, em 1994, o órgão passa a ser chamado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e passa a representar as ações governamentais que promovem e coordenam o processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro a fim de fortalecer identidades, garantindo o direito à memória e contribuindo para o desenvolvimento do país (BRASIL, 1980).

Na década de 1980, em função da abertura democrática do país, revisões nas teorias de preservação do patrimônio cultural foram sendo realizadas. A Constituição Federal de 1988, em vigor até os dias atuais, retoma alguns pressupostos idealizados por Mário de Andrade e Aloísio de Magalhães, demonstrando que um bem deve ser preservado pela sociedade independente do seu tombamento. O artigo 215 dispõe sobre a proteção a todo tipo de manifestação cultural, englobando também as manifestações populares e a grande diversidade cultural do país, antes desconsideradas pela legislação. No seu artigo 216, o conceito de patrimônio é ampliado, sendo constituído de bens tangíveis e intangíveis, considerados referenciais da memória e da formação cultural das diferentes regiões brasileiras (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

No Rio Grande do Sul, no ano de 1950, foi instituída a Lei nº 971 que cria o Conselho de Proteção do Patrimônio Científico, Artístico e Histórico do Estado, e a partir de então, surge a preocupação com a preservação do Patrimônio Cultural. Alguns anos depois, em 1954, é criada a Divisão de Cultura do Estado, ligada a secretaria de educação, com o intuito

de estudar e proteger o patrimônio cultural e arquitetônico. Já em 1964, foi criada, junto a esse órgão, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, que em 1979 passou a se chamar Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – CPHAE. A partir de 1980, foram realizados diversos tombamentos no estado, demonstrando que havia preocupação em proteger legalmente o patrimônio gaúcho (IPHAE, 2013).

Atualmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE atua no Rio Grande do Sul, no processo de tombamento do patrimônio histórico e cultural, bem como, na orientação de como a sociedade deve proceder para preservar determinado bem. No ano de 1990, essa organização passou a ser chamada de instituto, com a criação da Secretaria de Estado da Cultura, através da portaria nº11/90 e até o mês de setembro de 2014 contabilizava um número de 145 bens tombados, incluindo tombamentos ambientais e de bens móveis (IPHAE, 2014).

Santo Cristo possui um acervo patrimonial significativo, sendo de fundamental importância a preocupação e de grande relevância para o seu desenvolvimento, a sua preservação. No município não existem políticas de preservação do Patrimônio Arquitetônico em função do desconhecimento de sua importância por grande parte da população local e até mesmo dos administradores.

O patrimônio cultural compreende, em um primeiro momento, a ideia de um conjunto de bens, materiais ou imateriais, dotados de valores culturais e significado. Desta forma, o patrimônio arquitetônico, para ser efetivamente compreendido como patrimônio, necessita de significado, precisa referenciar à identidade e à memória coletiva.

A Constituição Federal de 1988 coloca em seu preâmbulo que “o bem que compõem o chamado patrimônio cultural traduz a história de um povo, a sua formação, cultura e, portanto, os próprios elementos identificadores da cidadania”. Desta forma, o sentimento de pertencer a uma comunidade, rememorar seu passado e participar de sua história, são elementos essenciais para o exercício da cidadania.

O patrimônio arquitetônico destaca-se na memória e nas manifestações populares, representando heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados. Por isso, tanto os bens móveis, imóveis ou imateriais, que se refiram a nossa identidade, cultura e memória devem ser reconhecidos como patrimônio cultural e merecem proteção, seja pelo ordenamento jurídico ou pela comunidade onde estão inseridos.

2.2 O inventário do patrimônio arquitetônico como etapa para a preservação

Alguns instrumentos de proteção jurídica ao patrimônio cultural estão previstos na legislação brasileira: o inventário, o registro, o tombamento e até mesmo a desapropriação de um bem. Além das formas jurídicas de proteção, podem ser citadas diversas outras formas de acautelamento e preservação, como ações de educação patrimonial, rotas turísticas e itinerários de visitação que podem auxiliar a proteção e valorização da cultura de uma sociedade (VALE, 2012).

O inventário, enquanto instrumento de proteção ao patrimônio cultural, não é de origem brasileira, sendo uma das mais antigas formas de proteção do patrimônio cultural em nível internacional. A utilização do inventário remonta o início do século XX. A Carta de Atenas de 1931, já preconizava a publicação pelos Estados, de um inventário dos monumentos históricos nacionais, acompanhado de fotografias e informações (CURY, 2000).

A partir da década de 1930, quando o governo implanta o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), passam a ser utilizados no Brasil, os instrumentos de preservação do patrimônio. O inventário foi instituído como instrumento jurídico de preservação do patrimônio cultural a partir do advento da Constituição Federal de 1988 que expressa em seu Art. 216, §1º “O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (BRASIL, 1988).

Nesse período, o inventário era visto em uma posição acessória ao sistema de preservação, pois somente o tombamento era um instrumento jurídico de proteção. Criou-se com isso, uma política de que o patrimônio somente seria assegurado pela legislação, se tombado. Ao final da década de 1960, por influência do evento internacional que produziu a Carta de Veneza em 1964, essa ideia começa a sofrer algumas mudanças. Nos anos 1970, com a descentralização das políticas concernentes ao patrimônio, foram realizados importantes inventários em nível estadual como o do Estado da Bahia e o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Minas Gerais – IPAC-MG (CASTRIOTA, 2009).

Mesmo possuindo registro constitucional, o inventário dos bens culturais ainda não possui uma lei regulamentadora que trate dos seus procedimentos e efeitos. Segundo Souza Filho (2009):

Agora reconhecido pela Constituição, o inventário é uma forma de proteção que carece de lei reguladora. Independente da lei os órgãos públicos responsáveis pela preservação dos valores culturais podem e devem promover o inventário dos bens, para ter uma fonte de conhecimento das referências de identidade de que fala a Constituição em vigor. Uma lei que regulamente o inventário não necessita estabelecer o seu procedimento mas, os seus efeitos. É necessário estabelecer que consequências advirão para o bem incluído em inventário. [...] É evidente que a própria existência do inventário tem, como consequência, a preocupação sobre o bem e o reconhecimento de que ele é relevante. Desta forma, o inventário pode servir de prova nos processos de ação civil pública. Sua realização criteriosa estabelece a relação dos bens culturais portadores de referência de identidade, cujo efeito jurídico é, no mínimo, prova da necessidade de sua preservação, em juízo ou fora dele (SOUZA FILHO, 2009, p.100).

No Rio Grande do Sul, o inventário foi estabelecido como instrumento legal de preservação a partir do Decreto nº 31.049, de 12 de janeiro de 1983, que organizava as atividades de preservação do patrimônio cultural no estado. O artigo 2º do Decreto atribuía ao sistema o dever de realizar o inventário dos bens do patrimônio cultural gaúcho, aperfeiçoando e atualizando constantemente os seus serviços de preservação e divulgação (RIO GRANDE DO SUL, 1983).

O inventário é apresentado como instrumento de auxílio na preservação do patrimônio cultural, em 1994, ano em que foi instituída a Lei Estadual nº 10.116, Lei de Desenvolvimento Urbano:

Art. 40 - Prédios, monumentos, conjuntos urbanos, sítios de valor histórico, artístico, arquitetônico, paisagístico, arqueológico, antropológico, paleontológico, científico, de proteção ou preservação permanente, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, não poderão, no, todo ou em parte, ser demolidos, desfigurados ou modificados sem autorização.

§ 1º - Para identificação dos elementos a que se refere este artigo, os municípios, com o apoio e a orientação do Estado e da União, realizarão o inventário de seus bens culturais.

§ 2º - O plano diretor ou as diretrizes gerais de ocupação do território fixarão a volumetria das edificações localizadas na área de vizinhança ou ambiência dos elementos de proteção ou de preservação permanente, visando a sua integração com o entorno.

§ 3º - O Estado realizará o inventário dos bens culturais de interesse regional ou estadual. (RIO GRANDE DO SUL, 1994).

O inventário consiste na identificação e registro das características e particularidades de um conjunto de edificações. Elabora-se o inventário a partir do levantamento de dados necessários para a construção do conhecimento de como surgiram as edificações e as alterações sofridas ao longo do tempo. Deve ser executado adotando-se critérios

metodológicos específicos, permitindo a construção de um dossiê sobre as edificações que auxilie um possível projeto de intervenção ou recuperação.

2.3 Definição dos valores das edificações inventariadas

O inventário proposto pelo presente trabalho tem sua discussão centrada nos bens imóveis, ou seja, nos bens materiais edificados e por isso traz a abordagem do tema monumento. Em relação ao sentido denotativo de monumento, têm-se as seguintes definições: “Recordação, memória” (FERNANDES, LUFT, 1993). Os termos monumento e patrimônio embora apareçam historicamente associados, designam aspectos distintos. Segundo Le Goff (1985):

A palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação (LE GOFF, 1985, p. 95).

Da mesma forma que Le Goff, o historiador Alöis Riegl, apresenta amplos conceitos de monumento, tendo como referência teórica principal o livro “*O Culto Moderno dos Monumentos*”. Trata-se de um marco para o estudo da conservação, restauração e preservação, pois foi o precursor na definição dos valores histórico e artístico e a introduzir novas nomenclaturas de monumentos. Segundo Riegl (1987):

Por monumento, no sentido mais antigo e verdadeiramente original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e edificada dentro do fim preciso de conservar sempre presente e vivo na consciência das gerações futuras a lembrança de tal ação ou tal vida, ou as combinações de uma e de outra (RIEGL, 1987, p. 35).

O valor atribuído a um determinado bem para que ele seja considerado patrimônio, requer embasamentos que o legitimem. O reconhecimento dos bens a partir do seu potencial leva a definição do que preservar, das estratégias de proteção e preservação que podem ser alteradas de acordo com o contexto e os valores associados ao bem. Para Fonseca (1997):

É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem a seleção de bens e justificam a sua proteção; identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar [...] e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa, das políticas de preservação (FONSENCA, 1997, p. 36).

Segundo Choay (2006), Riegl apresenta os valores atribuídos aos monumentos e sua evolução histórica, dividindo-os em valores de rememoração, que estão ligados ao passado e se valem da memória, e valores de contemporaneidade, estes, pertencem ao presente, demonstrando as suas diferenças. Para Riegl, os valores de rememoração estão subdivididos em valor de antiguidade, valor histórico e valor de rememoração intencional. O valor de antiguidade se refere à idade do monumento e às marcas do tempo, sendo percebido de imediato. O valor histórico se diferencia por se remeter a um saber, e não a uma aparência estética. O valor de rememoração intencional diz respeito à conservação e durabilidade no tempo da condição original do monumento (RIEGL, 1987).

No que tange aos valores de contemporaneidade, Riegl (1987) divide em valor de uso e valor artístico, sendo este último subdividido em valor de novidade e valor artístico relativo. O valor de uso refere-se às condições materiais, devendo o monumento atender às necessidades materiais do homem. O valor artístico atende às necessidades do espírito. O valor de novidade está ligado à aparência de obra nova, recém acabada, que os monumentos podem conter, seguindo a tendência humana de ver o que é novo de maneira superior ao que é velho. O valor artístico relativo refere-se à sensibilidade artística de cada época e às obras de arte antigas que continuam acessíveis à sensibilidade contemporânea.

2.4 A imigração alemã no Brasil e no Rio Grande do Sul

Os processos de colonização e de formação histórica do Rio Grande do Sul estão relacionados com a imigração alemã e o desenvolvimento da arquitetura enxaimel. O estudo do processo de colonização, bem como das características da arquitetura da imigração alemã concebida na Alemanha ou reproduzida e modificada no estado do Rio Grande do Sul se tornam importantes para o desenvolvimento do Inventário do Patrimônio Arquitetônico Enxaimel da área rural de Santo Cristo.

A Revolução Industrial, ocorrida na Europa no século XVII, contribuiu para a concentração da produção agrária e, conseqüentemente, para a miséria e a expulsão de muitas famílias camponesas, que migravam para as cidades e acabavam se tornando operários de indústrias, na maioria das vezes, em condições precárias. Além dos aspectos econômicos, havia conflitos armados motivados pelo movimento nacionalista que ganhava vigor em todo o continente europeu e que forçava muitas pessoas a participarem dos exércitos (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

A legislação sobre a partilha de terras nos estados alemães também contribuiu significativamente para a migração dos camponeses. A partilha das terras ocorria de duas maneiras: a primeira dividia a terra de maneira igual entre os filhos, isso gerou uma fragmentação das propriedades em lotes cada vez menores o que inviabilizava a vida camponesa. A segunda determinava que apenas o filho mais velho herdasse a propriedade, transformando os demais em sem-terras. Neste contexto, os camponeses viram nas Américas uma forma de tornarem-se proprietários de terra e de construir uma vida nova (GISLON, 2013 apud SIEBERT, 2000).

Os imigrantes alemães chegaram ao Brasil entre os anos de 1815 a 1960, alcançando seu número máximo em 1920 devido à 1ª Guerra Mundial impulsionada pela crise da República de Weimar (IBGE, 2014). Seyferth (2000) afirma que houve dois ciclos de imigração alemã para o Brasil: o primeiro, ainda no século XIX, decorrente da política de colonização do governo brasileiro que tinha a intenção de expandir suas fronteiras agrícolas e consolidá-las com outros países, sobretudo nos estados do sul, aumentar a oferta de mão de obra livre, além da estratégia social de “branqueamento” da população; e, o segundo, já no século XX, não tinha incentivo oficial do governo, possuindo um caráter mais espontâneo.

No século XIX muitas famílias alemãs aceitaram o convite do governo brasileiro que oferecia a viagem, terras, ferramentas e isenção de impostos, em decorrência das crises em que se encontravam suas cidades. Mas, a realidade encontrada no Brasil, foi muito diferente da prometida, muitos lotes não estavam demarcados, apresentavam medições incorretas e isso acabava gerando conflitos nos assentamentos (GISLON, 2013). Seyferth (2000), afirma que a chegada de mais colonos impulsiona a formação de um campesinato cuja base fundiária traduzia-se em pequenas propriedades policultoras.

Os imigrantes alemães chegam ao Rio Grande do Sul motivados pela necessidade de povoar o sul do Brasil, garantindo desta forma, a posse do território ameaçada pelos países vizinhos. Outro objetivo da busca de alemães era recrutar soldados mercenários para reforçar o exército brasileiro recém independente. Em 1824, chegaram os primeiros casais germânicos

e se estabeleceram ao norte de Porto Alegre, na região onde fundaram a primeira colônia, que foi São Leopoldo, junto ao Rio dos Sinos. Ali, também, outros núcleos foram surgindo, como Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga. Foi o início da ocupação das áreas acidentadas, cobertas de matas, desprezadas pelos criadores de gado (SOUZA, 2000).

Durante a Revolução Farroupilha, alguns colonos se deslocaram para Santa Maria, buscando o afastamento dos combates. Ao fim da revolução, os colonos se espalharam fundando colônias nos vales dos rios Taquari, Pardo e Pardinho, fundando Santa Cruz do Sul, a Colônia Santo Ângelo e a Colônia de Santa Maria do Mundo Novo. Às margens da Lagoa dos Patos, fundaram São Lourenço do Sul. Ao noroeste do Estado, a fronteira da colonização chegou no início do século XX, criando Ijuí e Santa Rosa. Depois, os colonos atravessaram o Rio Uruguai e migraram para o oeste de Santa Catarina e Paraná, além de outras colônias no norte da Argentina e Paraguai (GISLON, 2013).

Souza (2000), afirma que a Revolução Farroupilha provocou o isolamento de Porto Alegre das áreas produtivas mais distantes dentro da Província, decorrência de sua posição como sede do governo. Essa situação intensificou o processo produtivo nas colônias de imigrantes em função do abastecimento para a capital sitiada, via rio dos Sinos, acelerando o desenvolvimento das mesmas. Após a Revolução Farroupilha, a agricultura das colônias começou a se especializar, e Porto Alegre passou a ser o centro escoador da produção.

A partir de 1850, o processo imigratório, interrompido em 1830, foi retomado, e a colonização espalhou-se tanto pela região da Colônia primitiva, às margens do rio dos Sinos, como pela bacia do Jacuí (figura 01), integrada pelos rios Jacuí, Caí, Taquari e Pardo, nas áreas não ocupadas pelos açorianos, a encosta inferior da serra. Desse processo resultaram: Taquara, Feliz e São Sebastião do Caí, Cruzeiro do Sul, Estrela, Lajeado, Arroio do Meio, Roca Sales, Venâncio Aires e Mariante, junto ao Rio Taquari e, Santa Cruz do Sul, junto ao Rio Pardinho (SOUZA, 2000).

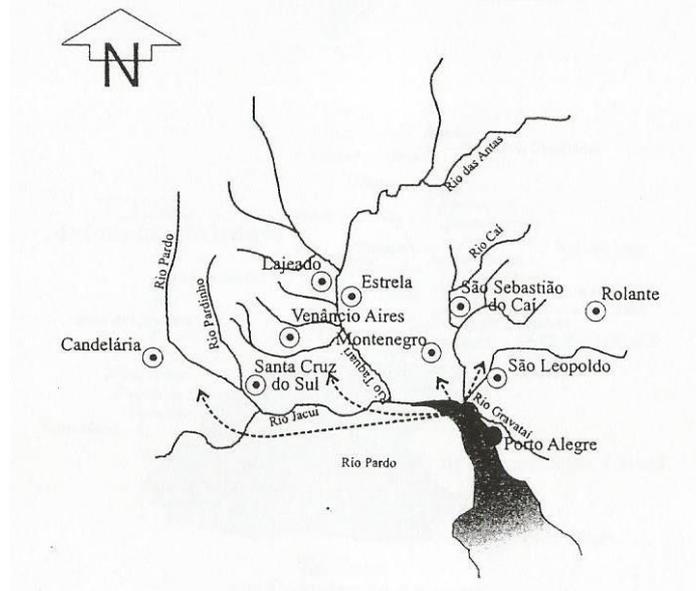


Figura 01: Mapa da colonização alemã a partir de 1850.

Fonte: Souza, 2000, p. 38.

2.4.1 Evolução da arquitetura rural alemã

Para tratar da arquitetura rural da imigração alemã, é importante que se faça uma análise da forma dos aldeamentos dos imigrantes. Segundo Weimer (1983), a evolução formal das aldeias era muito diversificada e variava de região para região. Convém referir-se às tipologias dos três maiores centros de imigração para o estado do Rio Grande do Sul. O mais importante é o *Hunsruck* (aldeia monte ou ponto), cuja principal característica, segundo o autor, é que o núcleo cresce irregularmente. Nesta aldeia há várias vielas curvas entrelaçadas e que formam espaços abertos sem que haja uma definição geométrica rígida (figura 02). O autor ainda cita que na Vestfália estavam as grandes propriedades, a *Strassendorf*, chamada de aldeia-rua, e cujas casas eram construídas ao longo da estrada. Outra tipologia de aldeia, a *Angerdorf*, a aldeia-logradouro, nela a rua se transforma em uma praça alongada, onde o gado pernoitava. Weimer ainda descreve que na Pomerânia, o tipo de aldeia desenvolvida era a *Rundling* (arredondada), na qual as casas eram construídas ao redor da praça circular, e que apresentavam apenas uma entrada.

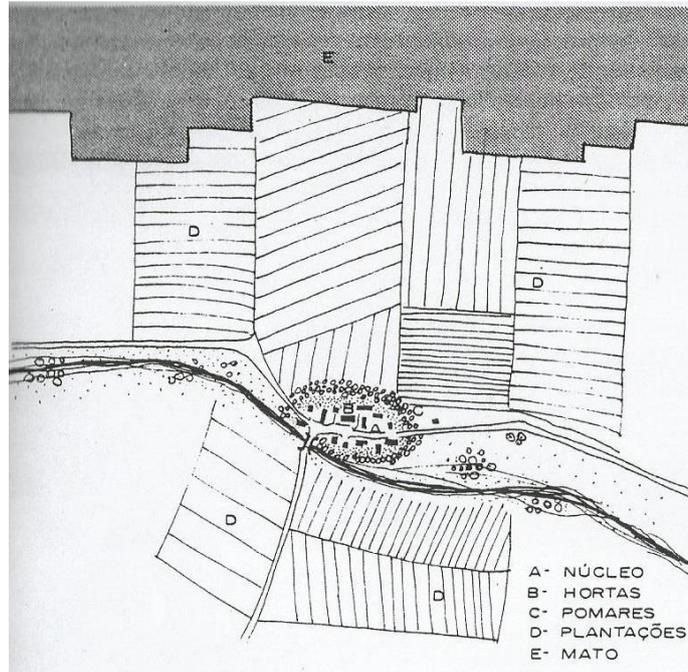


Figura 02: Esquema de uma aldeia alemã, aldeia monte ou ponto.
Fonte: Weimer, 1983, p. 98.

Weimer cita que “as construções pré-históricas eram de origem vegetal e podiam seguir dois procedimentos básicos: ter paredes de pau-a-pique vedadas com taipa e recobertas com palha, ou apresentarem paredes de madeira construídas pela superposição horizontal de troncos levemente aparelhados e encaixados nos cunhais” (figura 03). A primeira técnica evoluiu para o enxaimel e a segunda, de provável origem eslava, foi denominada blocausse (WEIMER, 2005).



Figura 03: Construção em blocausse.
Fonte: Gislo, 2013, p. 44.

Para Weimer (2005), nas duas edificações, o apoio da madeira diretamente no solo era o ponto mais vulnerável da estrutura, em função do apodrecimento ocasionado pela umidade do solo, para tanto, a solução estava na utilização de fundações de pedra. No entanto, a estrutura perdeu sua rigidez pelo fato dos troncos não serem mais cravados no solo, e isso causou relativa flexibilidade dos encaixes. Para tornar a estrutura rígida novamente, passa a ser utilizada a triangulação do madeiramento, através de peças inclinadas fazendo surgir o enxaimel, sendo os espaços fechados com adobe, pedra ou tijolo.

As técnicas enxaimel vieram para o Brasil de duas maneiras: trazidas diretamente da Alemanha pelos imigrantes do século XIX e trazidas pelos portugueses, o que foi resultado de adaptações, naquele país, de técnicas de suevos e visigodos. Os primeiros trouxeram uma diversidade de técnicas que evoluíram das formas originais em formas bastante elaboradas (quadro 01), que correspondem as suas três principais regiões étnico-culturais: Baixa Alemanha, Média-Alemanha e Alta Alemanha (WEIMER, 2005).

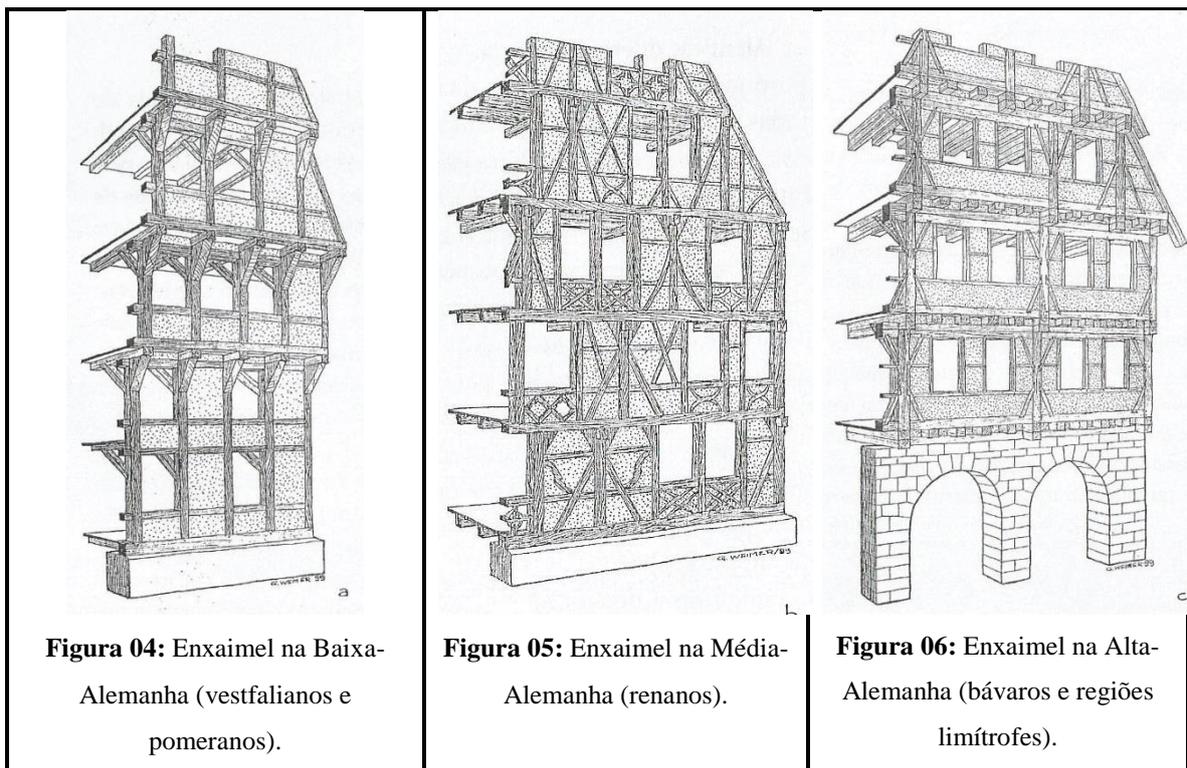


Figura 04: Enxaimel na Baixa-Alemanha (vestfalianos e pomeranos).

Figura 05: Enxaimel na Média-Alemanha (renanos).

Figura 06: Enxaimel na Alta-Alemanha (bávaros e regiões limítrofes).

Quadro 01: Variantes do sistema construtivo enxaimel.

Fonte: Weimer, 2005, p.163.

O sistema mais antigo foi o baixo-saxão (figura 04), apresentava como características principais os baldrames, os frechais e os esteios, todos contínuos e, estes últimos se

encaixavam nos primeiros. As portas e janelas eram feitas nos vãos entre dois esteios. Os peitoris e vergas eram descontínuos e se encaixavam nos esteios (GISLON, 2013). Os esteios dos pavimentos superiores descarregavam os esforços nos inferiores e, por isso, os baldrames e frechais estavam sujeitos a pequenas flexões e apresentavam seções pequenas (WEIMER, 2005).

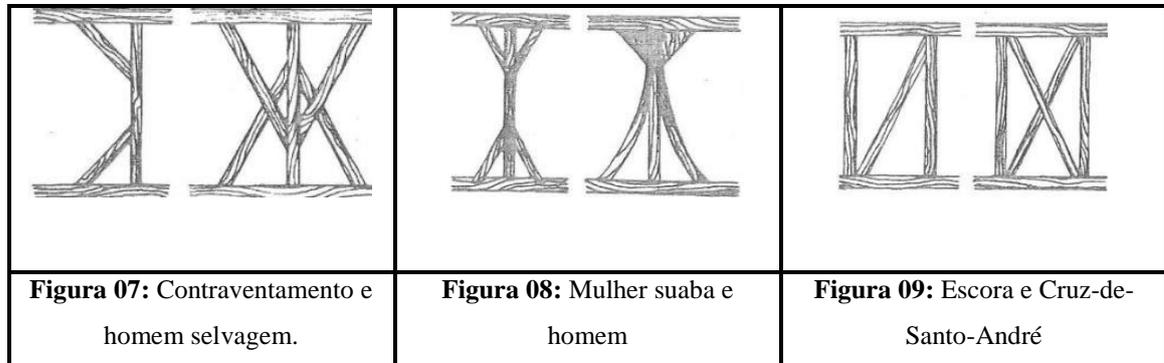
Os contraventamentos eram feitos através de uma mão francesa colocada entre o esteio e o barrote, em função disso as peças inclinadas nas paredes eram poucas ou inexistentes. Esse sistema apresenta pé-direito muito baixo sendo frequente a inexistência de vergas sob as janelas. A ausência das peças inclinadas tornava as fachadas rígidas e ortogonais, para compensar isso, eram feitas esculturas geométricas e inscrições nas peças horizontais de madeira (WEIMER, 2005).

Segundo Veiga (2013) o sistema baixo-saxão foi empregado na construção da grande maioria das casas antigas de enxaimel no Brasil, visto que a maior parte dos imigrantes provinha da região norte da Alemanha, e por este ser o mais simples dos três sistemas construtivos. Em algumas cidades alemãs é possível ver casas construídas com esta técnica de forma bastante rebuscada e ornamentada, enquanto no Brasil, a técnica foi empregada de forma bastante simples e adaptada às condições locais.

O sistema construtivo franco (figura 05) se desenvolveu no planalto médio da Alemanha desde o Rio Reno na França até a fronteira da República Tcheca. Esse sistema era muito semelhante ao alemânico, diferenciando-se principalmente pela maior proximidade dos esteios. Com o passar do tempo, o sistema franco tendeu mais ao pitoresco porque passou a dar grande valor plástico ao contraventamento e ao fechamento dos tramos. No início as escoras eram retas, que com tempo foram ficando cada vez mais curvas. Foi muito utilizada a Cruz-de-Santo-André e suas variantes. Para fecharem os tramos das fachadas não usaram panos lisos. Em seu lugar usaram peças transversais encaixadas entre si e empregando vários motivos diferentes nos tramos de uma única construção. Diferente dos modelos construtivos anteriormente mencionados, o franco não utilizava o avanço progressivo das paredes. Desde o frontão até as fundações, a parede estava em uma só prumada (WEIMER, 2005).

No Sul da Alemanha o sistema construtivo desenvolvido foi o alemânico (figura 06). Neste sistema os esteios se apoiavam na fundação e seu vigamento horizontal era maior, devido aos esforços. Gislon (2013) descreve: “Na fachada, a parede superior avançava sobre a inferior. Esse avanço também ocorria no sistema baixo-saxão, mas com uma diferença: não avançava apenas na fachada principal, avançava nos dois sentidos e no encontro das paredes, onde os consoles eram estruturados espacialmente. Os contraventamentos, que davam

estabilidade e rigidez à estrutura, eram feitos com peças na forma mulher suaba, homem selvagem e homem. A cruz-de-Santo-André (quadro 02) era raramente utilizada”.



Quadro 2: Elementos do sistemas construtivo enxaimel.

Fonte: Gislou, 2013, p. 47.

As edificações enxaimel alemãs consistiam de construções quadradas ou retangulares com fundações de madeira. O corpo das construções apresentava nas arestas pilares de madeira encaixados nos vértices. Outra característica apontada por Veiga (2013) é a grande inclinação do telhado das casas, algo que permite a construção de mais andares e de sótãos. A explicação mais recorrente para isto, conforme descreve Weimer (2005) são as baixas temperaturas do inverno europeu: era preciso um tipo de telhado que não acumulasse tanta neve e a grande inclinação favorecia o deslizamento dela para o chão. Inicialmente as coberturas eram feitas de palha, depois passaram a ser utilizadas telhas de ardósia.

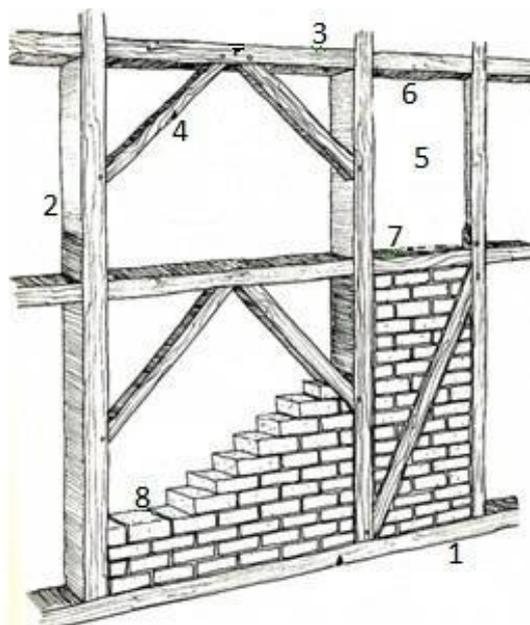
A estrutura da construção é autoportante e, por isso as paredes de vedação podiam ser de filetes de bambu, preenchidos com argila, ou ainda tijolos sobrepostos no sentido longitudinal dos barrotes do piso. As casas normalmente apresentavam porões, que eram semi-enterrados com pé-direito muito baixo e serviam para depositar alimentos úmidos. O porão apresentava também a função de pedestal livrando a estrutura de madeira da umidade (WEIMER, 2005).

O enxaimel surgiu como uma técnica construtiva para atender a uma necessidade de moradia em que eram aproveitados os recursos naturais disponíveis. Em algum momento a técnica adquiriu grande valor estético através da criação de fachadas cada vez mais rebuscadas como pôde ser visto na descrição dos três sistemas construtivos utilizados na Alemanha. Nos primeiros séculos de utilização do enxaimel dificilmente havia elementos decorativos nas casas, mesmo que elas tivessem a fachada voltada para a rua. Foi somente no

século XV que se iniciou um maior investimento na decoração, surgindo fachadas cada vez mais elaboradas e detalhadas (VEIGA, 2013).

Os elementos básicos (figura 10) presentes no sistema construtivo enxaimel apresentam as funções listadas a seguir:

- **baldrame** é a base da casa, onde será fixada toda a estrutura. Deve ser apoiado sobre um fundamento de pedra ou concreto.
- **esteio**, também chamado de coluna, linha e pé-direito, é o elemento vertical que sustenta a estrutura da edificação.
- **esteio de Canto**, assim chamado, por estar localizado nos cantos da estrutura está sujeito a cargas diferentes. Através deste, se unem as paredes da fachada frontal e lateral.
- **travessa** serve para ligar um esteio ao outro e apoiar o preenchimento, dividindo assim sua carga. As travessas circundam toda a casa ligando os esteios.
- **escora** tem a função de garantir a estabilidade da casa, são aplicadas duas em cada parede junto aos esteios de canto.
- **frechal** serve de fechamento para a estrutura e também para apoiar o telhado.
- **barrote** é também chamado de viga de assoalho e nele é fixado o assoalho do sótão.



Legenda:

- 1- Baldrame
- 2- Esteios
- 3- Frechal
- 4- Contraventamento
- 5- Janela
- 6- Verga
- 7- Peitoril
- 8- Adobe

Figura 10: Elementos do sistema construtivo enxaimel.

Fonte: A autora, 2014, adaptado de Gislon, 2013.

A Europa central apresentava um rigoroso inverno o que exigia a racionalidade no aproveitamento do calor, por isso os animais eram abrigados sob o mesmo teto dos humanos. Havia a necessidade de grande armazenamento de feno para a alimentação dos animais durante os períodos de hibernação. Diante disso, as plantas baixas (figura 11) das casas alemãs tinham um espaço reservado para o trabalho e para os animais, para as atividades domésticas e para a convivência familiar. A sala de convivência era mais utilizada pela família, por isso se localizava nos fundos da residência, deixando o acesso mais restrito. Os dormitórios inicialmente eram separados por cortinas e depois se transformaram em pequenos quartos (WEIMER, 2005). A casa toda era organizada a partir da necessidade de ter o fogo como elemento central, aproveitando ao máximo o calor produzido.

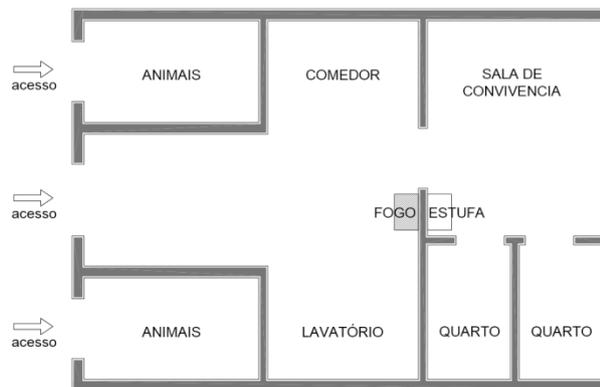


Figura 11: Planta baixa típica alemã no século XVIII.
Fonte: A autora, 2014, adaptado de Weimer, 2005.

2.4.2 Organização da propriedade rural e a arquitetura enxaimel no Rio Grande do Sul

A identidade social dos habitantes do Rio Grande do Sul é representada pelas suas paisagens urbanas e rurais. A arquitetura das cidades formadas é diferente das demais regiões brasileiras que apresentam formação histórica distinta. Desta forma, torna-se importante o estudo das características da paisagem construída pelos imigrantes alemães.

Na Europa, os alemães viviam em aldeias, com cerca de cinquenta famílias. As aldeias eram cercadas por terras comunais que eram constantemente redistribuídas, de acordo com a variação do número de membros de cada grupo familiar. Os lotes não apresentavam forma geométrica rígida e os contornos eram definidos a partir do contorno das curvas de nível de

modo a evitar a erosão. As aldeias possuíam terras agricultáveis e um trecho de floresta que servia para a produção de lenha e para o aquecimento das casas durante o longo e frio inverno (WEIMER, 2006).

Souza (2000) afirma que “os imigrantes recebiam uma parcela de terra, inicialmente de 66 a 77ha por família, que foi sendo reduzida por lei, até chegar a 25ha, estabeleceram-se, portanto, em propriedades bastante pequenas, que vão caracterizar a região e contrastar com as grandes propriedades da região sul do Estado. Começavam a ocupação da colônia pelo desmatamento da gleba, para, a seguir, desenvolver uma agricultura de subsistência. O terceiro passo era a produção de um excedente comercializável”.

Os lotes apresentavam um núcleo onde eram implantadas as benfeitorias e a residência. As edificações são livremente ordenadas em torno de um pátio em que a residência ocupa posição de destaque. Este espaço pode ser chamado de tecido conjuntivo da composição arquitetônica, nele são executadas diversas tarefas relacionadas à vida produtiva. Em sua periferia estão as construções isoladas como o estábulo, o galinheiro, o chiqueiro, o paiol, a moenda de cana, etc. e numa situação estratégica, de forma a permitir uma visão de conjunto, a residência (WEIMER, 1983). Este conjunto de edificações é complementado por uma massa verde que forma a horta e o pomar (figura 12).

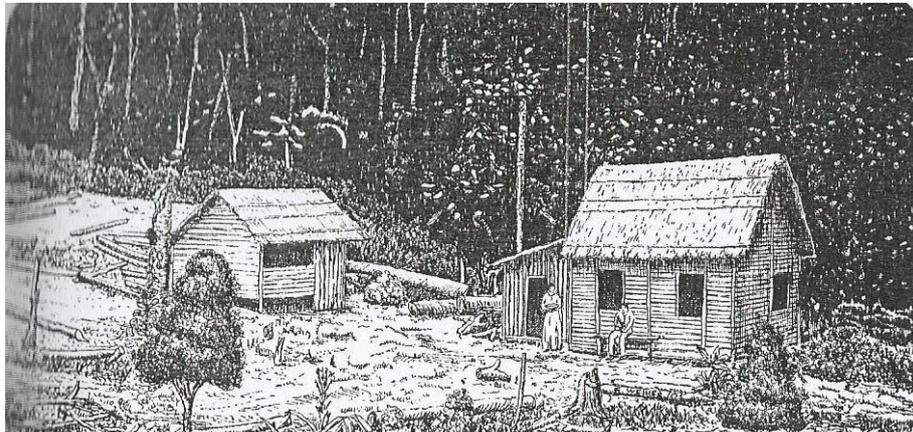


Figura 12: Casa de colonos pioneiros no Vale do Rio dos Sinos, RS.
Fonte: Weimer, 2005, p. 166.

Gislon (2013) explica que “as propriedades foram distribuídas seguindo as linhas de penetração abertas na mata que serviam de estradas. Os lotes eram formados por tiras estreitas a partir dos caminhos traçados. Tinham testadas de no máximo 200 metros, com frente para estradas, que em geral acompanhavam os vales fluviais. Assim, a cidade crescia a partir

dessas pequenas propriedades rurais, incorporando-as ao sistema viário urbano, o que resulta em uma forma espacial singular, marcando sua estrutura com as formas geradas pelas funções do passado”.

Gislon (2013) afirma que o traçado urbano das cidades de origem alemã no Brasil, é composto pela rua comercial, pela igreja que estava localizada em uma elevação ligeiramente afastada dos eixos principais e pelos bairros que comumente são originados a partir da absorção das antigas linhas coloniais. A rua comercial é um elemento singular e gerador do traçado da cidade, e em consequência do desenvolvimento das atividades econômicas, a partir da rua comercial saem as transversais e as paralelas sem preocupação com a regularidade o tamanho das quadras ou com o traçado xadrez. Todo plano urbanístico é subordinado ao comércio, o traçado é adaptado a essa função e também ao relevo e aos rios. Nesses vilarejos, a igreja estava fora da praça.

Segundo Oliveira (2011) o processo construtivo utilizado pelos imigrantes recém chegados ao Rio Grande do Sul era executado no sistema de mutirão, no qual a família e outras pessoas da comunidade participavam ativamente da construção das casas. O proprietário contratava um pedreiro e um carpinteiro. A sincronia de ações era importante, no momento em que o pedreiro terminava as fundações, as madeiras já deveriam estar prontas e o carpinteiro realizava os cortes e encaixes necessários para as montagens dos panos da parede.

Em alguns casos, o proprietário e a família se ocupavam da queima dos tijolos que serviriam de preenchimento das paredes. A queima era feita de forma rústica e artesanal em um forno improvisado, feito em um buraco no chão, no local da obra. Outro aspecto importante a se destacar no processo construtivo da casa era a não utilização de pregos ou parafusos na estrutura de enxaimel e tampouco na fixação de outros elementos como forro, piso, esquadrias e escadas (WEIMER, 2005).

Para Oliveira (2011) os imigrantes mantiveram a técnica construtiva utilizada em seu país de origem, pois encontraram aqui uma condição propícia, não mais observada na Europa: abundância de madeira. Com isso, por todo o século XIX, quase todas as edificações construídas eram enxaimel.

Os hábitos ligados à moradia, próprios da Alemanha, sofreram transformações para se adequarem ao Brasil. Os grupos étnicos apresentavam diferenças marcantes entre si, destacando-se a língua e os costumes (GISLON, 2013). Desta forma, os colonos tiveram que se adaptar rapidamente a uma nova realidade para sobreviver.

Weimer (2005) salienta que em uma comparação com o enxaimel desenvolvido na Alemanha com o executado no Rio Grande do Sul, percebe-se que houve uma sensível simplificação e integração entre os vários estilos construtivos existentes. As diferentes realidades encontradas em cada local foram as responsáveis pela adoção de diferentes formas do enxaimel original, conforme a necessidade e disponibilidade de material.

O clima foi o grande responsável por essas mudanças os imigrantes vêm de regiões de nevadas para regiões de clima subtropical. A grande alteração decorrente das mudanças climáticas foi a separação das funções. Como o fogo deixou de ser o principal elemento de junção espacial, os animais e os utensílios de trabalho não precisavam mais ficar dentro de casa e com isso, passaram a ser construídas edificações separadas para cada função: galinheiro, chiqueiro, paiol, etc. Segundo Weimer (2005) algumas funções típicas da nossa terra foram incorporadas ao programa, como a moenda de cana, o abrigo para preparar melado e a latrina.

A milenar forma de assentamento em aldeias tornou-se inviável. Era evidente que cada colono iria construir a sua residência em sua gleba. Com isto, se institucionalizou uma distribuição homogênea das habitações, forma quase que desconhecida na Alemanha. Assim, criaram aldeias unifamiliares. Como as necessidades iniciais eram de toda a ordem, os colonos não poderiam se dedicar a construção de uma casa na forma alemã, que abrigasse todas as funções. Isto não seria possível por diversas razões, entre elas o fato do clima dispensar o aquecimento central da casa no inverno, e também por ser inviável fazer um esforço centrado na construção de uma grande edificação de uma só vez (WEIMER, 2006).

Weimer (2006) descreve o processo de formação das propriedades alemãs “a primeira edificação construída pelos colonos seria uma modesta casa para o abrigo da família. Nas próximas entressafras construíam as edificações para o abrigo dos animais. Posteriormente seria construída a cozinha, que era uma edificação anexa ao corpo principal da casa, dividida em espaço para cocção dos alimentos e para as refeições (figura 13). O lavatório, a princípio poderia ficar a céu aberto, mais tarde uma das empenas do telhado era prolongada para protegê-lo. Finalmente, tinha início a construção da casa propriamente dita, que era o prédio de maior interesse e responsabilidade. A primeira edificação construída perdia sua função de moradia e era transformada em paiol de milho, abrigo da carroça, ou algumas baias onde a noite o gado era recolhido e recebia alimentação suplementar e ordenhadas as vacas”.



Figura 13: Conjunto casa e cozinha na residência Weber em Santo Cristo/RS.
Fonte: A autora, 2014.

Por fim, este conjunto de construções independentes, mas convenientemente articuladas, formava a aldeia unifamiliar referida anteriormente. Cabe destacar que essas formas de assentamento e de construção, são peculiares da imigração alemã e vem obtendo algum reconhecimento mais pelo apelo visual propiciado pelo forte contraste cromático entre a estrutura de madeira escura e a da alvenaria de fechamento. Esta arquitetura se constituiu num primeiro ensaio de uma adaptação às condições ergológicas e ecológicas em pequenas propriedades subtropicais e que iria servir de modelo às novas correntes imigratórias em tempos posteriores (WEIMER, 2006).

A planta baixa da residência dos imigrantes alemães apresentava dois pares de quartos nas extremidades (figura 14). A sala era um ambiente pequeno e deixou de ser um espaço íntimo e de convivência. As famílias passam a se reunir na cozinha e a sala se aproximou mais do conceito de sala de visitas. A casa ganhou jardim na frente e pomar nos fundos (WEIMER, 2005).

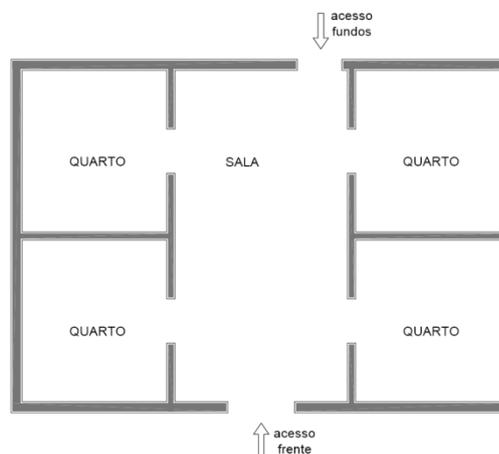


Figura 14: Planta baixa típica do imigrante alemão no Brasil.
Fonte: A autora, 2014, adaptado de Weimer, 2005.

Gislon (2013) cita que “com o passar do tempo as casas foram ganhando varandas (figura 15), uma forma de se adaptar ao clima quente e as chuvas de verão, e as cozinhas voltam a integrar-se ao corpo principal da casa com a vinda dos fogões esmaltados”. Essas transformações decorrem das profundas adaptações que os imigrantes tiveram que realizar em função das condições climáticas, materiais e culturais aqui encontradas.



Figura 15: Casa da Família Ghiel.
Fonte: A autora, 2014.

2.5 A história e o desenvolvimento do município de Santo Cristo

A formação histórica do Rio Grande do Sul está relacionada com a questão fronteiriça existente durante os domínios das Coroas Ibéricas na América Meridional e as suas relações com as populações originárias, os grupos indígenas (MELLO, 2013). Neste contexto, torna-se importante, um estudo mais aprofundado do processo de ocupação e de urbanização do município de Santo Cristo, objeto de nosso estudo.

Segundo informações do IBGE (2014), a colonização do município de Santo Cristo teve início no ano de 1910, ano em que a companhia colonizadora Rio-grandense, sediada em Porto Alegre, implementou a medição das terras na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul. A história tem início quando o Dr. Horst Hofmann adquiriu do Governo do Rio Grande do Sul a gleba na zona rural, que compreendia o território de Santo Cristo. Esta gleba denominada colônia Boa Vista, pertencia ao Município de Santo Ângelo e Santo Cristo era sua sede. A gleba tinha 1222 lotes rurais que pertenciam a Companhia Colonizadora Rio-grandense. O

governo do Estado procedia a colonização das secções Bugre, Bom Princípio, Lajeado Vieira, La Salle, Guaraipo, Quarta Quadra, Laranjeira e as restantes que compreendiam o atual território do município de Alecrim.

Segundo a Revista Memória Fotográfica organizada pela Prefeitura Municipal (1997), o primeiro chefe de colonização foi o engenheiro Carlos Kulmey. Ele procedeu pessoalmente a medição das terras, iniciando pelas bandas de Cerro Azul (hoje Cerro Largo) de onde provinham gêneros de primeira necessidade para os agricultores que radicaram na nova colônia. Os primeiros adquirentes de terras, em junho de 1911, foram as famílias Horn, Bard, Schneider, Seger, Klein, Buschmann, Holz, Kantler, Werner, Kliemann, Hilbig, Etges e Schaedler.

Persistem até hoje dúvidas com relação a origem do nome Santo Cristo. Segundo o IBGE (2014), uma das causas pode ser a religiosidade do povo, entretanto, outros acreditam que o nome esteja relacionado ao nome de uma erva medicinal que crescia ao longo do Rio Santo Cristo. Assim, devido a esses fatores, denominou-se o lugar, próximo da região onde a erva existia, de Santo Cristo.

O IBGE (2014) aponta ainda outra versão que diz em 1800 o governo mandou imprimir em Berna um mapa do Rio Grande do Sul, onde a região da atual Grande Santa Rosa é chamada de Campos de Santo Cristo. Assim, a direção da Companhia Colonizadora Rio-grandense e os Padres Theodor Amstadt e Max Von Lassberg preservaram o nome em memória da Redução Jesuítica existente que foi destruída pelos bandeirantes.

Santo Cristo está localizado na Microrregião de Santa Rosa, compondo juntamente com outras microrregiões a Mesorregião Geográfica do Noroeste Rio-Grandese (figura 16). Distante pouco mais de 500 km de Porto Alegre, possui área territorial de aproximadamente 367km² e uma densidade demográfica de 39,19 hab./km², conta com uma população de 14.378 habitantes (estimada em 14.767 no ano de 2014), segundo dados do censo de 2010 (IBGE, 2014).

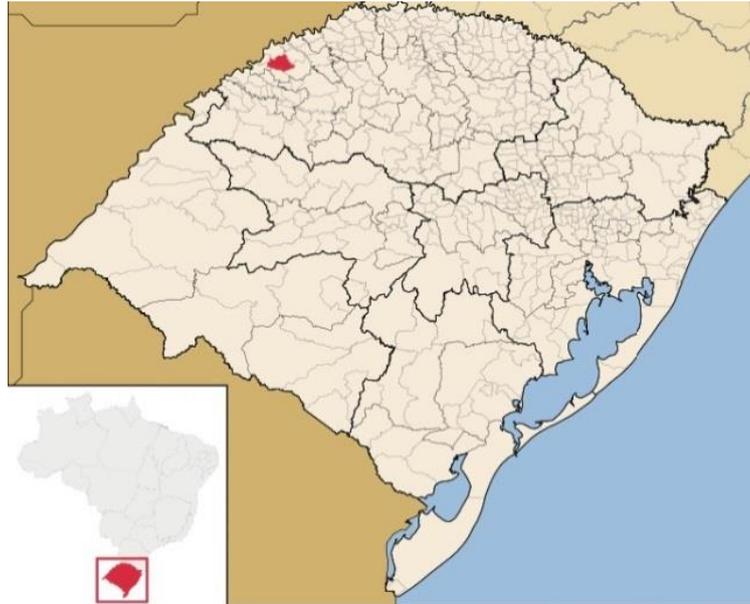


Figura 16: Mapa do RS: Localização de Santo Cristo.
Fonte: Wikipedia, 2014.

O território do município situa-se a uma latitude $27^{\circ}49'26''$ sul e a uma longitude $54^{\circ}39'46''$ oeste, estando a uma altitude média de 283 metros. Faz limites com os municípios de Alecrim, Tuparendi, Santa Rosa, Cândido Godói, Porto Lucena e Porto Vera Cruz (figura 17).

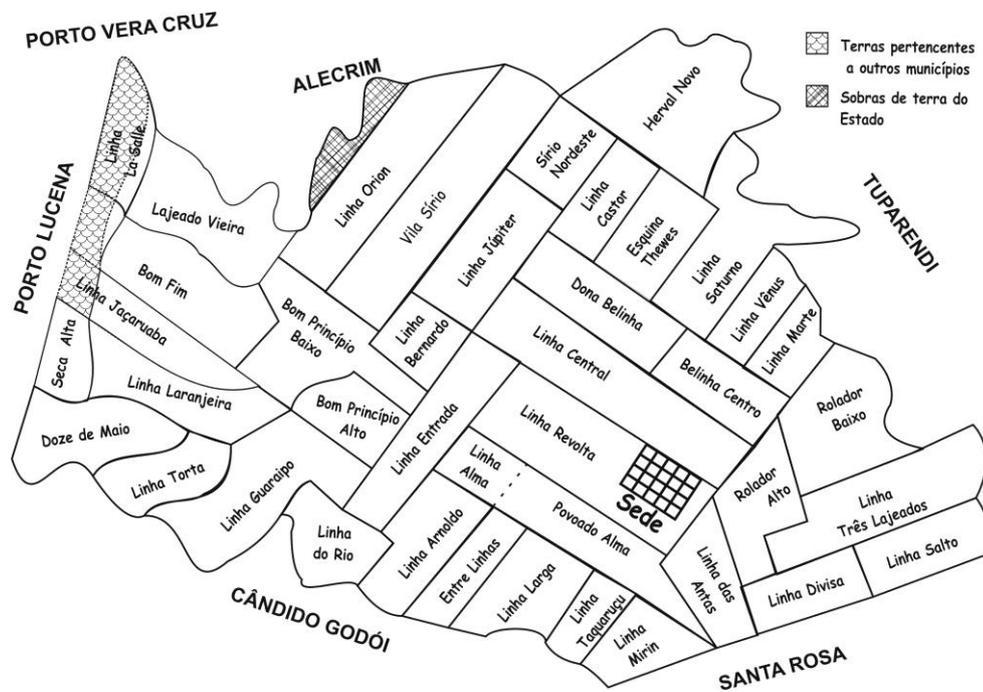


Figura 17: Mapa de Santo Cristo com seus limites e localidades.
Fonte: Santo Cristo, 2009.

O primeiro morador de Santo Cristo foi o Johann Kuhn. Os demais colonizadores foram: Peter Horn (construiu o moinho no rio Monjolo perto da cidade), Albert Horn, Jacób Bard, Jacób Schneider, Nicolaus Seger, Michael Klein, Franz Buschmann, Josef Holz, Nicolaus Holz, Franz Kantler, Mathias Werner (SANTO CRISTO, 2009).

Dados do IBGE (2014) apontam que com relação à formação administrativa do município de Santo Cristo, a comunidade inicialmente pertencia ao município de Santo Ângelo, mas com a emancipação de Santa Rosa, em 10 de agosto de 1931, Santo Cristo passou a constituir o 4º distrito deste município. Em 31 de março de 1938, o povoado foi elevado a categoria de Vila. Com o desenvolvimento da vila, foi realizada uma consulta plebiscitária para sua emancipação, em 20 de dezembro de 1953. O resultado do plebiscito foi de 1487 votos favoráveis e 43 contrários a emancipação. O município foi criado através da Lei nº 2.602, de 28 de janeiro de 1955, sendo a sua instalação solene no dia 1º de janeiro de 1956.

O Quadro 03 sintetiza os principais atos administrativos relacionados ao município, bem como suas respectivas legislações e datas.

Fato/ocorrência	Data/período
Criação da colônia de Boa Vista	1910
Distrito criado com a denominação de Santo Cristo, no município de Santo Ângelo.	Ato Municipal nº232, março de 1924
Com a emancipação do município de Santa Rosa, Santo Cristo passa a constituir seu o 4º Distrito.	31/08/1931
Povoado elevado a categoria de Vila.	31/03/1938
Elevação a categoria de município.	Lei nº2.602 de 28/01/1955. Instalado em 01/01/1956.
O município é constituído de dois distritos: Santo Cristo e Alecrim (desmembrado de Santa Rosa).	01/07/1955
Criado distrito de SÍrio e anexado ao município de Santo Cristo.	Lei municipal nº158, de 24/11/1961
O distrito de Alecrim desmembra do município de Santo Cristo e é elevado a categoria de município.	Lei estadual nº4578, de 09/10/1963
O município é constituído de dois distritos: Santo Cristo e SÍrio.	31/12/1963
Criado o distrito de Vila Laranjeira.	Lei municipal nº882, de 09/05/1984
Em nova divisão territorial o município é constituído de três distritos: Santo Cristo, SÍrio e Vila Laranjeira.	18/08/1988
Criado o distrito de Vila Bom Princípio Baixo.	Lei municipal nº1252, de 01/09/1989
Em nova divisão territorial o município é constituído de quatro distritos: Santo Cristo, SÍrio, Vila Laranjeira e Bom Princípio Baixo.	2001

Quadro 03: Formação administrativa do município de Santo Cristo.

Fonte: Adaptado de IBGE, 2014.

A corrente migratória de Santo Cristo está relacionada com a colonização das Colônias Novas. A imigração no Rio Grande do Sul de início ficou nas chamadas Colônias Velhas, primeiras colônias de imigrantes criadas no RS. Com o aumento no número de

famílias e a grande dificuldade na aquisição de terras, os colonizadores se deslocam fundando as Colônias Novas. A partir de 1916, surgem as associações, *Volksverein Distrikt*, que fundam estas novas colônias. Os primeiros colonizadores do município se instalaram logo acima da cascata do rio Monjolo, onde ergueram barracas (figura 18). Para facilitar o deslocamento, abriram uma picada provisória até Quatorze de Julho, hoje município de Santa Rosa (SANTO CRISTO, 1997).



Figura 18: Acampamento dos primeiros colonizadores na Linha Salto em 1912.

Fonte: Santo Cristo, 1997, p. 5.

Santo Cristo e Alecrim integravam o 5º distrito de Santo Ângelo (com sede em Santo Cristo) e em 1924 passaram a formar o 10º distrito de Santo Ângelo, com sede em Santo Cristo. Da Colônia Guarany até Alecrim foi aberta uma linha, a Linha Central, onde mais tarde surgiu a sede municipal. A sede não foi planejada para o local atual, mas devido a especulação de terceiros que compravam terras para vendê-las a alto preço, a Companhia mediu novas terras, na atual sede e na Colônia Dona Belinha. Nesta, foram morar quatro famílias protestantes. Por definição da Associação (*Volksverein Distrikt*) os planos de migração, deveriam prever Igreja, Escola e Comunidade (figura 19) (SANTO CRISTO, 1997).



Figura 19: Construção da primeira escola paroquial de Santo Cristo.
Fonte: Santo Cristo, 1997, p. 8.

A primeira missa em Santo Cristo foi celebrada no dia 25 de março de 1913, pelo Pe. Max von Lasberg. Inicialmente, a companhia somente vendia terras para colonos católicos, de descendência germânica. Mais tarde, reservou uma área, que abrangia partes da Linha Júpiter, Sírio e Dona Belinha, exclusivamente para protestantes, onde se estabeleceram famílias provindas de Santa Cruz do Sul e cujas terras foram novamente compradas pelos católicos (SANTO CRISTO, 2009).

A análise de mapas da Prefeitura Municipal que retratam a evolução dos loteamentos no município confirma que a expansão urbana da cidade ocorre a partir do traçado original, decorrente do prolongamento das ruas e delimitação de novos quarteirões para além dos limites iniciais. Devido a aspectos de ordem físico-naturais, econômicos e sociais, a expansão urbana acontece de modo heterogêneo e em todas as direções. Através da figura 20 percebe-se que a cidade é cortada ao meio (sentido sudeste-noroeste), pela Avenida Dom Pedro II. Esta avenida conecta-se com a BR472 que faz a ligação entre os municípios de Santo Cristo e Santa Rosa. Em torno da avenida se localizam os centros administrativos, social, comercial e religioso da cidade.

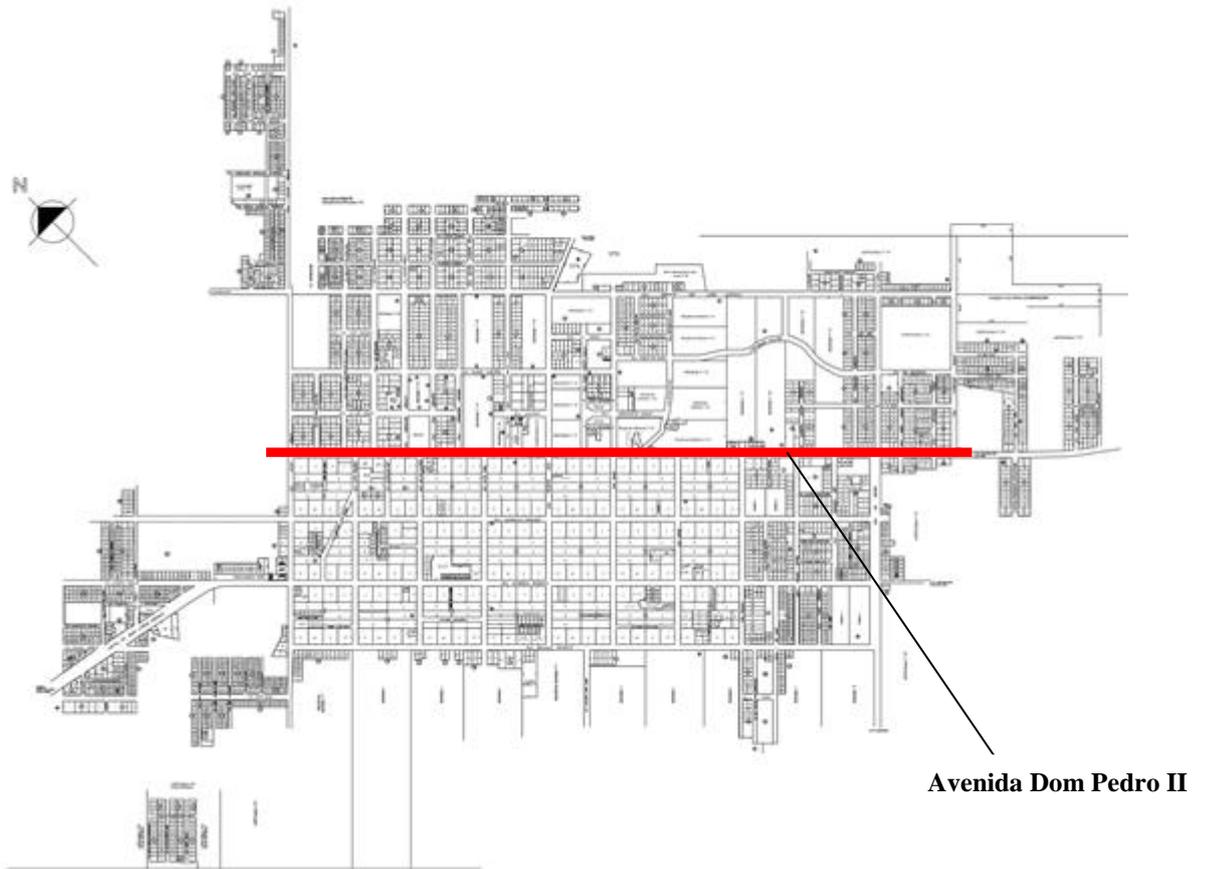


Figura 20: Mapa da cidade de Santo Cristo.
Fonte: Santo Cristo, 2014.

Desta forma, a Avenida Dom Pedro II, destaca-se como elemento formador do traçado da cidade, e em consequência do desenvolvimento das atividades econômicas, a partir dela saem as ruas transversais. As edificações se dispersam na paisagem de maneira irregular, deixando para a igreja um local mais elevado.

As edificações inventariadas, foram escolhidas a partir de suas características arquitetônicas, por isso, se faz necessário o entendimento do termo morfologia. Trata-se do “estudo das formas que a matéria pode tomar” (FERREIRA, 1993), sendo que a palavra vem do grego *morfe*=forma e *logia*= estudo. Para Rossi (1977, apud PEREIRA, 2012) na arquitetura, o termo pode ser empregado tanto para definir formas urbanas, quanto para as partes componentes de uma edificação:

A morfologia urbana é o estudo das formas da cidade. A tipologia construtiva é o estudo dos tipos de construção. Ambas as disciplinas estudam duas ordens de fatos homogêneos; além disso, os tipos construtivos que se concretizam nos edifícios são o que constitui fisicamente a cidade (ROSSI, 1977 apud PEREIRA, 2012).

A pesquisa seguiu dois padrões de valores atrelados ao patrimônio, considerou as relevâncias histórico-culturais e ou morfológico-arquitetônicas para delimitar as casas que poderiam fazer parte do inventário de maneira positiva e contribuir para o pleno entendimento da produção arquitetônica enxaimel de Santo Cristo.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracteriza o município de Santo Cristo, nos aspectos relacionados à contextualização histórica e produção arquitetônica. O recorte temporal se dá em um período de 50 anos (1910 a 1960), desde a data de fundação da Colônia Boa Vista, até o período do movimento modernista na arquitetura brasileira.

A pesquisa realizada é de caráter exploratório, tem como objeto as construções existentes na área rural do município de Santo Cristo que tenham sido construídas utilizando a técnica do enxaimel. Esta estratégia de análise foi escolhida, pois considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, além de propiciar maior conhecimento sobre o problema, tornando-o mais explícito. Seu objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, sendo bastante flexível, pois são analisados os diferentes aspectos do objeto estudado (GIL, 1991).

A abordagem qualitativa foi utilizada para a análise dos dados obtidos, em função das características da pesquisa, pois mesmo que dependa de diferentes fatores para ser realizado, Gil (1991) define esse processo como “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”.

Também, a pesquisa exploratória foi escolhida por ela possuir menor rigidez de planejamento e por buscar desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de atingir uma formulação de problemas mais precisos. Também, proporciona uma visão geral, do tipo aproximativo, de determinado fato (GIL, 1991).

O desenvolvimento do trabalho foi apoiado em pesquisas bibliográficas, de campo e imagéticas, todas elas se tornam apropriadas para o tipo de dados que se pretende obter. A pesquisa bibliográfica proporciona o exame do tema sob novo enfoque ou abordagem. A pesquisa de campo é utilizada para conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, com o intuito de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. A pesquisa imagética trata da documentação por imagens, compreendendo gravuras, estampas, desenhos, pinturas e fotografias (LAKATOS; MARCONI, 1985).

As fontes de conhecimento utilizadas neste trabalho foram os autores de referência na área de patrimônio cultural, de preservação e de história do Rio Grande do Sul, destacando-se Françoise Choay, Carlos A. C. Lemos, Pedro P. Funari e Sandra C. A. Pelegrini, Jacques Le

Goff, Guinter Weimer e Célia Ferraz de Souza. Além disso, a pesquisa busca informações de dados que constam junto aos setores da Prefeitura Municipal de Santo Cristo, como a Secretaria de Educação e Cultura e o Setor de Engenharia bem como junto ao IPHAE. Outra fonte essencial para a realização da investigação são os documentos e relatos fornecidos por cidadãos santo-cristenses sobre a evolução urbana do município.

A proposta metodológica divide o trabalho em etapas, que incluem como instrumentos de coleta de dados, a revisão bibliográfica (com vistas à confecção de fichamentos e análise dos dados teóricos levantados), a elaboração de listagem dos edifícios selecionados, com seus respectivos endereço e ano de construção; levantamento fotográfico (geral e de detalhes construtivos), e o levantamento físico (interno e externo) das edificações; a graficação do projeto arquitetônico (plantas de situação e plantas baixas), por meio de programa computacional específico para desenho em arquitetura: Autocad 2006. Além disso, os dados teóricos e técnicos de cada construção foram estudados, visando à composição dos fichamentos e análise das informações; estudo de critérios para a inclusão ou exclusão de bens, e por fim, a confecção do inventário, produzindo suporte para as conclusões da investigação e sua utilização como instrumento de preservação da arquitetura enxaimel santo-cristense.

As seguintes técnicas de coleta de dados foram utilizadas na pesquisa de campo: visita exploratória, observação não participante e entrevista não-estruturada. A visita exploratória teve o objetivo de compreender o fenômeno para testar a viabilidade do estudo. Através dela foram feitos os levantamentos (físico e fotográfico) das construções enxaimel na área rural do município de Santo Cristo e a análise de suas características. A observação não participante permitiu tomar contato com a realidade estudada, mas sem integrar-se a ela (LAKATOS; MARCONI, 1985), contribuindo igualmente para a identificação das construções que eram objeto do estudo. E, a observação não participante por se realizar no ambiente natural permitiu a percepção do não verbal e daquilo que se revela.

As entrevistas significaram um importante meio de investigação para a coleta e análise dos dados. As entrevistas ocorreram de forma não estruturada, pois se caracterizam por serem totalmente abertas, pautando-se na flexibilidade e na busca do significado, na concepção do entrevistado, ou como afirma May (2004), “permite ao entrevistado responder perguntas dentro da sua própria estrutura de referências”. O entrevistado não fala livremente, o assunto abordado é a pesquisa, e segundo Gil (1991) tem como objetivo a coleta de dados.

As visitas exploratórias e entrevistas foram realizadas no período de setembro a dezembro de 2014 em sua maioria, nos finais de semana e sem agendamento prévio. Os

entrevistados foram abordados nas suas residências. Em um primeiro momento, o entrevistado era informado acerca do trabalho e da importância da preservação das edificações enxaimel. Posteriormente, eram feitas perguntas a respeito da residência, como o ano de construção, características construtivas, tipo de materiais utilizados, ampliações ou reformas executadas. E por fim, eram feitos os levantamentos físico e fotográfico das residências.

Os resultados encontrados foram tratados de forma qualitativa. Esta forma de análise trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes dos processos e dos fenômenos que não podem ser quantificados. A análise e discussão dos resultados envolverá a interpretação e análise dos dados tabulados e organizados anteriormente, com vistas a realização de um inventário como instrumento de preservação do patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo.

Para a confecção do inventário, adotou-se o modelo de ficha do Sistema de Rastreamento Cultural utilizada atualmente pelo IPHAE, uma vez que a mesma contempla os anseios da pesquisa e fornece as bases para o pleno entendimento dos dados obtidos. A ficha citada é apresentada abaixo.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS

INVENTARIO

Município:

Localidade:

Ficha N°:

Denominação do bem:

Endereço/Localização:

Proprietário:

Uso Original e atual:

Latitude:

Longitude:

Erro Horizontal:

Proteção Existente:

Proteção Proposta:

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Observações:

Foto(s):

Responsável:

Data:

Imagens complementares (entorno, edificações)

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

Situação

3.4 Modelo de ficha a ser preenchida para o inventário do patrimônio arquitetônico enxaimel de Santo Cristo

O modelo de ficha utilizado para o trabalho, conforme citado anteriormente, segue o Sistema de Rastreamento Cultural do IPHAE, abrange diversos itens que identificam e caracterizam as edificações. Através dos dados é possível situar as residências, demonstrar suas atuais condições de conservação, detalhar características físicas, por meio de fotos, descrição ou planta baixa.

Na primeira etapa foram utilizadas fichas provisórias onde foram armazenadas as informações, objetivando adquirir o máximo de conhecimento dos objetos de estudo, tanto in loco como através de literatura específica. Na etapa posterior, os dados foram registrados nas fichas definitivas que seguiam o modelo padrão do IPHAE e possuem os seguintes itens de preenchimento, conforme o seu manual:

- a) **Município:** nome do município onde se encontra o bem;
- b) **Localidade:** nome da cidade ou localidade onde se encontra o bem;
- c) **Ficha nº:** o número da ficha é composto da sigla do estado (RS) seguida do ano de elaboração do inventário, mais cinco dígitos fixos referentes ao número do bem cultural. ex: ficha número RS/14 - 00003 (o número 14 refere-se ao ano de 2014);
- d) **Denominação do bem:** nome da edificação (ex.: Museu Municipal, Prefeitura Municipal, Casa da Família Schneider, etc.);
- e) **Endereço/ Localização:** endereço completo do bem;
- f) **Proprietário:** nome do proprietário no momento da elaboração do inventário;
- g) **Uso original/ atual:** descrição do uso original da edificação e seu uso atual;
- h) **Latitude/Longitude/Erro horizontal:** coordenadas geográficas do bem, obtidas a partir de um sistema de posicionamento global ou *global positioning system* (GPS);
- i) **Proteção existente:** descrever se o bem é tombado por alguma instância (Municipal, Estadual, Nacional) ou se é protegido por alguma legislação (Plano Diretor, por exemplo);
- j) **Proteção proposta:** sugestão de alguma forma de proteção;
- k) **Bens móveis:** descrever a existência de bens móveis no interior e no lote da edificação (mobiliário, obras de arte, etc.) que sejam passíveis de proteção, ou de

alguma coleção significativa. É possível a confecção de uma ficha complementar para a inserção de fotografias referentes ao tema;

- l) **Valores Estabelecidos ao Bem:** descrever os valores existentes no bem que o tornam passível de integrar o inventário, conforme tabela em anexo;
- m) **Observações:** breve descrição histórica do bem e outras observações relevantes;
- n) **Foto:** foto da fachada principal do bem, contendo o máximo de detalhes representativos, tais como tipo de esquadrias, cobertura, ornamentos, etc..
- o) **Responsável:** nome do responsável pelo levantamento de dados;
- p) **Data:** data do levantamento de dados;
- q) **Imagens complementares:** inserir imagens que caracterizem o entorno imediato da edificação, com referência às edificações vizinhas, passeio, leito da rua, vegetação, etc.;
- r) **Ficha Complementar:** breve análise arquitetônica do bem, descrevendo as características estilísticas e sua técnica construtiva assim como inserir uma planta de localização da edificação dentro da quadra.

Além de todos os itens apresentados pela ficha do IPHAE, foi necessária a adoção de mais alguns complementos para que as edificações pudessem ser analisadas quanto ao seu estado de conservação e constituição física. Dentro do último componente, Ficha Complementar, consta um levantamento fotográfico mais abrangente, características arquitetônicas e construtivas das edificações (tipologia, morfologia, tipo de construção), estado de conservação (modificação dos elementos originais) entorno imediato (edificação é de referencial urbano, parte de um conjunto ou conformadora de um perfil urbano). Estão listados abaixo os itens de análise das condições físicas das residências, de acordo com indicações das antigas fichas do IPHAN (visualizada no ANEXO A).

- a) **Cobertura:** número de águas, tipo de telhas, acabamento e coroamento;
- b) **Tipo de Estrutura:** independente ou portante;
- c) **Materiais:** estrutura, vedação da estrutura, esquadrias, revestimento das fachadas e pintura das fachadas;
- d) **Esquadrias:** tipo de vergas das portas e janelas;
- e) **Estado de Conservação:** modificação dos elementos originais;
- f) **Estado Físico:** estado de degradação dos elementos construtivos;

- g) **Entorno da Edificação:** edificação de referencial urbano, edificação como parte de um conjunto ou edificação conformadora do perfil urbano;
- h) **Plantas Baixas:** provenientes do levantamento de campo.

3.5 Critérios de seleção das edificações inventariadas

Fundamenta-se esta investigação, tal qual Ginzburg¹, à procura de “sinais”, “pistas” ou “indícios”- reveladores a cerca dos fenômenos da realidade, voltando nossa atenção a dados locais e característicos, buscando nesta especificidade, aspectos gerais, universais. Em nosso caso de estudo, busca-se nas manifestações arquitetônicas ligadas ao enxaimel em Santo Cristo, reflexos dos modelos tradicionais.

Não há no município nenhum tipo de levantamento de dados referente às residências que foram construídas com a técnica enxaimel. As informações acerca da existência e localização das residências foram obtidas com a população, com pessoas leigas que desenvolvem atividades na área rural e por se deslocarem bastante pelo interior do município tem conhecimento da localização destas edificações.

O primeiro critério analisado para incluir as edificações no inventário, foi o recorte temporal (1910-1960), definido a partir do conhecimento prévio da história de Santo Cristo. Assim buscou-se saber através de levantamentos *in loco* e de literatura específica quais as edificações possuem prioridade para compor um inventário e quais são as suas particularidades históricas e culturais.

Além disso, para que as edificações enxaimel fizessem parte do inventário, deveriam apresentar planta baixa quadrada ou retangular com pilares de madeira em cada extremidade da edificação (esteio). Também foram considerados elementos característicos o contraventamento na forma escora e os telhados de duas ou quatro águas com cobertura de zinco ou telha cerâmica do tipo francesa.

Enfatiza-se que a relevância morfológica-arquitetônica foi considerada no critério de seleção das casas analisadas, de acordo com o valor arquitetônico da edificação. As

¹ Carlo Ginzburg é historiador e antropólogo de origem italiana e um dos pioneiros do estudo da *microhistória* – escola historiográfica que reduz a escala de observação, notabilizando fatos relevantes que são ignorados dentro de um contexto construído de forma generalizadora. Seu *método indiciário* constitui o indiciarismo como ferramenta de pesquisa – um conjunto de princípios e procedimentos teórico-metodológico.

edificações oferecem interesse pelas qualidades formais que apresentam, no caso, a presença da técnica enxaimel. Foram considerados a relação morfológica com o entorno e elemento de referência no contexto a que está submetida, conforme informações contidas no ANEXO B. Inicialmente foram selecionadas vinte e uma residências, porém, o recorte temporal e os elementos característicos definidos, reduziram este número para doze.

A relevância histórico-cultural levou em consideração o significado do contexto a que cada prédio está condicionado visto que o patrimônio arquitetônico pode ser fonte material da história, remete as memórias coletivas dos acontecimentos pretéritos ocorridos nas suas estruturas e permeia o imaginário social, formando assim uma conexão do presente com o passado.

Também é possível justificar a relevância histórico-cultural das edificações tomando por base os valores de rememoração citados por Riegl (1987). O valor de antiguidade de uma edificação refere-se a sua idade e às marcas do tempo que são percebidas imediatamente. O valor histórico se refere a um saber e não a uma aparência estética, no caso, pode-se citar o saber fazer da técnica do enxaimel. Já o valor de rememoração intencional diz respeito à conservação e durabilidade no tempo da condição original da edificação.

Na presente pesquisa, as edificações selecionadas serão apresentadas de acordo com sua localização e em ordem cronológica de sua construção, conforme o Quadro 04:

Denominação	Ano construção	Localização
1. Residência Kreutz I	1914	Linha Central
2. Residência Schumacher	1921	Linha Dona Belinha
3. Residência Jung	1929	Linha Marte
4. Residência Weber	1932	Linha Divisa
5. Residência Assmann	1934	Linha Dona Belinha
6. Residência Theisen	1947	Linha Entrelinhas
7. Residência Sander	1951	Linha Dona Belinha
8. Residência Schommer	1952	Linha Alma
9. Residência Angst	1952	Linha Guaraipo
10. Residência Ghiel	1954	Linha Guaraipo
11. Residência Freisleben	1956	Linha do Rio
12. Residência Kreutz II	1959	Linha Central

Quadro 04: Localização e ano de construção das residências inventariadas.

Fonte: A autora, 2014.

A figura 21 apresenta as doze edificações da área rural do município de Santo Cristo selecionadas para o inventário e nela foram demarcados os lotes onde estão implantadas as residências e uma imagem fotográfica de cada uma delas.



Figura 21: Mapa com a localização das edificações inventariadas.
Fonte: A autora, 2014.

4. O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ENXAIMEL DA ÁREA RURAL DE SANTO CRISTO

A partir dos estudos realizados, o inventário passa a ser entendido como um instrumento em prol da política preservacionista. Desta forma, ele estará cumprindo seu papel no município, atuando na defesa de seus costumes, riquezas – cultural, artística e arquitetônica, bem como de sua memória histórica.

No Brasil, o inventário vem sendo utilizado como um instrumento de proteção ao patrimônio arquitetônico e cultural, desde meados de 1930. A cultura, a memória e as tradições poderão ser salvaguardadas e mantidas a partir do registro das edificações e de sua divulgação. De posse desses dados, o poder público e as demais representações da sociedade civil, poderão organizar-se para planejar o desenvolvimento da cidade em um espaço atemporal, conduzindo as ações em harmonia com as manifestações históricas e as necessidades da vida contemporânea.

O inventário do patrimônio arquitetônico enxaimel atuará como suporte teórico para as ações do poder público, na sua preservação, proteção e conservação, bem como poderá colaborar para a elaboração de um plano estratégico em consonância com os desenvolvimentos econômico, sustentável, histórico, social e cultural do município.

As fichas do inventário, sistematizadas de acordo com o Sistema de Rastreamento Cultural utilizado atualmente pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul – IPHAE encontram-se na continuidade da presente pesquisa, dentro de uma sequência cronológica da construção das edificações.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00001

Localidade: Linha Central

Denominação do bem: **Residência KreutzI**

Endereço/Localização: **LinhaCentral**

Proprietário: **Natália Kreutz**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'33.5"** Longitude: **54°39'41.9"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída no ano de 1914 pelos pais de Natália. Estes moraram sozinhos na residência enquanto contavam com uma boa saúde. Natália mudou-se de Santa Rosa para Santo Cristo, por isso, foi construída mais uma casa no lote. Os pais de Natália passaram a morar na casa nova e Natália com sua família na antiga (enxaimel). Hoje, a casa é habitada pelo caseiro da propriedade.

A residência encontra-se bastante conservada, reparos são feitos com frequência. É possível notar que foram sendo realizadas ampliações na residência para adaptá-la aos confortos de uma vida em evolução, como a introdução de um banheiro junto a residência, e a construção de varanda na parte frontal da casa.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Kreutz I



Perspectiva residência Kreutz I

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreaia Diel

Data: Janeiro/2015

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Kreutz I



Fundos residência Kreutz I



Edificação anexa à residência



Pátio frontal cercado



Varanda frontal da residência



Fundos residência Kreutz I

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Kreutz I se localiza em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência. A casa, em sua parte frontal é cercada por uma tela que configura um jardim e faz comunicação com a residência mais nova. No pátio, próximo a residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

Ra A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados do retângulo. A varanda e a cozinha surgiram com o prolongamento dos telhados na parte frontal da residência. Na lateral direita, a varanda faz a ligação da casa (corpo principal) com uma pequena edificação anexa, onde se localizam o banheiro, a lavanderia, dois quartos e uma cozinha. A residência apresenta divisórias internas de madeira. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. Apresenta forte apelo visual proporcionado pelo contraste cromático entre a estrutura de madeira escura e a alvenaria clara.

Cobertura

Edificação principal - Telhas cerâmicas - francesas, com duas águas e prolongamento na varanda

Edificação anexa – Telhas cerâmicas – francesas e telhas metálicas, com duas águas

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de pedra e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos

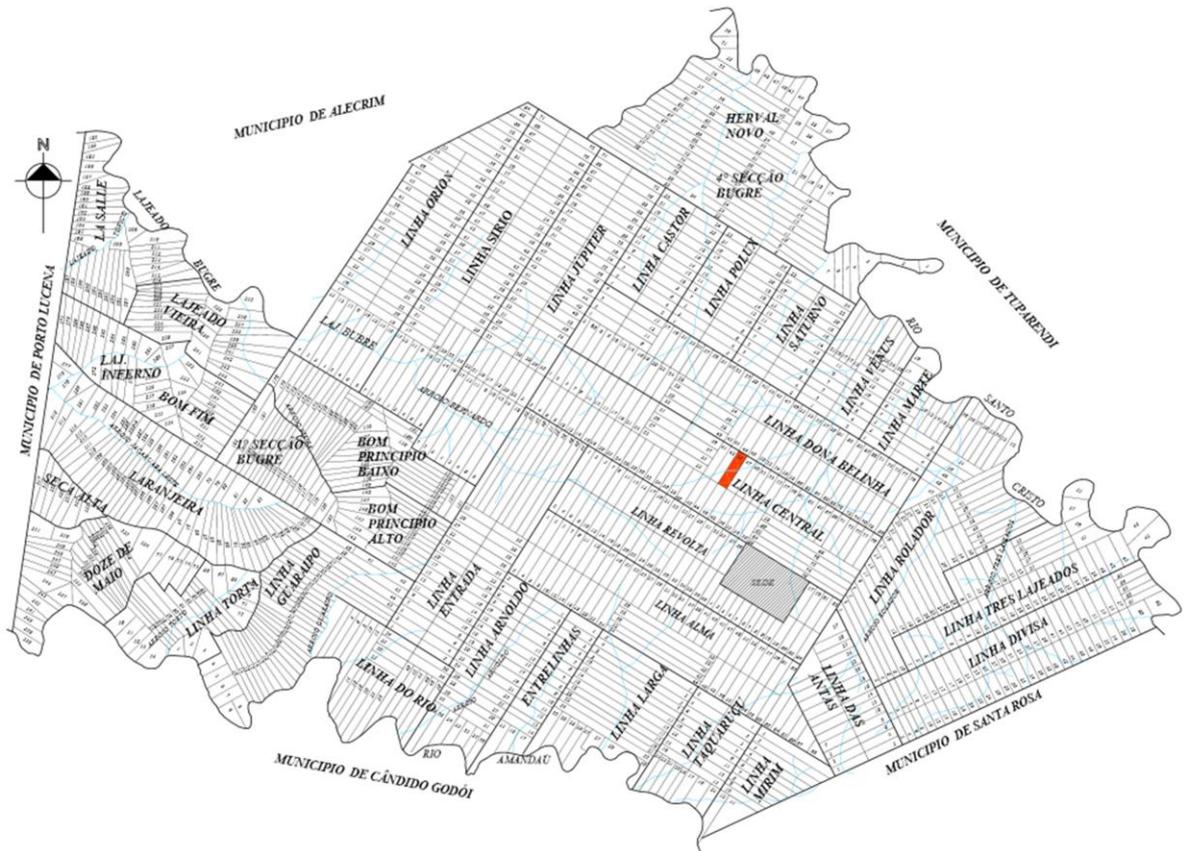
Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam bom estado de conservação.

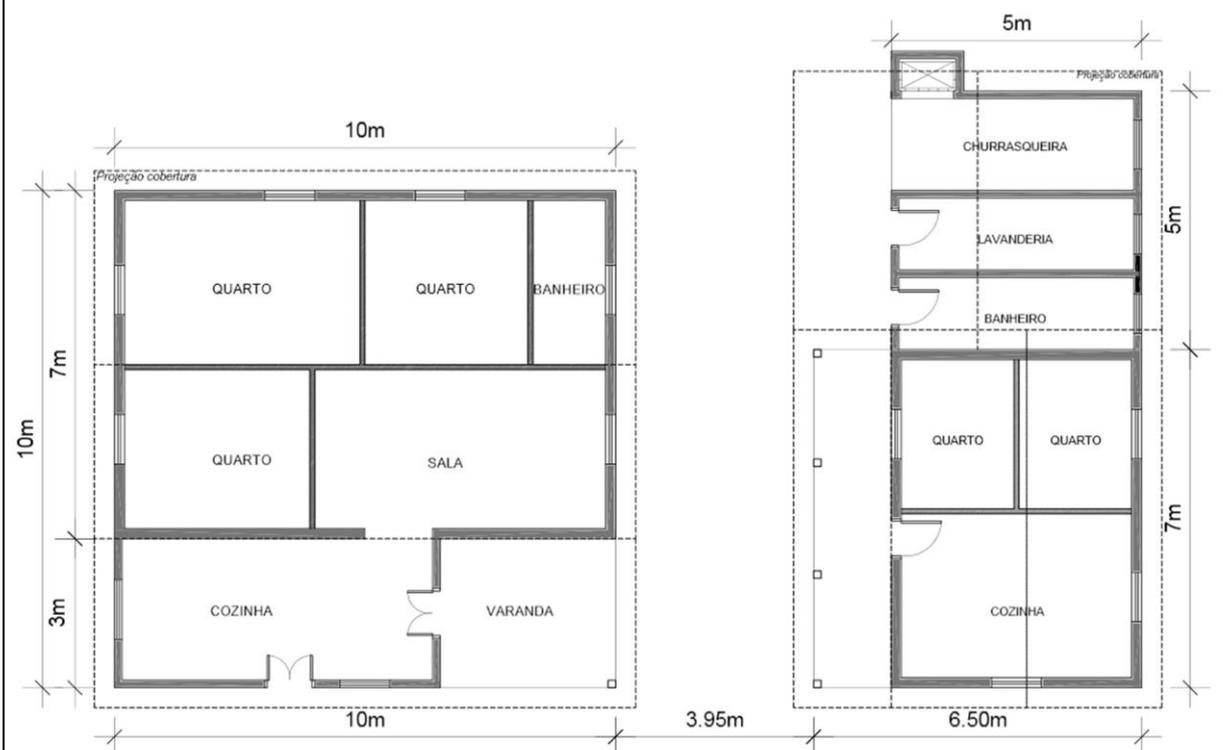
Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Situação – residência Kreutz I – Linha Central (lote rural nº45)



Planta baixa – croqui



Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00002

Localidade: Linha Dona Belinha

Denominação do bem: **Residência Schumacher**

Endereço/Localização: **Linha Dona Belinha**

Proprietários: **Armindo Schummacher/Julieta Dillmann**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'38.1"** Longitude: **54°39'42.1"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por José Kreutz no ano de 1921. Armindo Schumacher comprou a residência de José Kreutz, pois este passou a residir em Santa Catarina. A residência encontra-se bastante desgastada pelas intempéries. Pequenas reformas foram sendo feitas ao longo dos anos, a última no ano de 1976, quando foram construídos banheiro e a varanda nos fundos da residência. No ano em que Julieta Schummacher e Romeu Dillmann se casaram construíram uma edificação ao lado da casa de Armindo, as duas casas eram interligadas por uma varanda.

É possível observar alguns problemas na estrutura da residência que em alguns locais está cedendo apresentando grandes rachaduras nas paredes. Em função das condições em que a residência se encontra, a família decidiu construir uma casa nova, justificando que os custos para uma reforma seriam superiores.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Schummacher



Perspectiva residência Schummacher

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Schummacher



Varanda que interliga as duas residências



Varanda frontal



Fechamento do porão com tijolos



Piso de tijolos na varanda



Paredes internas com grandes rachaduras



Proximidade entre as duas edificações

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Schummacher localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a agricultura, com a plantação de grandes áreas de terra. A residência, não apresenta em seus arredores nenhum tipo de cerca para delimitar jardim ou pomar, isso se deve ao fato da nova residência que está sendo construída pela família estar bem próxima da casa antiga. No pátio, próximo à residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação tem como corpo principal dois retângulos que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados de cada retângulo. As telhas que cobrem a residência são metálicas de zinco. Na lateral direita da residência prolongou-se o telhado para introdução de um banheiro e uma varanda. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão originalmente era aberto com o passar dos anos recebeu fechamento de alvenaria, pois a estrutura de madeira já estava comprometida. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas metálicas de zinco, com quatro águas (duas águas em cada retângulo) e prolongamento na varanda dos fundos.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de tijolos de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam degradação considerável, sendo necessários reparos na estrutura de madeira, no reboco e na pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 0003

Localidade: Linha Marte

Denominação do bem: Residência Jung

Endereço/Localização: LinhaMarte

Proprietários: Lucia Borscheidt/Linos Jung

Uso Original e atual: Residencial

Latitude: 27°49'34.5"

Longitude: 54°39'42.6"

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Não há

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída no ano de 1929 pela família de Lucia Borscheidt. Atualmente residem na casa Linos Jung e sua esposa. A residência encontra-se em um estado de conservação razoável, alguns reparos principalmente na estrutura de madeira, nas esquadrias e na pintura deveriam ser feitos. O baldrame da residência, hoje é apoiado sobre fundamento de tijolos maciços, mas originalmente era apoiado em pilares de madeira que tiveram que ser substituídos em função das precárias condições em que se encontravam e por estarem comprometendo a estrutura da casa. Quando da substituição dos pilares de madeira da fundação por pilares de tijolos maciços, também as paredes dos dormitórios que eram de tijolos maciços foram substituídas por paredes de madeira.

Na lateral direita da residência foi anexado um depósito, lavanderia e uma varanda.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Jung



Perspectiva residência Jung

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Dezembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Fundos residência Jung



Fundos residência Jung



Pilares de tijolos maciços no fundamento



Fachada frontal residência Jung



Varanda lateral na residência



Paredes externas dos dormitórios – madeira

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Jung localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a subsistência. Não apresenta em seus arredores, nenhum tipo de cerca para delimitar jardim ou pomar, as árvores estão dispersas ao longo do terreno. No pátio, próximo à residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados do retângulo com telhas metálicas de zinco. A varanda surgiu com o prolongamento do telhado na lateral direita da residência e neste local foram construídos lavanderia, despensa e banheiro. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é aberto e pelo pouco desnível existente no terreno, não é ocupado. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas metálicas de zinco, com duas águas e o prolongamento da ampliação na lateral direita.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de madeira (original) e tijolos maciços (atual).

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e madeira.

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Heterogêneo – Os elementos originais foram substituídos por elementos novos. O forro de madeira existente nos quartos e na sala foi substituído por forro de PVC.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam estado de conservação razoável, sendo necessários reparos na estrutura de madeira e na pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00004

Localidade: Linha Divisa

Denominação do bem: **Residência Weber**

Endereço/Localização: **Linha Divisa**

Proprietários: **Lucia Margarida Weber**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'35.2"**

Longitude: **54°39'43.4"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída no ano de 1932. Lucia Margarida Weber mora na casa com um de seus filhos. A residência encontra-se em um estado de conservação razoável, a última reforma foi realizada há sete anos. Algumas das janelas de madeira foram substituídas por esquadrias metálicas em função das precárias condições em que se encontravam. O baldrame da residência, hoje é apoiado sobre fundação de tijolos maciços, mas originalmente era apoiado em pilares de madeira que tiveram que ser substituídos, pois estavam comprometendo a estrutura da casa.

Nos fundos da residência foi anexado um banheiro e um dormitório, e na parte frontal uma varanda que faz a ligação do corpo principal da casa com a cozinha.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Weber



Perspectiva residência Weber

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Dezembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Weber



Fundos residência Weber



Varanda frontal



Varanda com assoalho de madeira



Churrasqueira e forno nos fundos da residência



Cozinha anexa ao corpo principal da residência



Acesso ao porão

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Weber localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a subsistência. A casa é cercada por uma tela na parte frontal configurando um jardim.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados do retângulo com telhas metálicas de zinco (corpo principal) e quatro águas com telhas cerâmicas (cozinha). O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é fechado e tem função de depósito. A residência se destaca na paisagem em função da cor utilizada para a pintura da estrutura enxaimel, percebe-se um grande contraste entre a cor da estrutura e a alvenaria de vedação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas metálicas de zinco, com duas águas (corpo principal) e telhas cerâmicas, com quatro águas (cozinha).

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de madeira (original) e tijolos maciços (atual).

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos. Apenas as janelas dos dormitórios que eram madeira foram substituídas por outras, metálicas.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam bom estado de conservação, sendo necessários reparos na estrutura de madeira e na pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00005

Localidade: Linha Dona Belinha

Denominação do bem: Residência Assmann

Endereço/Localização: Linha Dona Belinha

Proprietários: Ivo Assmann/Erica Herminda Assmann

Uso Original e atual: Residencial

Latitude: 27°49'39.7"

Longitude: 54°39'42.5"

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Não há

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Ivo Assmann no ano de 1934. Erica Herminda Assmann mora na residência com a nora Alice e dois netos. A residência encontra-se em um estado de conservação razoável, apesar da última reforma ter sido realizada a cerca de treze anos. O baldrame da residência é apoiado sobre fundação de tijolos maciços de barro que configura um porão e este serve de garagem. Uma ampliação foi executada na lateral direita da residência, onde foram construídos um banheiro, uma despensa e uma varanda fechada.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Assmann



Perspectiva residência Assmann

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Assmann



Fundos residência e acesso ao porão/garagem



Fachada fundos



Ampliação lateral direita



Aberturas na fachada para ventilação do porão



Vista interna no porão/garagem

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Assmann localiza-se em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência. Nos acessos da residência, frente e fundos, parte do lote foi cercado para formar jardins. No pátio, próximo à residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas nos lados do retângulo. As telhas que cobrem a residência são cerâmicas. Na lateral direita da residência prolongou-se o telhado para introdução de um banheiro, despensa e uma varanda fechada. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é acessado pela lateral da residência e tem função de garagem. Percebe-se uma grande quantidade de aberturas na parte inferior da residência, para possibilitar a ventilação do porão e da própria estrutura. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas cerâmicas, com quatro águas e prolongamento da varanda na lateral direita.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam um estado de conservação razoável, a estrutura de madeira em alguns locais carece de reparos, bem como a pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00006

Localidade: Linha Entrelinhas

Denominação do bem: Residência Theisen

Endereço/Localização: Linha Entrelinhas

Proprietários: Hugo Lermen/Isalva Lermen Theisen

Uso Original e atual: Residencial

Latitude: 27°49'38.4" Longitude: 54°39'40.7"

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Não há

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Hugo Lermen no ano de 1947. Isalva cuidou de seus pais enquanto viviam e por isso herdou a residência. Ela mora na casa com seu esposo e seus dois filhos. A residência encontra-se bastante degradada pelas intempéries, a pintura está muito desgastada, pois a última vez que foi pintada foi no ano de 1994. Na parte interna, as madeiras apresentam um bom estado de conservação. No assoalho a madeira utilizada é o pinho da mata e no restante da casa, ipê. A estrutura da residência passou por alterações, os pilares de madeira que apoiavam o baldrame, foram substituídos por pilares de tijolos maciços, uma vez que se encontravam muito comprometidos, estavam apodrecendo em função da umidade.

Uma ampliação executada na lateral direita da casa introduziu uma varanda e um banheiro junto ao corpo da residência.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Theisen



Perspectiva residência Theisen

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Dezembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Theisen



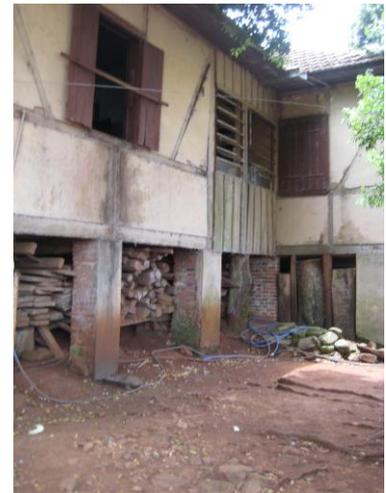
Fundos residência Theisen



Varanda frontal



Varanda que interliga o corpo principal da casa e a cozinha



Porão aberto utilizado como depósito de lenha



Cobertura da residência



Detalhe da fixação da estrutura de madeira

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Theisen localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a subsistência, sendo as principais fontes de renda a venda de leite e as lavouras. A casa é cercada por uma tela configurando um jardim na parte frontal e uma horta na lateral.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas nos lados do retângulo. As telhas que cobrem a residência são as telhas originais e são cerâmicas. Na lateral da residência prolongou-se o telhado para introdução de um banheiro e da varanda. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é aberto e tem função de depósito de lenha e de alimentos úmidos. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas cerâmicas- francesas, com quatro águas e prolongamento da varanda na lateral direita, com cobertura de telhas de fibrocimento.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de madeira (original) e tijolos maciços (atual).

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos. Apenas duas janelas de madeira da lateral esquerda foram substituídas por novas, também de madeira.

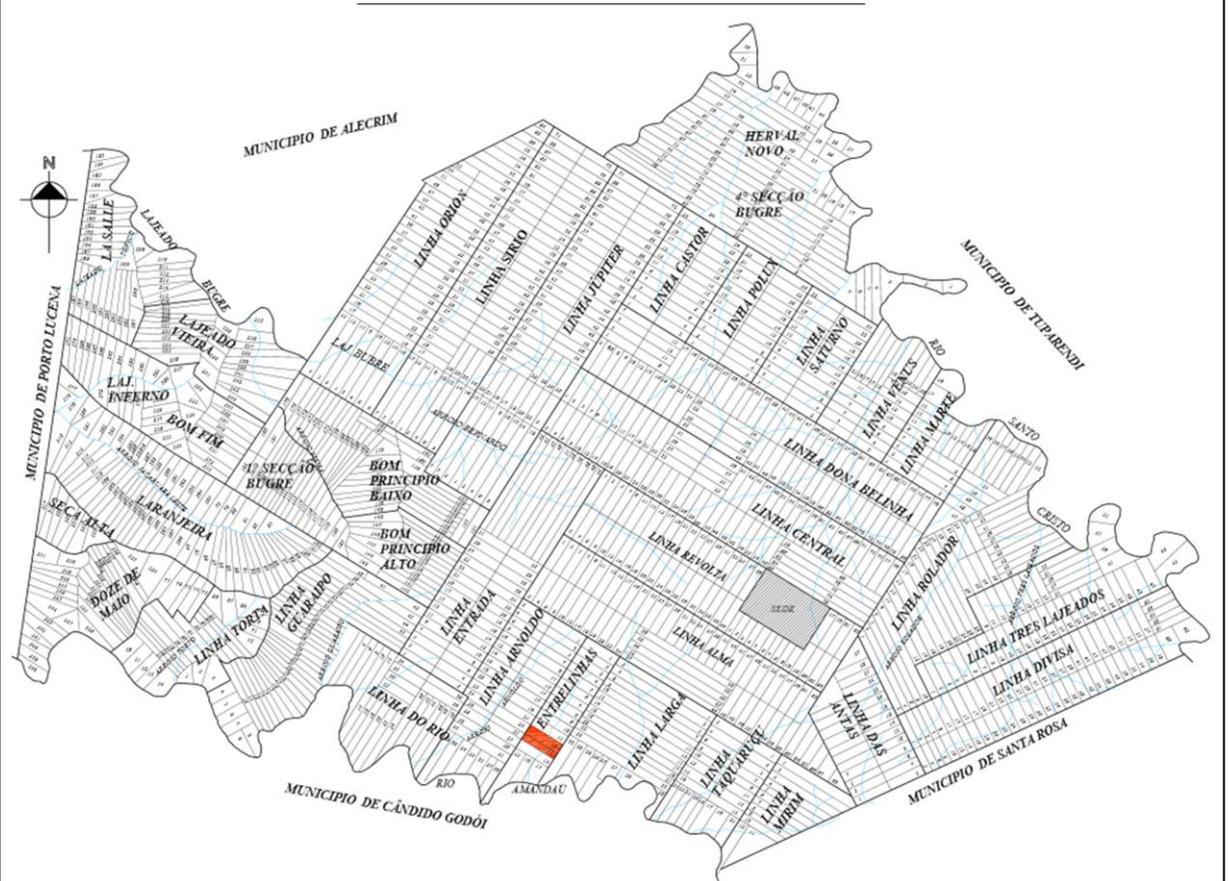
Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam degradação considerável, sendo necessários reparos na estrutura de madeira e na pintura.

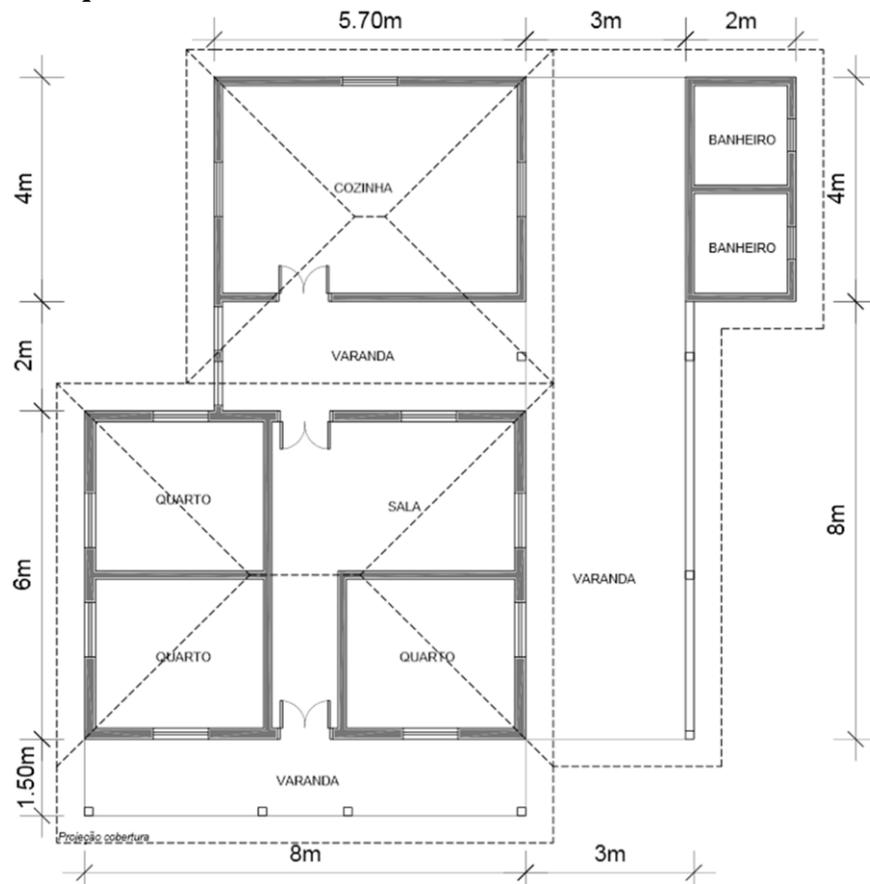
Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Situação – residência Theisen – Linha Entrelinhas (lotes rurais nº12 e nº13)



Planta baixa – croqui



Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00007

Localidade: Linha Dona Belinha

Denominação do bem: **Residência Sander**

Endereço/Localização: **Linha Dona Belinha**

Proprietários: **José Elói Hoss/Cecília Sander**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'39.1"**

Longitude: **54°39'42.3"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Balduino Sander no ano de 1951. Após a morte dos pais, Cecília Sander passou a viver na residência com a família. A residência encontra-se em um estado de conservação razoável, alguns reparos, principalmente na estrutura de madeira e nas esquadrias deveriam ser feitos. No porão da residência pode-se observar que alguns dos pilares de tijolos maciços de barro encontram-se desgastados pelo sal para alimentação do gado que era depositado neste local. O prolongamento de uma das águas do telhado originou uma varada nos fundos onde foram construídos banheiro, churrasqueira e lavanderia. Os moradores planejam uma reforma para construção de um banheiro interno, próximo aos quartos.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Sander



Perspectiva residência Sander

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Sander



Fundos residência e acesso ao porão/garagem



Fachada fundos



Varanda fundos



Varanda frontal



Reboco de barro degradado



Esteio de canto encaixado no baldrame



Vista interna do porão

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Sander localiza-se em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência. Em frente à residência e próximo ao acesso a propriedade, localiza-se uma horta, cercada por tela. Nos fundos, configura-se um pequeno jardim. No pátio, próximo à residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas nos lados do retângulo. As telhas que cobrem a residência são metálicas de zinco e já foi aplicada pintura. A varanda surgiu com o prolongamento do telhado na lateral da residência e neste local foram construídos lavanderia, churrasqueira e banheiro. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é acessado pela lateral e fundos da residência e tem funções de garagem e depósito. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas metálicas de zinco, com quatro águas e prolongamento da ampliação na lateral direita.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam um estado de conservação razoável, a estrutura de madeira em alguns locais carece de reparos, bem como a pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00008

Localidade: Linha Alma

Denominação do bem: **Residência Schommer**

Endereço/Localização: **Linha Alma**

Proprietários: **Fernando Luis Brod/Maria Brod Schommer**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'37.3"** Longitude: **54°39'41.3"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Fernando Luis Brod no ano de 1952. Maria Brod Schommer cuidou de seus pais enquanto viviam e moravam na residência. A casa está desocupada há 19 anos e ainda apresenta alguma mobília em seu interior, pois os irmãos de Maria, quando vem para visita-la ficam na casa. A residência apresenta-se bastante desgastada pelas intempéries, sendo seu maior problema o telhado que apresenta várias goteiras e precisaria ser substituído. Na parte interna, as madeiras apresentam um bom estado de conservação.

No lote, foram encontradas duas residências construídas com a técnica enxaimel, a segunda, mais conservada, foi construída no ano de 1964 é a atual residência de Maria, foi onde ela viveu com seu esposo e seus filhos.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Schommer



Perspectiva residência Schommer

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Schommer



Entorno residência Schommer



Varanda frontal



Assoalho de madeira no piso da varanda frontal



Cozinha – ampliação posterior



Fundação de madeira e tijolos na sustentação



Pecas de madeira encaixadas entre si

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Schommer localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a subsistência. Pode-se verificar uma cerca com tela ao redor das duas residências que configuram uma horta e um jardim frontal e pomar nos fundos.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas nos lados do retângulo. As telhas que cobrem a residência são cerâmicas. Nos fundos da residência prolongou-se o telhado para introdução de um banheiro e da cozinha. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. O porão é aberto e tem função de depósito. Alguns dos pilares de madeira utilizados na fundação da residência foram substituídos por pilares de tijolos, em função do grande desgaste apresentado pelos mesmos. Apresenta forte apelo visual proporcionado pelo contraste cromático existente entre a estrutura de madeira escura e a alvenaria de vedação clara.

Cobertura

Edificação principal – Telhas cerâmicas- francesas, com quatro águas e prolongamento da varanda dos fundos.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de madeira (original) e tijolos de barro (atual).

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam degradação considerável, sendo necessários reparos na estrutura de madeira, no reboco e na pintura.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00009

Localidade: Linha Guaraipo

Denominação do bem: **Residência Angst**

Endereço/Localização: **Linha Guaraipo**

Proprietários: **Sílvio Antônio Angst e Vera Angst**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'45.0"**

Longitude: **54°39'31.7"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Amândio Angst no ano de 1952. Amândio viveu na residência com sua esposa Cela e seus filhos até o final de sua vida. A residência encontra-se bem conservada, pois já passou por várias reformas. Na estrutura da residência não foi feito nenhum tipo de reparo, é possível observar que em alguns locais o piso está cedendo devido à umidade. O baldrame da residência é apoiado sobre pilares de tijolos maciços de barro e não apresenta fechamento, o que permite a ascensão da umidade. Uma pequena ampliação foi executada nos fundos da residência, com a introdução de banheiro, churrasqueira e lavanderia. Além disso, o prolongamento de uma das águas do telhado originou uma varanda lateral.

Sílvio Antônio Angst e a esposa Vera Angst moram na residência juntamente com seus dois filhos.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Angst



Perspectiva residência Angst

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Angst



Fundos residência Angst



Fachada lateral esquerda



Varanda frontal



Varanda lateral



Varanda fundos e lateral – banheiro e churrasqueira



Varanda fundos e lateral – banheiro e churrasqueira



Peças de madeira encaixadas entre si



Detalhe fechamento varanda frontal

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Angst localiza-se em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência e tem como principal fonte de renda a venda de melado. A casa é imponente, destaca-se na paisagem em função de sua altura. É cercada por uma tela que configura um jardim e um pequeno pomar. No pátio, próximo a residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais, das máquinas agrícolas e a moenda para fabricação do melado.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados do retângulo. A varanda surgiu com o prolongamento dos telhados na lateral direita e fundos da residência. Nos fundos, na varanda se localizam o banheiro, a churrasqueira e a lavanderia. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. A residência não apresenta porão, a base da casa (baldrame) onde está fixada toda a estrutura enxaimel, é apoiada sobre pequenos pilares de tijolo e é vazada. A madeira da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação foram pintadas da mesma cor, neste caso, a presença do enxaimel só é percebida estando bem próximo da edificação.

Cobertura

Edificação principal - Telhas metálicas de zinco, com duas águas e prolongamento nas varandas lateral e fundos

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Heterogêneo – Alguns dos elementos originais foram substituídos por elementos novos, como as telhas que inicialmente eram cerâmicas e o revestimento das calçadas.

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam bom estado de conservação. São visíveis problemas na estrutura, que está cedendo em alguns pontos.

Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 000010

Localidade: Linha Guaraipo

Denominação do bem: **Residência Ghiel**

Endereço/Localização: **Linha Guaraipo**

Proprietários: **Atanir Miguel Ghiel**

Uso Original e atual: **Residencial**

Latitude: **27°49'43.1"**

Longitude: **54°39'32.7"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Não há**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Silvestre Ghiel no ano de 1954. Originalmente, a casa seguia o padrão de planta baixa adotada pelos imigrantes alemães: quatro quartos nas laterais do retângulo e uma sala centralizada, com a cozinha (hoje porão) no andar inferior. Quando a casa ficou pronta e passaram a utilizar a cozinha, se depararam com o problema da umidade. Com isso, acabaram construindo outra edificação para abrigar a cozinha. Além da ampliação da varanda e inserção do banheiro, a residência teve outra grande modificação que foi a transformação de um quarto em cozinha para que Leonilda Maria Ghiel pudesse morar na casa ao lado (então cozinha) após a morte de Silvestre Ghiel. Na última reforma efetuada na residência, no ano de 2009, as esquadrias de madeira foram substituídas por esquadrias metálicas, restaram apenas duas que se encontram protegidas pela varanda.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Ghiel



Perspectiva residência Ghiel

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Ghiel



Lateral esquerda – relação com a outra residência



Fachada lateral esquerda



Varanda frontal



Fachada lateral direita



Fachada fundos



Acesso ao porão



Vista interna porão

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Ghriel localiza-se em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência. A casa é cercada por uma tela que configura um pomar na frente e uma horta na lateral. No pátio, próximo a residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em duas águas nos lados do retângulo. As telhas que cobrem a residência são as originais, apenas receberam pintura. O oitão, originalmente era de madeira, com o tempo foi substituído por tijolos em função do desgaste ocorrido pelas intempéries. A varanda surgiu com o prolongamento do telhado na parte frontal da residência, ali se localizam a lavanderia e o banheiro. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”, sendo utilizadas somente nas paredes frontal e fundos da residência. O porão é acessado pelos fundos da residência e tem função de depósito. A residência se destaca na paisagem em função da cor utilizada para a pintura da estrutura enxaimel. Percebe-se um grande contraste entre a cor da estrutura e a alvenaria de vedação.

Cobertura

Edificação principal - Telhas cerâmicas-francesas, com duas águas e prolongamento na varanda

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Metálicas e Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Heterogêneo – Alguns dos elementos originais foram substituídos por elementos novos, como grande parte das esquadrias e o forro (madeira substituída por PVC).

Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam bom estado de conservação. Existe grande preocupação dos moradores com a conservação da residência, várias reformas foram executadas e estão programando uma pintura.

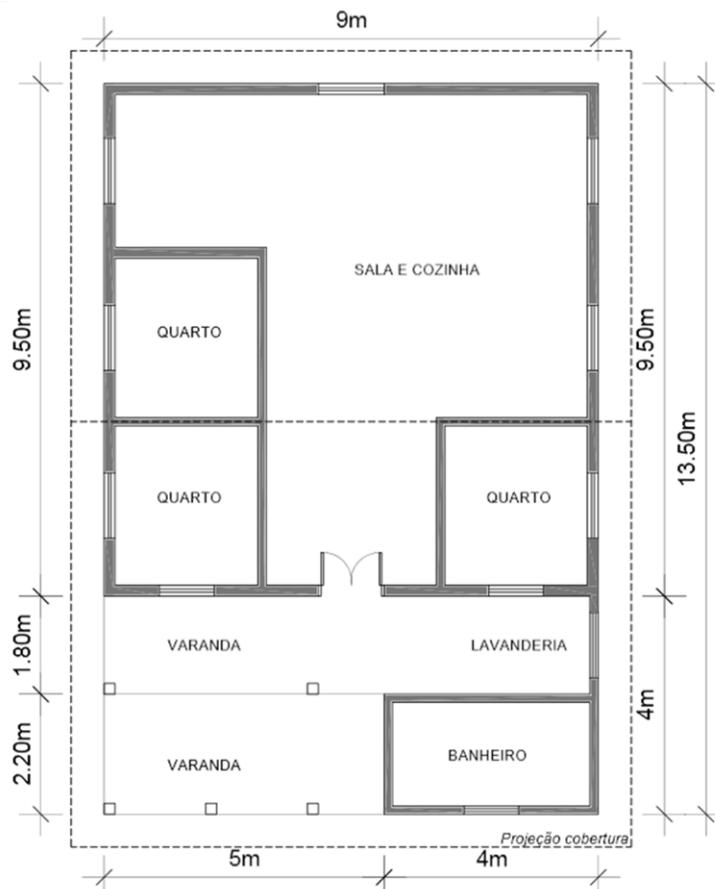
Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Situação – residência Ghriel – Linha Guaraipo (lote rural nº45)



Planta baixa – croqui



Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTARIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 000011

Localidade: Linha do Rio

Denominação do bem: Residência Freisleben

Endereço/Localização: Linha do Rio

Proprietário: Sergio Luis Heinzmann

Uso Original e atual: Residencial

Latitude: 27°49'45.2" Longitude: 54°39'31.0"

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Não há

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A residência foi construída por Oscar Theobaldo Freisleben no ano de 1956. Oscar viveu na residência com sua esposa Adélia Clara Freisleben até o final de sua vida. A residência encontra-se bastante desgastada pelas intempéries. Não há registros de reformas. É possível notar que foram sendo realizadas ampliações na residência para adaptá-la aos confortos de uma vida em evolução, como a introdução de um banheiro junto à residência, e a construção de varandas ao redor da casa para proporcionar maior conforto aos moradores em função do clima quente e das chuvas de verão.

Sergio Luis Heinzmann, sua esposa e a filha do casal, moram na residência juntamente com Adélia que tem 86 anos e está enferma. Em virtude da doença de Adélia a parte interna da residência sofreu adaptações, um dormitório foi transformado em lavabo.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Freisleben



Fachada Lateral residência Freisleben

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Setembro/2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Freisleben



Lateral esquerda



Detalhe coberturas nos acessos da residência



Forro varanda dos fundos



Varanda lateral direita



Peças de madeira encaixadas entre si



Acesso ao porão

FICHA COMPLEMENTAR

Análise Arquitetônica

A residência Freisleben se localiza em uma pequena propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado à subsistência. A casa está localizada ao lado direito da rua de acesso a propriedade, é cercada por uma tela que configura um jardim ao redor da residência. No pátio, próximo a residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

Ru A edificação tem como corpo principal um retângulo que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas nos lados do retângulo, a varanda surgiu com o prolongamento dos telhados na lateral direita e fundos da residência. Nos fundos, a varanda faz a ligação da casa (corpo principal) com uma pequena edificação anexa, onde se localiza o banheiro e a despensa (originalmente a cozinha). O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. Observa-se a existência de um porão semienterrado, com pé-direito muito baixo que serve como depósito de alimentos úmidos. Apresenta forte apelo visual proporcionado pelo contraste cromático entre a estrutura de madeira escura e a alvenaria clara.

Cobertura

Edificação principal - Telhas metálicas de zinco, com quatro águas e prolongamento nas varandas

Edificação anexa – Telhas cerâmicas – francesas, com duas águas

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido e estrutura de madeira

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco de barro

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos

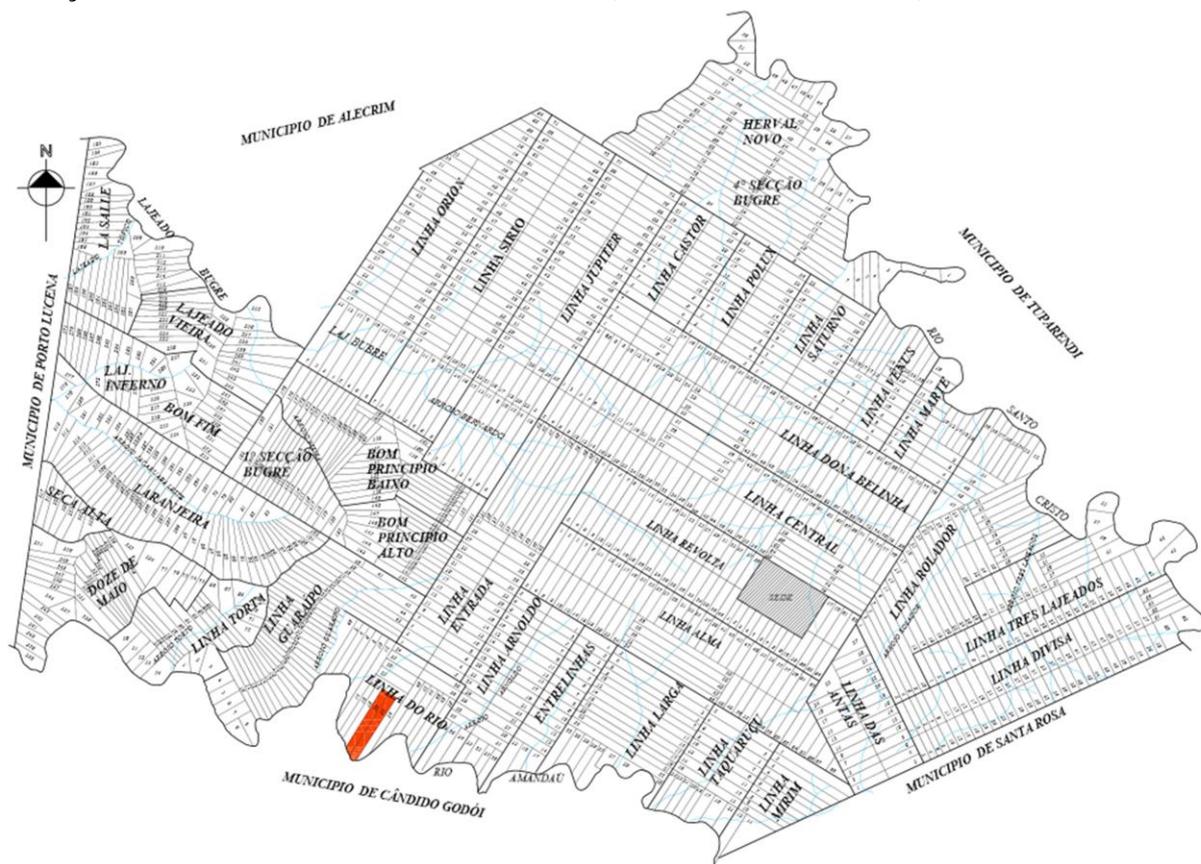
Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam degradação considerável

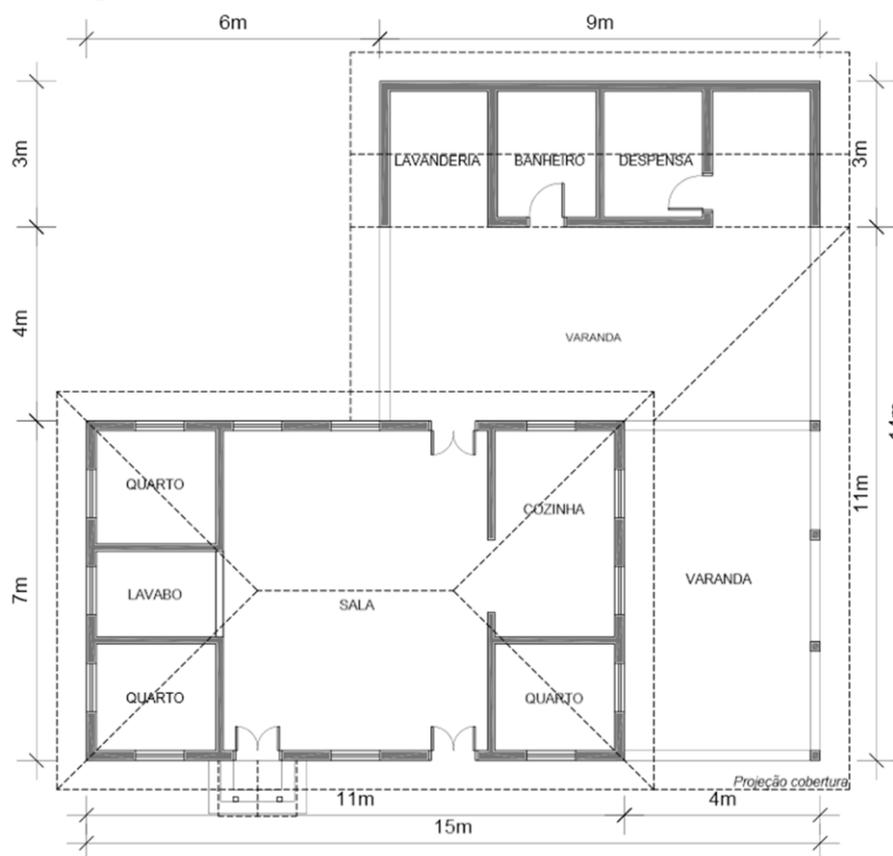
Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Situação – residência Freisleben – Linha do Rio (lotes rurais nº20 e nº22)



Planta baixa – croqui



Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultural

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS
INVENTÁRIO

Município: Santo Cristo

Ficha N°: RS/14: 00012

Localidade: Linha Central

Denominação do bem: Residência Kreutz II

Endereço/Localização: Linha Central

Proprietários: Eugênio Kreutz

Uso Original e atual: Residencial

Latitude: 27°49'33.3" Longitude: 54°39'41.2"

Erro Horizontal:

Proteção Existente: Não há

Proteção Proposta: Inventário

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A primeira residência foi construída pelos pais de Eugênio no ano de 1959, nela havia dois quartos, cozinha e varanda. Alguns anos depois, em 1972, foi construída mais uma residência ao lado da primeira. Entre elas há um corredor onde hoje se localiza o banheiro.

A residência encontra-se bastante degradada pelas intempéries, a pintura está muito desgastada e algumas esquadrias estão comprometidas. A parte interna da casa apresenta forro e assoalho de madeira. O baldrame da residência era apoiado sobre pilares de madeira e, em função do desgaste da estrutura ocasionado pela umidade, foram colocados tijolos maciços na parte inferior para o apoio da estrutura e fechamento do porão. Algumas melhorias na parte interna da edificação foram executadas no ano de 2014, como o revestimento das paredes do banheiro e troca da fiação elétrica.

Foto(s):



Fachada Frontal residência Kreutz II



Perspectiva residência Kreutz II

Responsável: Arquiteta Rocheli Andreia Diel

Data: Janeiro/2015

Imagens complementares (entorno, edificações)



Entorno residência Kreutz II



Lateral direita e fundos residência Kreutz II



Pilares de madeira e tijolos maciços na sustentação do baldrame



Lateral esquerda e fundos residência Kreutz II



Varanda nos fundos da residência



Detalhes da fixação da estrutura de madeira

FICHA COMPLEMENTAR**Análise Arquitetônica**

A residência Kreutz II localiza-se em uma propriedade rural que tem como base o trabalho familiar destinado a subsistência. A casa é cercada por uma tela e por cerca de madeira configurando um jardim frontal e pomar e horta nas laterais e fundos. No pátio, próximo à residência localizam-se as edificações para abrigo dos animais e das máquinas agrícolas.

A edificação é formada por dois retângulos que tem nas suas arestas pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura foi distribuída simetricamente em quatro águas em cada retângulo com telhas cerâmicas. O banheiro foi construído no corredor existente entre as duas edificações. Os tijolos maciços das paredes foram assentados com barro, já o reboco interno e externo foi executado com cimento. O contraventamento do sistema construtivo enxaimel foi feito com peças na forma “escora”. Percebe-se um grande contraste entre a cor da estrutura enxaimel e a alvenaria de vedação.

Cobertura

Edificação principal – Telhas cerâmicas-francesas com quatro águas em cada retângulo.

Tipo de Estrutura

Autoportante

Materiais

Estrutura: Fundação de madeira (original) e tijolos maciços (atual).

Vedação da estrutura: Alvenaria de tijolos maciços de barro cozido

Esquadrias: Madeira

Revestimento da Fachada: Reboco com cimento

Pintura da Fachada: Tinta Acrílica

Esquadrias (Tipo de Verga)

Vergas das Portas: Retas

Vergas das Janelas: Retas

Estado de Conservação (Modificação dos Elementos originais)

Homogêneo – Os elementos originais não foram substituídos por elementos novos.

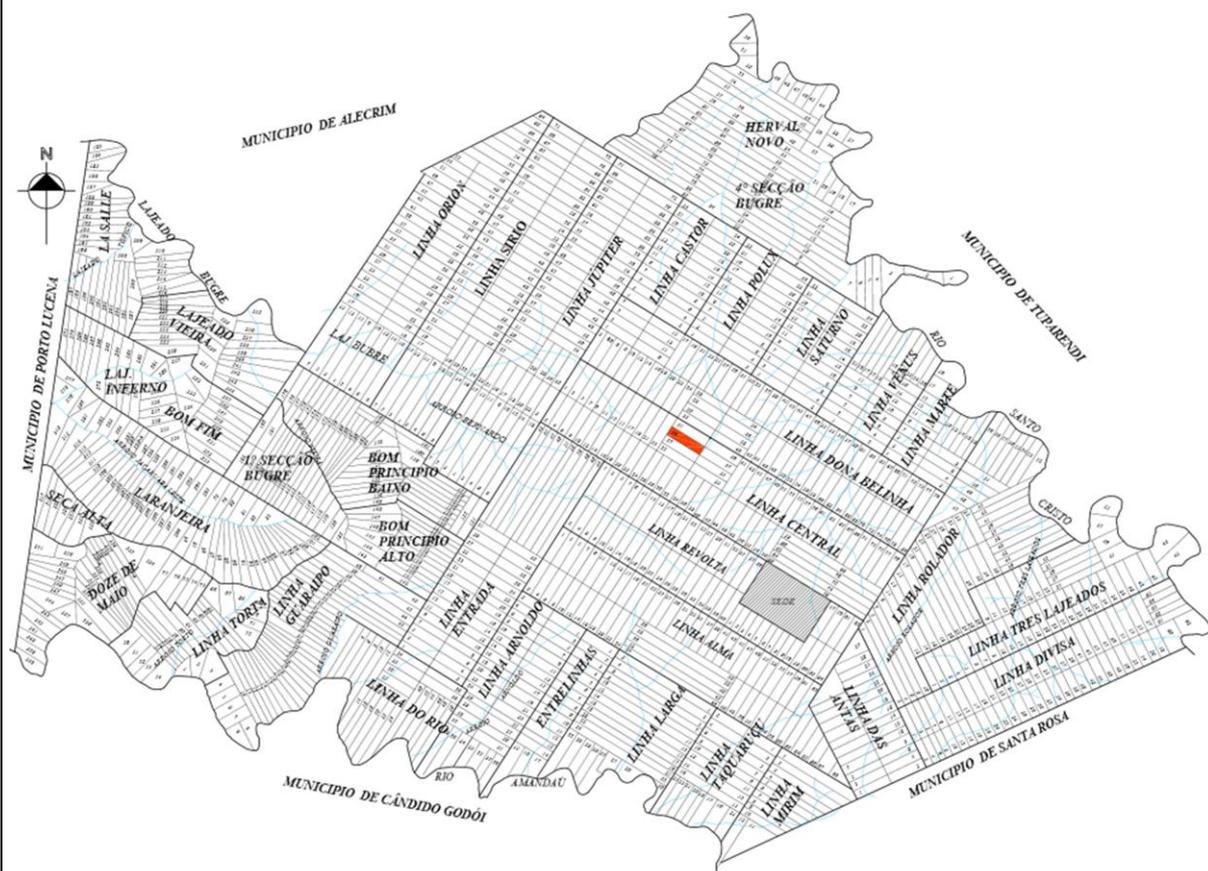
Estado Físico (Estado de degradação dos elementos construtivos)

Os elementos construtivos apresentam estado de conservação razoável, sendo necessários reparos na pintura e em algumas esquadrias.

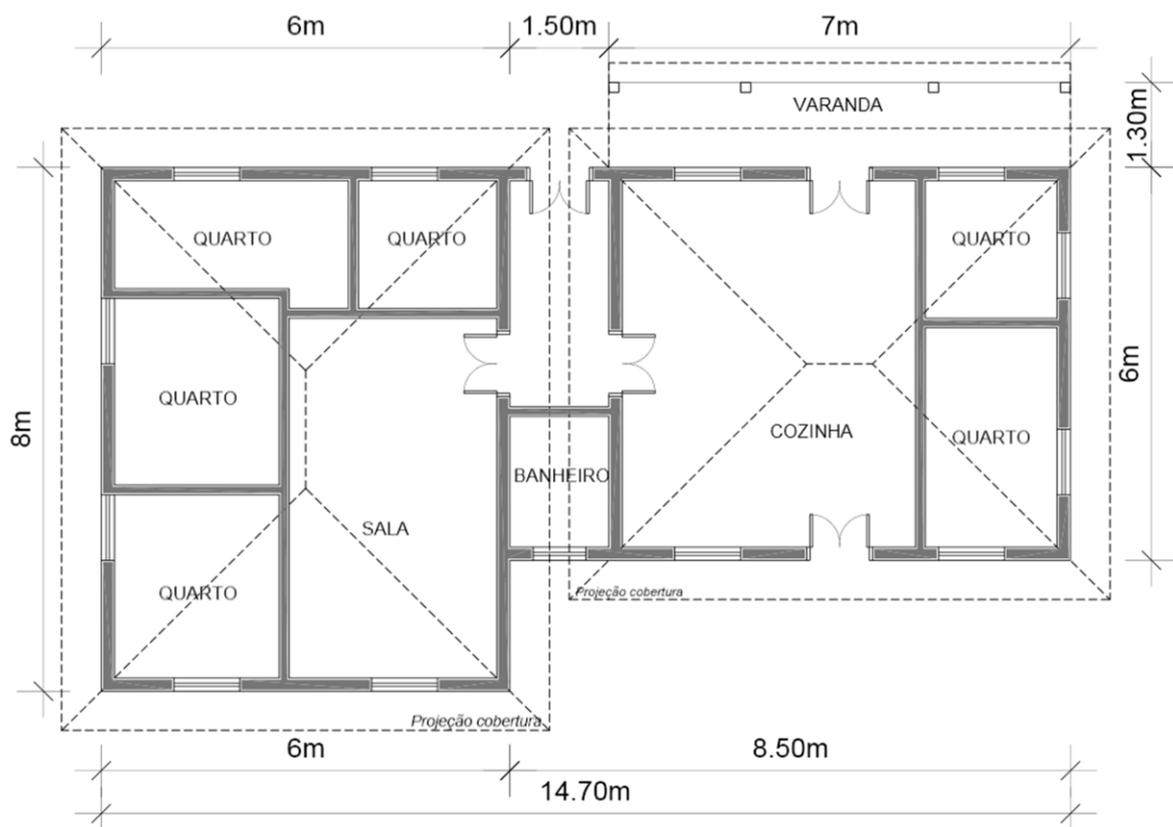
Entorno Próximo (A edificação em relação ao entorno)

A edificação é parte de um conjunto de construções independentes que configuram a propriedade.

Situação – residência Kreutz II – Linha Central (lote rural nº29)



Planta baixa – croqui



5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante algumas décadas, especialmente logo após a Segunda Guerra Mundial, o enxaimel foi visto com pouco interesse pela população de modo geral, nem sequer era conhecido fora das regiões onde era executado. Órgãos e entidades responsáveis pelo patrimônio cultural, especialmente o IPHAN, também não deram praticamente nenhuma atenção a ele. Trata-se de um dos reflexos das campanhas de nacionalização, e mesmo depois do término da guerra as comunidades alemãs, assim como as italianas e japonesas continuaram a ser mal vistas pela população brasileira. Isso resultou no chamado silêncio patrimonial (PEREIRA; LOUREIRO, 2008 apud VEIGA, 2013).

Para Veiga (2013) a partir dos anos 1970, passado o nacionalismo extremo da guerra e depois que se verificou que a Alemanha não era mais uma ameaça, iniciou-se uma movimentação para a valorização da cultura alemã, incluindo estas casas antigas. Este movimento está relacionado com as discussões nacionais e internacionais sobre a ampliação do conceito de patrimônio cultural. O IPHAN, sob a direção de Aloísio de Magalhães, no início dos anos 1980 propõe uma visão mais ampla de patrimônio, enfatizando a diversidade cultural brasileira. Passam a ser valorizadas não somente obras monumentais para a formação da identidade de um povo, mas também os saberes transmitidos através das gerações e em que residia sua verdadeira identidade. Internacionalmente, a Carta de Veneza, de 1964, também propunha uma visão ampla, já que conjuntos arquitetônicos antigos passaram a ter maior reconhecimento, podendo vir a ser considerados patrimônio cultural, além de conjuntos arquitetônicos urbanos, também as diferentes formas de arquitetura vernacular.

O conceito de estética da antiguidade era muito simples: a edificação era bela por cumprir sua função como moradia e este era o olhar predominante sobre esta arquitetura. As edificações eram consideradas belas por aqueles que as construíram e que acreditavam no saber da forma que consideravam correta, portanto a beleza era relacionada a utilidade. Um olhar antropológico, elimina a vinculação beleza com função e passa a ver nela a forma de expressão de um povo.

Outro fator importante citado por Veiga (2013) para a valorização desta arquitetura, é as possibilidades destas formas arquitetônicas serem vendidas como mercadoria cultural, pois nem todas as casas antigas ou todas as formas de arquitetura tradicional receberam este novo status, tendo somente algumas sido selecionadas para serem preservadas. O turismo cultural seleciona o que considera representativo e que pode ser convertido em atração cultural,

passando a vender a imagem como produto, exemplo do que ocorreu com as casas enxaimel catarinenses.

Os resultados alcançados pela pesquisa, indicam o grande valor das edificações inventariadas, em função de seus atributos formais e simbólicos, bem como aos relacionados ao contexto em que estão inseridas. Foi possível fazer uma análise detalhada das edificações, sua evolução histórica, transformações e deformações. Os dados obtidos pretendem destacar os elementos culturais e históricos atrelados às edificações, constituindo desta forma a base para a valorização da arquitetura enxaimel de Santo Cristo. A partir dos dados obtidos, pode-se efetuar a análise arquitetônica das edificações inventariadas.

As fundações das edificações enxaimel do Rio Grande do Sul, foram executadas em sua grande maioria com pedra de arenito aparelhada, pedra esta, existente em quase todas as regiões ocupadas pelos imigrantes. A pedra de arenito foi escolhida pelos imigrantes pela sua facilidade de ser trabalhada e esculpida (WEIMER, 2005). Já nas edificações inventariadas na área rural de Santo Cristo, a pedra foi utilizada nas fundações somente na Residência Kreutz I da Linha Central, construída em 1914 (figura 22).



Figura 22: Fundação de pedra - Residência Kreutz I.

Fonte: A autora, 2014.

A quase totalidade das edificações era estruturada inicialmente com pilares de madeira, distribuídos no contorno da edificação para descarregar as cargas da estrutura no solo. Entretanto, pelo fato de estar em contato direto com o solo a madeira absorveu umidade o que conduziu a ocorrência de patologias associadas às fundações. Para solucionar este problema, em grande parte das edificações, os pilares de madeira foram substituídos por pilares de tijolos maciços (figura 23). Ou, como ocorreu na residência Schumacher, todo o vão existente entre a edificação e o solo foi preenchido com tijolos maciços. As residências

Freisleben, Ghiel, Assmann e Sander apresentam fundação de alvenaria de tijolos maciços e porões semienterrados com pé-direito baixo que servem como depósito ou garagem (figura 24).



Figura 23: Pilares de tijolos maciços substituem os antigos pilares de madeira - Residência Theisen.
Fonte: A autora, 2014.



Figura 24: Fundação de alvenaria de tijolos maciços e porão semi enterrado – Residência Assmann.
Fonte: A autora, 2014.

Acerca dos sistemas construtivos desenvolvidos na Alemanha e já citados anteriormente, pode-se afirmar que todas as edificações analisadas seguem as características do sistema baixo-saxão, que se desenvolveu no norte da Alemanha. Este era o mais simples dos três sistemas construtivos, suas principais características eram os baldrames e os frechais contínuos. Os esteios das edificações também são contínuos e se encaixam nos baldrames. As portas e janelas foram feitas nos vãos entre dois esteios destacando-se as vergas e peitoris descontínuos e encaixados nos esteios.

Outro detalhe importante a se destacar é a não utilização de pregos ou parafusos para a fixação das peças da estrutura enxaimel bem como de outros elementos originais das residências como o forro, piso, esquadrias e escadas, todas as peças foram encaixadas com a própria madeira. Os contraventamentos que dão estabilidade e rigidez a estrutura, foram feitos na forma escora. Em seis das edificações analisadas, as peças de madeira ficam aparentes e foram pintadas com uma cor mais escura, diferenciando-as da alvenaria clara (figura 25). Nas demais, alvenaria e estrutura de madeira foram pintadas da mesma cor e o enxaimel só é percebido estando bem próximo da edificação (figura 26).



Figura 25: Peças de madeira aparentes e pintadas com cor mais escura –
Residência Schommer.
Fonte: A autora, 2014.



Figura 26: Alvenaria e estrutura de madeira pintados da mesma cor –
Residência Angst
Fonte: A autora, 2014.

O barro foi a técnica mais tradicional para o preenchimento dos tramos do enxaimel, devido a sua abundância. Sua utilização não era tão simples, porque devido as suas

características, depois de seco ele retraía. Isso fazia aparecer fissuras e dificultava o acabamento. Em decorrência disso, o barro era sempre associado com fibras e outros materiais que diminuía sua elasticidade (OLIVEIRA, 2011). Das doze edificações analisadas, somente na Residência Jung foram observadas paredes de madeira na parte externa da edificação (figura 27), todas as demais apresentam paredes de alvenaria de tijolos maciços de barro cozido. Algumas vezes os tijolos foram feitos de maneira rústica e artesanal, pelos proprietários da edificação, no local da obra. O reboco, também foi realizado na quase totalidade das edificações, com barro. Somente na residência Kreutz II, localizada na Linha Central, construída em 1959, o reboco das paredes foi executado com cimento.



Figura 27: Paredes externas da edificação em madeira—
Residência Jung.

Fonte: A autora, 2014.

As esquadrias das edificações são predominantemente de madeira, material abundante na época da construção destas edificações. As residências Weber e Ghel apresentam em alguns ambientes esquadrias metálicas substituindo as de madeira que estavam em condições precárias. Outra característica marcante da arquitetura enxaimel é a grande inclinação do telhado das casas, algo que permite a construção de mais andares e de sótãos. Nas residências identificadas em Santo Cristo, percebem-se duas possibilidades de cobertura, telhados com duas ou quatro águas e telhas metálicas de zinco ou telhas cerâmicas de barro do tipo francesas (figuras 28 e 29). Na maior parte das edificações os telhados ainda apresentam a cobertura original e receberam aplicação de pintura.



Figura 28: Cobertura da residência com quatro águas e telhas metálicas – Residência Sander.

Fonte: A autora, 2014.



Figura 29: Cobertura da residência com duas águas e telhas cerâmicas francesas – Residência Ghel.

Fonte: A autora, 2014.

A planta baixa típica da residência do imigrante alemão no Rio Grande do Sul apresentava dois pares de quartos nas extremidades e uma sala centralizada. De uma forma geral, podem ser identificados dois tipos de plantas baixas das edificações enxaimel da área rural de Santo Cristo. No primeiro grupo, a cozinha está localizada em uma edificação anexa ao corpo principal da casa, com cobertura independente (figura 30). As demais edificações apresentam quartos nas extremidades, sala e cozinha mais centralizadas (figura 31). Nas duas tipologias, o hábito de reunir a família passa a acontecer na cozinha e a sala fica como um espaço mais reservado.

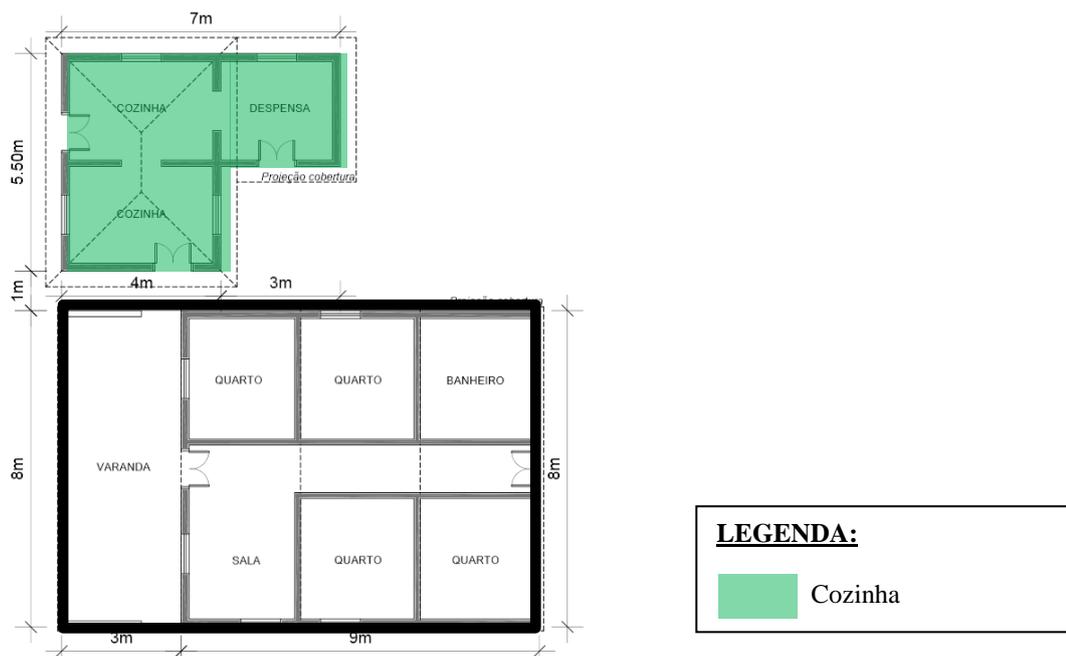


Figura 30: Cozinha em edificação anexa ao corpo principal da casa –
Residência Weber.
Fonte: A autora, 2014.

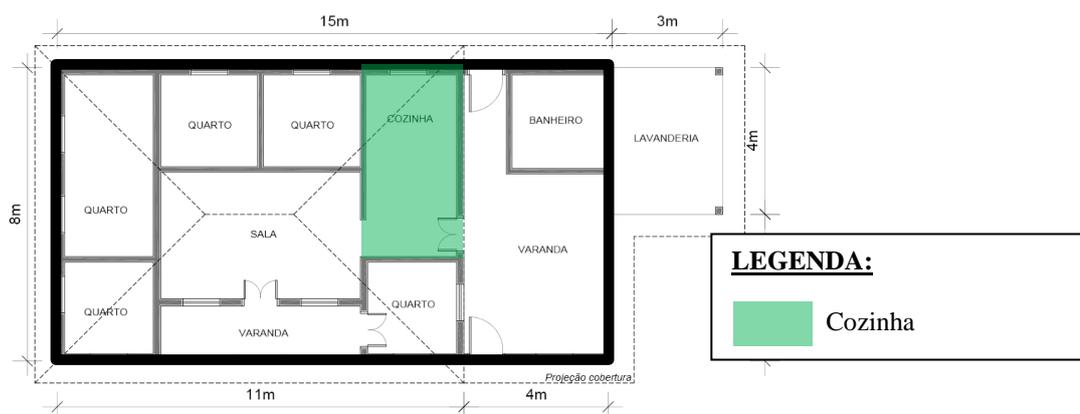


Figura 31: Cozinha integrada ao corpo principal da casa –
Residência Assmann.
Fonte: A autora, 2014.

Nas residências que apresentam a cozinha em uma edificação independente, Kreutz I, Weber e Theisen, os quartos se localizam nas extremidades da edificação principal, a sala dá acesso aos dormitórios e se comunica com uma varanda que faz a ligação com a edificação anexa da cozinha. São visíveis as ampliações realizadas nestas edificações, na Residência Theisen, a ampliação da lateral direita originou varanda e banheiros. Na Residência Weber, a ampliação originou banheiro e mais um dormitório e por fim na Residência Kreutz I, a ampliação trouxe a cozinha para junto do corpo principal da casa bem como uma varanda.

A organização das plantas baixas das residências Schummacher e Kreutz II apresentam semelhança por terem sido construídas duas edificações. Em um primeiro momento, a edificação contava com dois dormitórios e uma cozinha. Posteriormente, foi construída uma nova edificação, bem próxima da primeira, no caso da Residência Schumacher (figura 32), emendada, e nesta foram distribuídos três ou quatro quartos e sala. Na residência Kreutz II (figura 33) o vão existente entre as duas casas originou o banheiro.

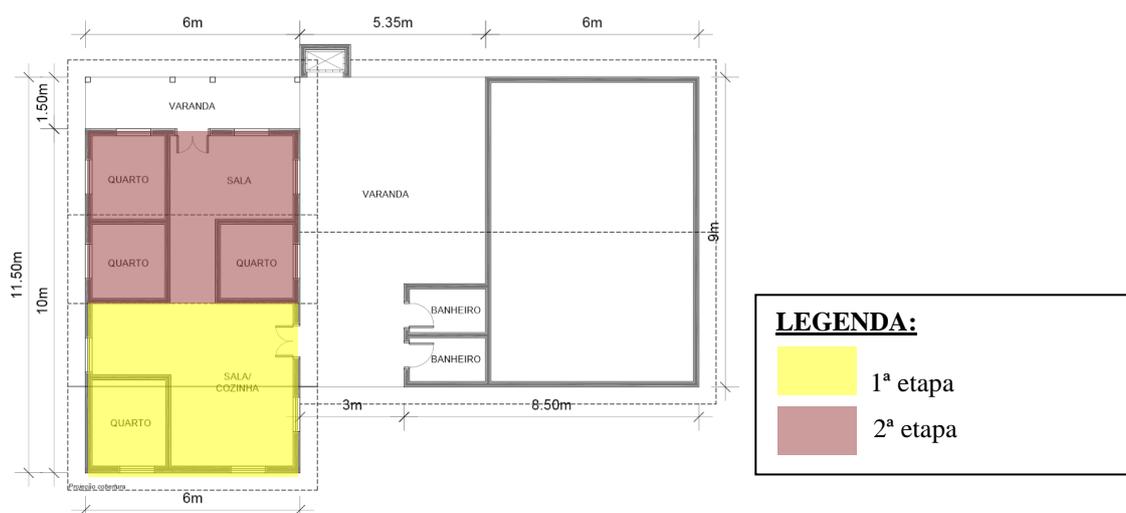


Figura 32: Planta baixa Residência Schummacher.
Fonte: A autora, 2014.

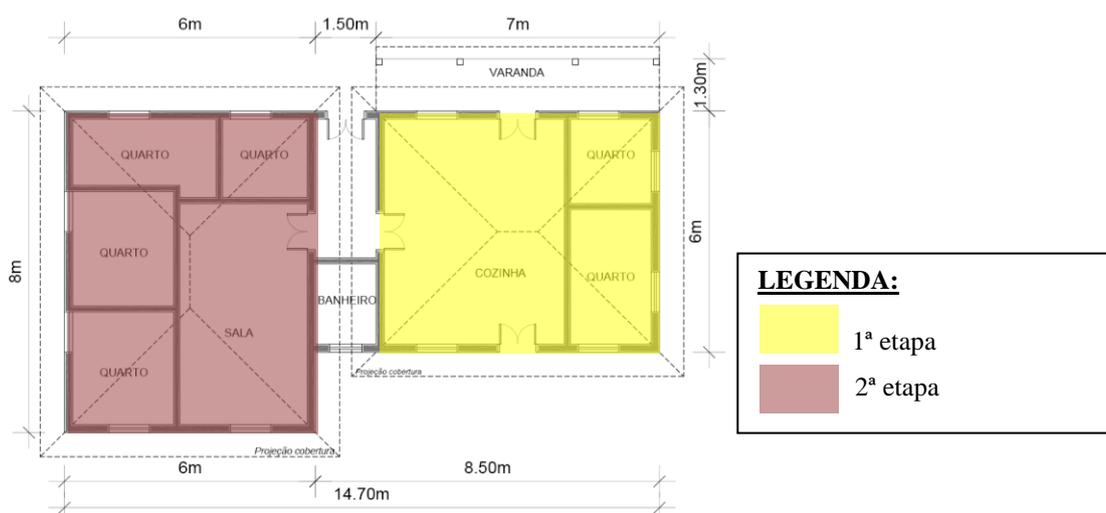


Figura 33: Planta baixa residência Kreutz II.
Fonte: A autora, 2014.

A característica comum encontrada nas plantas baixas das residências Schommer e Jung é o posicionamento dos quartos em uma das laterais da residência e na outra, sala e

cozinha. Na Residência Jung (figura 34), a ampliação na lateral direita originou varanda, despensa, banheiro e lavanderia. Já na Residência Schommer (figura 35) observa-se que cozinha e banheiro foram construídos posteriormente.



Figura 34: Planta baixa residência Jung.
Fonte: A autora, 2014.

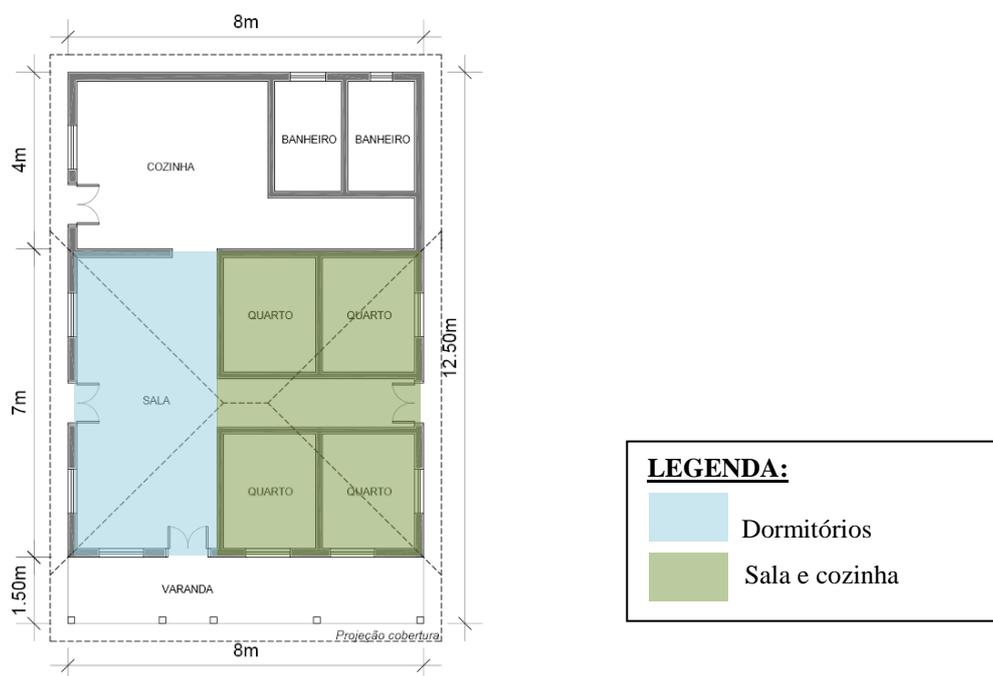


Figura 35: Planta baixa Residência Schommer.
Fonte: A autora, 2014

As residências Sander, Assmann e Freisleben apresentam grande semelhança nas dimensões e na distribuição dos ambientes em planta baixa. Observa-se que as três residências

apresentam quartos na lateral esquerda, bem como cozinha e dormitório na lateral direita. A parte central da residência é ocupada pela sala, no caso da Residência Freisleben (figura 36), ou pela sala e quartos nas Residências Sander (figura 37) e Assmann (figura 38). Nos três casos, as ampliações realizadas para abrigar, banheiro, despensa e varanda aconteceram prolongando-se uma das águas do telhado para o lado direito da edificação. A Residência Freisleben apresenta pequena varanda frontal, protegendo apenas o acesso da residência, enquanto as Residências Sander e Assmann apresentam varandas com dimensões razoáveis.

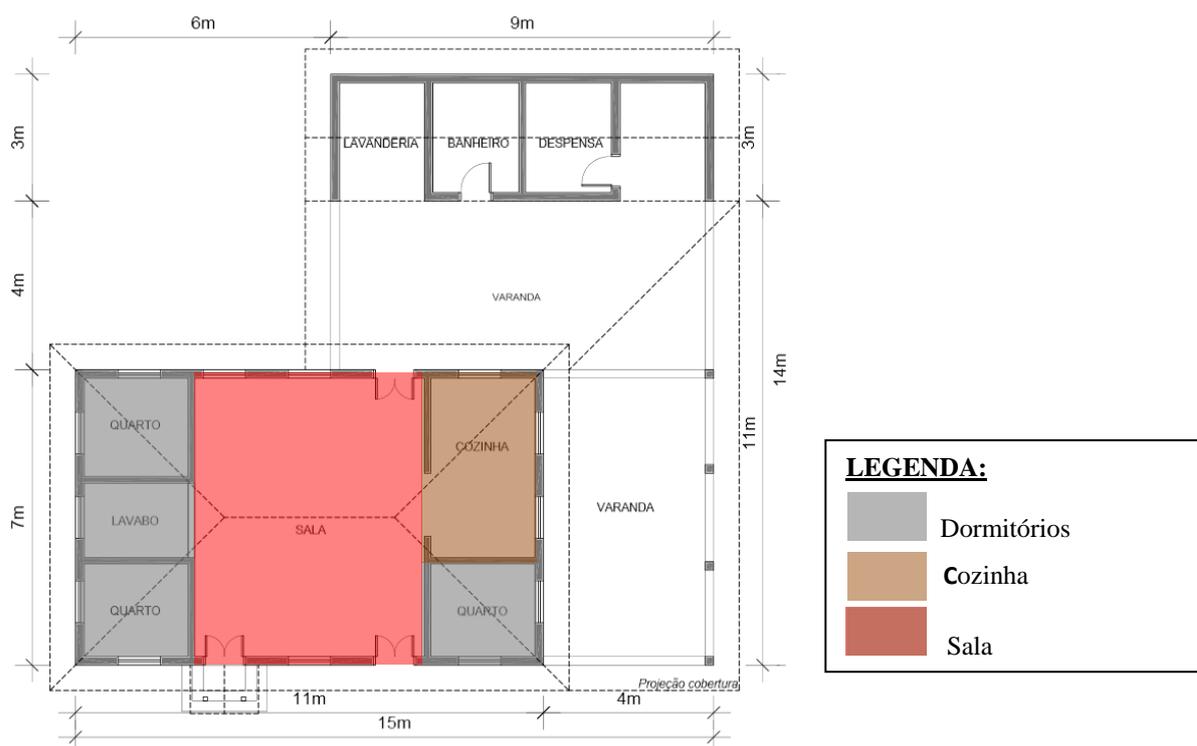


Figura 36: Planta baixa Residência Freisleben.
Fonte: A autora, 2014.

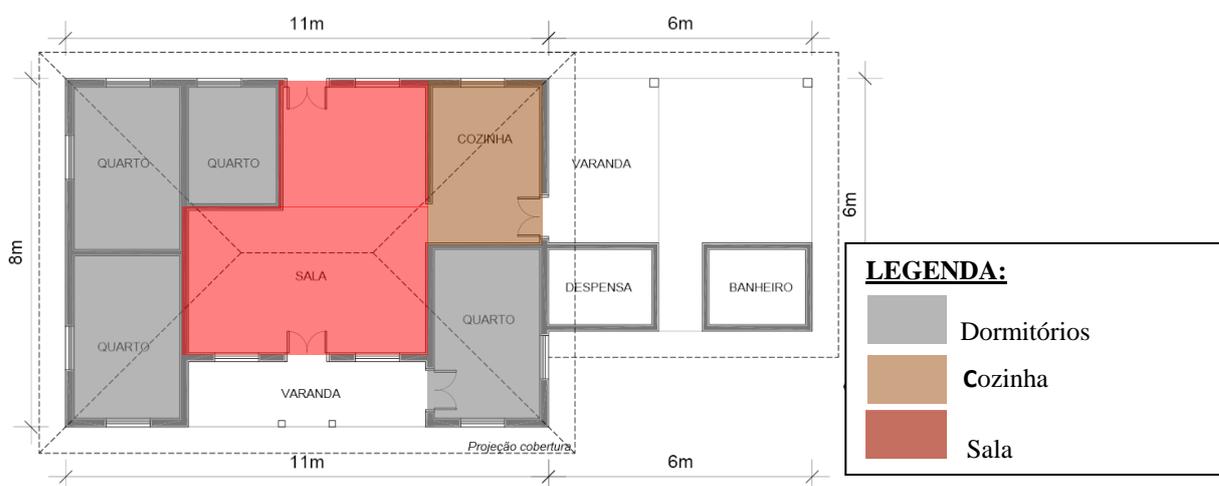


Figura 37: Planta baixa Residência Sander.
Fonte: A autora, 2014

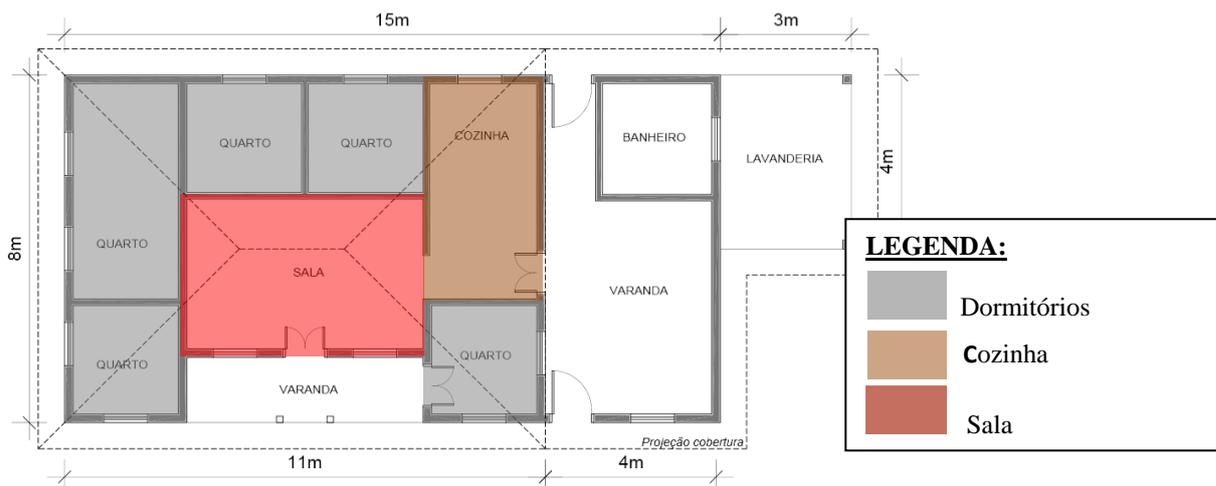


Figura 38: Planta baixa Residência Assmann.
Fonte: A autora, 2014

As plantas baixas das Residências Angst (figura 39) e Ghiel (figura 40) não apresentam características semelhantes, entretanto, destacam-se por apresentarem grande inclinação e altura dos telhados o que possibilitou a existência de um sótão na parte superior das mesmas.



Figura 39: Fachada Residência Angst.
Fonte: A autora, 2014



Figura 40: Fachada Residência Ghiei.

Fonte: A autora, 2014

Em todas as propriedades, no pátio são encontradas um conjunto de construções independentes, além da residência que apresenta local de destaque, também são encontrados galpão, estábulo, galinheiro, chiqueiro. As residências são sempre cercadas por uma tela, configurando o espaço do jardim, da horta e do pomar.

Quanto ao estado de conservação das residências, a única que não teria necessidade de nenhum tipo de reforma é a Residência Angst. Em todas as demais seriam necessários reparos na pintura, nas esquadrias, nos telhados e em algumas delas, como no caso das Residências Schummacher e Schommer, na própria estrutura.

A fim de que a cidade ou a área rural se desenvolva de maneira plena e em consonância com sua paisagem histórica, a preservação destas edificações não pode ser estanque. Ainda existe uma visão distorcida da população em relação ao patrimônio, que algumas vezes é visto como impeditivo do progresso urbano, sendo estimado somente pelo seu valor imobiliário, geralmente pelo desconhecimento de suas particularidades.

A catalogação das edificações enxaimel além de trazer o conhecimento de seus contextos, poderá atuar como instrumento de políticas públicas, tanto para a sua preservação, como para ações que promovam a economia do local, garantindo a evolução social e cultural da população, sendo o inventário utilizado de maneira interdisciplinar para que seja efetivo.

O inventário produzido será disponibilizado para consulta pela comunidade, junto a Prefeitura Municipal e nas escolas, sendo visto como instrumento de referência para o planejamento de ações de valorização e preservação do patrimônio, podendo articular-se às políticas e planos que poderão integrar um futuro Plano Diretor. Tem-se a expectativa de novos estudos referentes ao tema abordado, com a continuidade do inventário contemplando

mais edificações da área rural e também da área urbana, podendo contribuir para a preservação dos bens de interesse arquitetônico, histórico e cultural.

Apoiado nessa busca do conhecimento sobre a preservação da arquitetura enxaimel no município, o trabalho desenvolveu, como produto, o Jogo da Memória Patrimonial, apresentado a seguir.

5.1 Jogo da Memória Patrimonial

Os dados obtidos através das edificações inventariadas serviram de base para o desenvolvimento de um material de divulgação e promoção do patrimônio. Com o intuito da investigação se tornar pública, deve-se externar o conhecimento adquirido, criando relações de valorização histórica e cultural dos bens frente a população. O produto da dissertação também poderá auxiliar na complementação do ensino nas escolas do município e possivelmente estimular a visitação das residências, fomentando o turismo cultural e o crescimento econômico da cidade.

A fim de possibilitar uma maior aproximação da população com as questões patrimoniais, foi confeccionado o *Jogo da Memória Patrimonial* que é formado por algumas informações relacionadas às edificações e figuras que despertem interesse e tornem o jogo agradável e didático.

O jogo da memória, muito conhecido de crianças e de fácil utilização, é formado por cartas, que apresentam em um dos lados uma figura, esta figura é repetida em duas cartas. No início do jogo as cartas são dispostas com as figuras para baixo, assim, não podem ser visualizadas. O participante levanta duas cartas aleatórias e verifica se as figuras são iguais, se forem, o participante recolhe as cartas e pode tornar a jogar. Caso seja diferente, recoloca as cartas novamente no mesmo lugar e passa a vez para o próximo jogador. Vence o jogo, aquele jogador que tiver recolhido mais pares de carta.

Assim, a utilização de um jogo simples e didático possibilita para as crianças o conhecimento da história e da identidade da cidade, criando uma cultura preservacionista, mesmo na mais tenra idade.

O tema escolhido para as peças do jogo, o patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo, se relaciona com o cotidiano das pessoas. Com isso, procura-se contribuir com a história da cidade e preservação de testemunhos do passado, registrando

alguns dos exemplares considerados importantes sob o ponto de vista arquitetônico, histórico e cultural presentes na área rural do município de Santo Cristo.

Pretende-se através da distribuição do *Jogo da Memória Patrimonial* nas escolas, incentivar a educação patrimonial, promover políticas para criação, produção, circulação, troca e consumo de bens culturais arquitetônicos. Na figura 41 é apresentada uma das peças do jogo para demonstrar como ele foi organizado e na figura 42 apresentam-se todas as cartas do jogo.



Figura 41: Peça integrante do Jogo da Memória Patrimonial.
Fonte: A autora, 2014.

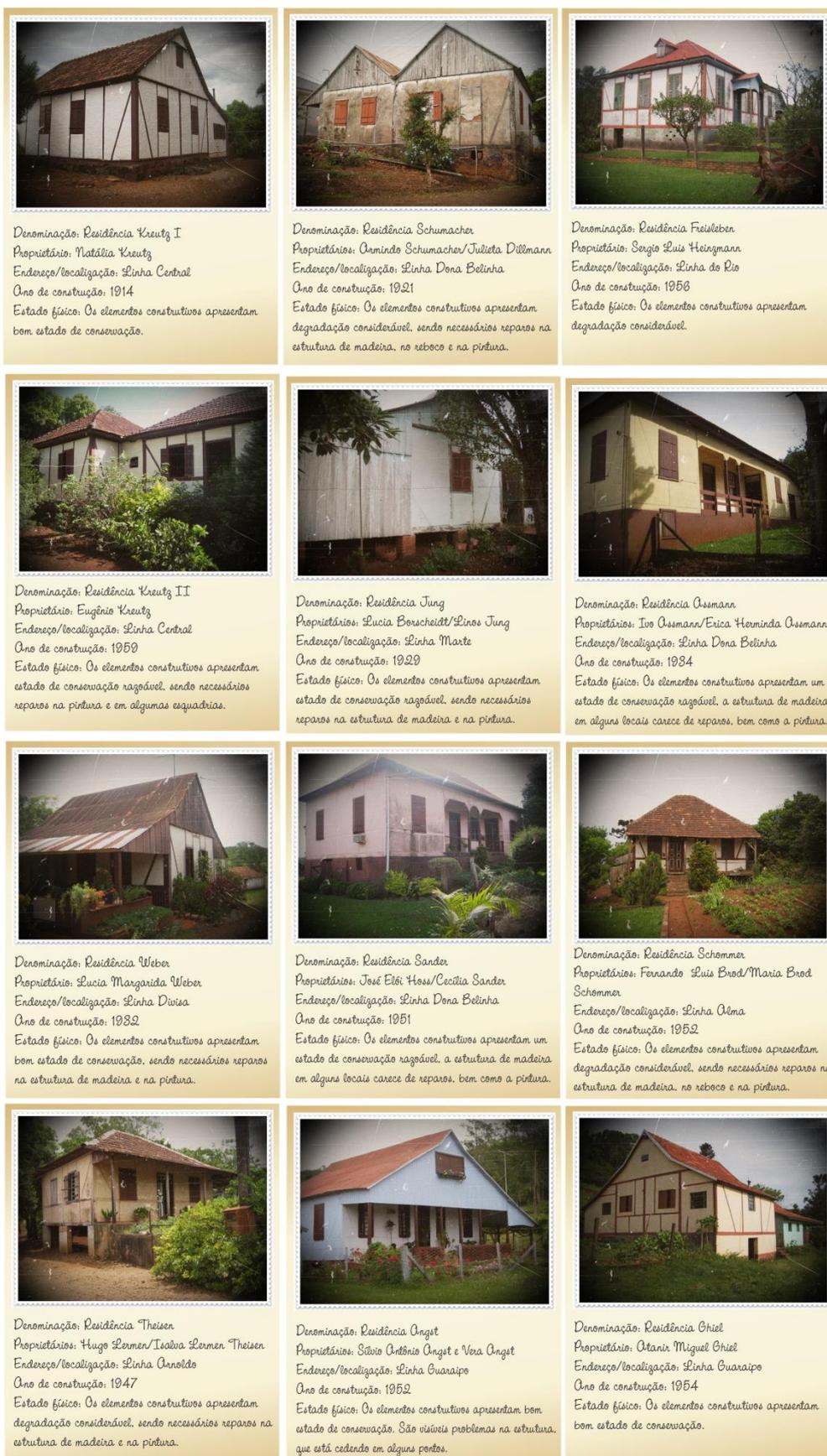


Figura 42: Cartas do Jogo da Memória Patrimonial.

Fonte: A autora, 2014.

6 CONCLUSÃO

A preocupação com o patrimônio cultural vem ganhando maior visibilidade e envolvimento da sociedade através dos anos, apesar de constituir-se em um tema bastante complexo. O patrimônio cultural deve fazer sentido no nosso cotidiano, pois é um meio de nos ligar ao passado. A valorização da cultura local é promovida através do estímulo da população com relação às questões patrimoniais.

Ao longo do trabalho foram desenvolvidas pesquisas e reflexões acerca das concepções de patrimônio cultural, seus marcos teóricos e limites cronológicos. À medida que o processo histórico avança esses conceitos se ampliam e ganham novas perspectivas no intuito de responder as necessidades da sociedade. O patrimônio cultural é tratado pelas normas internacionais como um todo dentro da diversidade cultural dos povos e um direito e propriedade da humanidade.

Este trabalho desperta a importância do patrimônio arquitetônico enxaimel como símbolo identitário do município de Santo Cristo almejando que a população passe a ser sujeito ativo da história da cidade. Para valorizar o patrimônio, a população deve primeiramente conhecê-lo e sua preservação depende dos valores atribuídos à história.

Com a Constituição Federal de 1988 o patrimônio cultural foi amplamente defendido e diversificado. A partir do ano 2000, o IPHAN põe em prática estas ideias através do registro do patrimônio imaterial. Também as formas de arquitetura tradicional passaram a ser valorizadas no Brasil e internacionalmente, sendo vistas como um elo perdido com um tempo já acabado, pode-se dizer que ocorreu um novo movimento romântico, nos moldes do original do século XIX. As construções tradicionais, que até então eram vistas com descaso, passam a ser importantes na contemporaneidade justamente por terem sobrevivido ao tempo.

A pesquisa contemplou parte do patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural do município de Santo Cristo que lhe confere identidade e rememora seu passado, mas que muitas vezes não é reconhecido pela comunidade. Evidenciando o valor do patrimônio local e refletindo através da história do município pretende-se despertar comunidade e poder público para as discussões acerca da questão patrimonial, promovendo a preservação dos bens que são de responsabilidade de todos.

Através da análise detalhada das edificações que compõe o inventário e de seus elementos, é possível concluir que todas as doze edificações apresentam contraventamento do sistema construtivo enxaimel do tipo escora. Também, é possível afirmar que havia grande

habilidade e domínio da técnica por parte dos construtores da época, o que é demonstrado através dos encaixes encontrados na estrutura de madeira, sem a utilização de pregos ou parafusos. Ainda, foi possível observar adaptações das edificações a realidade climática atual, principalmente devido ao calor e as chuvas do verão. As varandas surgem como elemento importante para amenizar o calor e desta forma possibilitar um maior conforto térmico.

Deve-se discutir também o equilíbrio entre a preservação do enxaimel como patrimônio histórico e como uma alternativa a ser explorada para fins turísticos. Isso desperta a consciência de um patrimônio histórico e cultural preservado, valorizado e utilizado como alternativa turística contribuindo desta forma, para o desenvolvimento econômico do município.

Com a divulgação do Jogo da Memória Patrimonial, o patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo deixará de ficar no esquecimento, pois o jogo deverá ser um instrumento de auxílio na ligação entre o cidadão e a paisagem edificada em que vive. A cultura local será valorizada através do estímulo e conscientização da população sobre as questões patrimoniais. O apoio dos órgãos públicos, entidades de classe e principalmente das instituições de ensino será de muita importância para a efetividade da aplicação do jogo. A contribuição das instituições que prezem pelas questões preservacionistas será fundamental, sendo possível criar uma rede de ligação e de proteção à história e a cultura, dentro de um sistema multidisciplinar e com a participação da coletividade.

Além de uma possível extensão desta pesquisa, incluindo mais exemplares da área rural no inventário, ampliando o recorte temporal, seria interessante estendê-la as edificações enxaimel da área urbana do município. Também seria possível ampliar o estudo para um inventário do patrimônio arquitetônico que não enfatize somente este modelo tradicional de arquitetura, o enxaimel, mas os demais estilos arquitetônicos observados em diversas edificações representantes de momentos distintos da arquitetura mundial encontradas no município.

A aplicação deste trabalho pretende promover a valorização dos bens materiais que compõem a identidade dos santo-cristenses, bem como incentivar a preservação destas edificações, já que o desconhecimento por parte da população de sua própria história e cultura torna os elementos que as ligam ao meio em que vivem sem significado. Este é o grande desafio para o patrimônio arquitetônico enxaimel de Santo Cristo, trabalha-lo sob uma nova perspectiva onde a comunidade receptora se beneficie e também almeje a sua preservação.

REFERÊNCIAS

ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BITTENCOURT, R. M. **Concepção Arquitetônica da Habitação em Madeira**. São Paulo, SP. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo – USP, 1995.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Florença, 1981**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Florenca%CC%A7a%201981.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

BRASIL. **Decreto nº 25**. Novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Último acesso em: 30 de junho de 2014.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Restauro de Atenas**. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Declaração do México, ICOMOS, 1985**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=29194FBA305B2610B5EB3CA4A3A30AFC?id=255>. Acesso em: 05 de dezembro de 2013.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória**. Brasília, DF: MEC/SPHAN, 1980.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Recomendação Paris, UNESCO, 1972**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=244>. Acesso em: 05 de dezembro de 2013.

BRITO, Mario da Silva. As coordenadas do século XX. In: XAVIER, Alberto (org.); **Depoimento de uma geração: Arquitetura moderna brasileira**. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura. São Paulo: Cosacnaify; 1ª edição, 2003.408 p.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: Conceitos, Políticas e Instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CAVALCANTI, Lauro.(org). **Modernistas na Repartição**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3ª Edição. São Paulo Editora: UNESP, 2006.

CONDURU, Roberto. **Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial**. 2014. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>. Acesso em 22 de maio de 2014.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. Edições do Patrimônio. 2ª edição – Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DE GUIMARAENS, Cêça de. **Arquitetura e Urbanismo. 2004**. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/Contecsi2004/BrasilEmFoco>>. Acesso em: 29 de maio 2014.

FERREIRA, Aurélio B. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.

FRANCISCO FERNANDES, Celso e PEDRO LUFT, F. Marques Guimarães. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo, PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

GISLON, Jacinta M. **A invenção da cidade germânica: tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha – SC**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2013.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Iphan, 1996.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana: textos para reflexão e polemica**. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430280#>>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.

IPHAE - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO. **Histórico**. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br>>. Acesso em: 12 de julho de 2014.

KÜHL, Beatriz M. **Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre sua preservação**. 1ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnicas de pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Ed. Atlas, 1985.

LE GOFF, Jacques. 1985. **Documento/Monumento**. Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 2010. 127 p. (Coleção Primeiros Passos; 51)

LEMOS, Cristian Iribarrem. **O comércio de materiais de demolição. A análise histórica e conceitual sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural**. Arqutextos. Portal VITRUVIUS, edição 239 – junho 2004.

MELLO, Claudio Renato C. **Levantamento e identificação do patrimônio arquitetônico urbano de Ijuí construído entre os anos de 1890 e 1960**. Santa Maria, RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2013.

MELLO, Joana. **Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira**. 1. ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007. 264 p.

MORAIS, Michelle. **Inventário Urbano de Caçapava do Sul: Patrimônio de valor arquitetônico, histórico e cultural**. Santa Maria, RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2013.

MOREIRA, Pedro C. **O Inventário do Patrimônio Arquitetônico de Cruz Alta –RS**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2014.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)**. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Daniel S. **Resgate de técnicas construtivas mais sustentáveis: análise e descrição do sistema enxaimel**. Porto Alegre-RS. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2011.

PANORAMIO. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/21140013>. Acesso em 12 de julho de 2014.

PEREIRA, Renata Baesso. **Tipologia arquitetônica e morfologia urbana**. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. Arqutextos, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jul. 2012. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/13.146/4421>>. Acesso em : 15 agosto 2014.

PEREIRA, Julia W.; LOUREIRO José M. M. **O instituto do patrimônio histórico e artístico nacional e o patrimônio cultural dos imigrantes: o reconhecimento de novos sujeitos**. In: Locus, revista de história, Juiz de Fora, v.14, n.2, 2008, p.83-102.

PIMENTA, Luís Fugazzola; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **A Formação das cidades e das paisagens da imigração em Santa Catarina: memória e preservação**. XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://xiisimpurb2011.com.br/gt13/>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

PREISLER, Camila. **Identificação dos bens edificados considerados patrimônio cultural: o caso do município de Sata Rosa**. Santa Maria, RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2010.

REISEWITZ, Lucia. **Direito Ambiental e Patrimônio Cultural – Direito á preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2004.

REIS FILHO, Nestor G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Carta Internacional sobre a Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios**, 1987.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.

RIO GRANDE DO SUL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual. **Patrimônio edificado – Orientações para sua preservação**. 2ª Edição. Porto Alegre, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 10.116**. Março de 1994. Institui a Lei do Desenvolvimento Urbano. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=LegislacaoAc&Clr=1>>. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 31.049**, de 12 de janeiro de 1983. Organiza sob a forma de sistema as atividades de preservação do patrimônio cultural. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=LegislacaoAc&Clr=1>>. Acesso em: 16 de abr. de 2014.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **O Eclétismo e seus Contemporâneos na Arquitetura do Rio de Janeiro**, in CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo. Casa da Palavra: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2000.

SANTO CRISTO, Prefeitura Municipal. **Histórico do Município**, 2009.

SANTO CRISTO, Prefeitura Municipal. **Revista Memória Fotográfica**, 1997.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SEYFERTH, Giralda. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, 2000.

SEYFERTH, Giralda. **A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira**. In. FIORI, Neide Almeida. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 21-61, 2003.

SIEBERT, Cláudia Freitas. **A evolução urbana de Blumenau: a cidade se forma (1850-1938)**. In: THEIS, Ivo Marcos, et.al. (orgs). *Nosso passado (In) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau*. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

SOUZA, Célia F. **Contrastes regionais e formações urbanas**. 1ª Edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SOUZA FILHO, Carlos. F. M. **Bens Culturais e sua Proteção Jurídica**. 5ª Edição. Curitiba: Editora Juruá, 2009.

VALE, Marília M. B. Teixeira. **Instrumentos Legais de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. 2º Curso Gestão Urbana Democrática e Sustentável – 2012. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design – UFU. Disponível em: <http://www.cidadefutura.net.br/docs/>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

VEIGA, Maurício B. **Arquitetura neo- enxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma tradição estética**. São Paulo, SP. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo – USP, 2013.

WEIMER, Günter. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 1ª Edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

WEIMER, Günter. **Arquitetura**. 4ª Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

WEIMER, Günter. **Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. 1ª Edição. Porto Alegre: Edições EST, 2004.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WIKIPÉDIA. 2013. Município de Santo Cristo.

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Cristo. Acesso em 10 de dezembro de 2013.

ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha, SC: UNESC, 2012.

ANEXOS

ANEXO A – Ficha de inventário do IPHAN

INVENTÁRIO DOS BENS EDIFICADOS DO RIO GRANDE DO SUL

MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN - 12ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO - IPHAE

1 - IDENTIFICAÇÃO MUNICÍPIO: QUARTEIRÃO: DENOMINAÇÃO: USO ORIGINAL/ ATUAL: ENDEREÇO: PROPRIETÁRIO:		2 - FICHA Nº
		3 - GRAU DE PROTEÇÃO:
4 - SITUAÇÃO	5 - CROQUI DA PLANTA BAIXA	
6 - FOTOGRAFIA DA EDIFICAÇÃO		

ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

7 - COBERTURA: N ^o DE ÁGUAS: _____ TELHAMENTO <input type="checkbox"/> CAPA/CANAL <input type="checkbox"/> FRANCESA <input type="checkbox"/> FIBROCIM. <input type="checkbox"/> OUTRO ACABAMENTO <input type="checkbox"/> BEIRA BICA <input type="checkbox"/> BEIRA SEVEIRA <input type="checkbox"/> LAMBREQUIM <input type="checkbox"/> OUTRO COROAMENTO <input type="checkbox"/> CIMALHA <input type="checkbox"/> PLATIBANDA <input type="checkbox"/> FRONTÃO <input type="checkbox"/> OUTRO						8 - TIPO DE ESTRUTURA: <input type="checkbox"/> INDEPENDENTE <input type="checkbox"/> PORTANTE	
9 - MATERIAIS	SUBSOLO	1 ^o PAVIMENTO	2 ^o PAVIMENTO	3 ^o PAVIMENTO	SÓTÃO	10 - ESQUADRIAS (TIPO DE VERGA) VERGAS DAS PORTAS: _____ VERGAS DAS JANELAS: _____	
	ESTRUTURA						
	VEDAÇÃO DA ESTRUTURA						
	ESQUADRIAS						
	REVESTIMENTO DE FACHADA						
PINTURA DA FACHADA							
11 - ESTADO CONSERVAÇÃO (MODIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS ORIGINAIS) <input type="checkbox"/> HOMOGÊNEO (ORIGINAL) <input type="checkbox"/> HETEROGÊNEO (APRESENTA SUBSTITUIÇÃO DE ALGUNS ELEMENTOS ORIGINAIS POR ELEMENTOS NOVOS). <input type="checkbox"/> DESCARACTERIZADO (MUITOS ELEMENTOS SUBSTITUÍDOS)			12 - ESTADO FÍSICO (INFORMAR NESTE ÍTEM O ESTADO DE DEGRADAÇÃO DOS ELEMENTOS CONSTRUTIVOS)				
13 - DADOS HISTÓRICOS OU REFERÊNCIAS CULTURAIS : FONTE:							
14 - ENTORNO PRÓXIMO (A EDIFICAÇÃO EM RELAÇÃO AO ENTORNO) <input type="checkbox"/> EDIFICAÇÃO DE REFERENCIAL URBANO <input type="checkbox"/> EDIFICAÇÃO COMO PARTE DE UM CONJUNTO <input type="checkbox"/> EDIFICAÇÃO CONFORMADORA DO PERFIL URBANO							
15 - FOTO DO ENTORNO:					16 - OBSERVAÇÕES		
17 - PESQUISADOR							
18 - DATA							

ANEXO B – Valores de seleção estabelecidos aos bens inventariados, segundo o Sistema de Rastreamento Cultural – IPHAE

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultura

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M01

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Instâncias: Valores de seleção estabelecidos aos bens inventariados	
Instância Cultural:	
Referência histórica	Fato histórico de interesse para a comunidade
Valor de antiguidade	Marco histórico no processo de transformação da cidade
Valor tradicional ou evocativo	Significado referencial para a comunidade. Significado afetivo
Referência coletiva	Por seu significado torna-se ponto de referência coletiva
Instância morfológica	
Valor arquitetônico	Edificações que oferecem interesses pelas qualidades formais que apresentam
Referência historiográfica	Influência de modelo consagrado da história da arquitetura
Raridade formal	Expressão rara de manifestação da cultura regional ou qualificada, por formas valorizadas
Elemento referencial	Elemento construído preponderante na paisagem urbana
Compatibilidade dos anexos	Valor encontrado explicitada a compatibilidade do original e seu(s) anexo(s)
Instância funcional	
Compatibilização com a estrutura urbana	Delimitação não acarreta conflitos com a dinâmica do sistema urbano
Potencial de reciclagem	Estrutura passível de readequação funcional
Uso tradicional	Permanência de usos originais nas estruturas existentes
Uso peculiar	Presença de atividade de caráter peculiar
Instância técnica	
Raridade na técnica construtiva	Execução através de técnica construtiva rara
Raridade no emprego de materiais	Emprego de materiais em desuso
Risco de desaparecimento	Processo acelerado de degradação, portanto, em risco de desaparecimento
Bom estado de conservação	Obras que resistiram ao tempo sem adequada manutenção
Instância paisagística	
Compatibilização com a paisagem urbana	Em harmonia com a diversidade da paisagem, com o contexto urbano, seja em escala e/ou tipologia

Conjunto de unidades – cenário	Sua inexistência descaracteriza o cenário que compõe. O valor existe no conjunto de unidades
Estruturação do cenário da quadra	Conjunto estruturador, preponderante na configuração da paisagem da quadra
Elemento referencial	Destaque na paisagem, torna-se referência
Instância legal	
Proteção federal	Incidência de legislação de preservação em nível federal
Proteção estadual	Incidência de legislação de preservação em nível estadual
Proteção municipal	Incidência de legislação de preservação em nível municipal